

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

JOSÉ ISHAC BRANDÃO EL KHOURI

**A CATEGORIA DE POSSE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA EM UMA
PERSPECTIVA TIPOLOGICA**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

José Ishac Brandão El Khouri

3. Título do trabalho

A CATEGORIA DE POSSE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA EM UMA PERSPECTIVA TIPOLOGICA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **José Ishac Brandão El Khouri, Discente**, em 21/10/2025, às 17:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Monica Veloso Borges, Professora do Magistério Superior**, em 22/10/2025, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5738969** e o código CRC **F4F8FAE7**.

Referência: Processo nº 23070.014301/2025-59

SEI nº 5738969

JOSÉ ISHAC BRANDÃO EL KHOURI

**A CATEGORIA DE POSSE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA EM UMA
PERSPECTIVA TIPOLOGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: LP4 – Forma e funcionamento de línguas naturais com ênfase em língua portuguesa, línguas indígenas e línguas de sinais

Orientadora: Dra. Mônica Veloso Borges

Coorientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

El Khouri, José Ishac Brandão

A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica [manuscrito] / José Ishac Brandão El Khouri. - 2025.

177, f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Mônica Veloso Borges; co-orientadora Dra. Bruno Gonçalves Carneiro.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, símbolos, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Perspectiva tipológica. 2. Possessivo. 3. Possuidor. 4. Possuído. 5. Línguas de sinais. I. Borges, Mônica Veloso, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 15 da sessão de defesa de tese de **JOSÉ ISHAC BRANDÃO EL KHOURI** que confere o título de **Doutor** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **quatro** dias do mês de **abril** do ano de **dois mil e vinte e cinco**, a partir das **treze** horas, no **miniauditório Egídio Turchi**, na Faculdade de Letras, na Universidade Federal de Goiás e **via Zoom Meet**, realizou-se a sessão pública de defesa de tese intitulada "**A CATEGORIA DE POSSE NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA EM UMA PERSPECTIVA TIPOLOGICA**". Os trabalhos foram instalados pela orientadora, **Profa. Dra. Mônica Veloso Borges** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro** (PPGL/LETRAS/UFT), coorientador; **Profa. Dra. Liona Paulus** (IDGS/Universität Hamburg); **Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros** (PPGET/UFSC) e **Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig** (PPGL/LETRAS/UFT), membros titulares externos, e **Prof. Dr. Hildomar Jose de Lima** (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da tese tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Mônica Veloso Borges**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **quatro** dias do mês de **abril** do ano de **dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Monica Veloso Borges, Professora do Magistério Superior**, em 04/04/2025, às 21:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hildomar Jose De Lima, Professor do Magistério Superior**, em 06/04/2025, às 00:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Gonçalves Carneiro, Usuário Externo**, em 06/04/2025, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronice Muller de Quadros, Usuário Externo**, em 06/04/2025, às 13:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Liona Paulus, Usuário Externo**, em 07/04/2025, às 03:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Roberto Ludwig, Usuário Externo**, em 07/04/2025, às 07:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5257066** e o código CRC **1DD38862**.

Referência: Processo nº 23070.014301/2025-59

SEI nº 5257066

Em homenagem ao meu pai,
que me possibilitou a aquisição da língua.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me criado e me colocado neste mundo, no qual existem caminhos fáceis e difíceis, porém sempre com apoio Dele, que me dá força e energia.

Agradeço aos meus pais, José Ishac El Khouri (pai) e Terezinha Maria Brandão El Khouri (mãe), e a meu irmão, Ishac El Khouri Neto Brandão, que sempre me apoiou e motivou nos melhores e piores momentos dos estudos, tanto na distância curta quanto na longa.

Agradeço eternamente aos meus tios Rawek Ishac El Khouri Marques e Paulo Roberto Marques da Silva; vocês são como segundos pais para mim. Quando eu era criança, sempre acreditaram na minha capacidade de estudar e de me desenvolver, o que contribuiu para o futuro que tenho hoje.

Agradeço aos amigos docentes do curso de Letras: Libras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) por me apoiarem e me motivarem a solicitar licença de trabalho para o doutoramento, a desenvolver meu perfil acadêmico e a destacar a importância do tema da pesquisa para a sociedade nos estudos realizados.

Agradeço também aos amigos surdos e ouvintes do Grupo de Estudos de Tipologia de Línguas da Universidade Federal de Goiás (UFG) e, especialmente, aos professores Dr. Bruno Gonçalves Carneiro e Dra. Mônica Veloso Borges. Os encontros e as discussões foram inesquecíveis. Eu pude conhecer pesquisas incríveis e de grande relevância.

Agradeço aos participantes surdos da minha tese, pelo aceite em contribuir com minha pesquisa e por darem suporte ao trabalho do pesquisador surdo, especialmente de um que se comunica pela língua brasileira de sinais (Libras), fortalecendo ainda mais a união da comunidade surda brasileira.

Agradeço aos amigos Carlos Ludwig, Leandro Viana e Felipe Coura por terem me apoiado na organização dos arquivos submetidos ao sistema do Comitê de Ética e por terem me instruído com revisão da escrita em minha segunda língua, a portuguesa.

Agradeço à minha esposa, Thamara Cristina Santos, mais uma vez após a minha pesquisa da dissertação, por todo apoio durante esses anos e pelas nossas discussões, pela motivação nos estudos e pelas perspectivas sobre gramática das línguas de sinais, especialmente sobre a da nossa primeira língua, a Libras. Obrigado por sempre estar ao meu lado, seja nos momentos bons ou nos ruins.

Agradeço ao André Xavier pela participação na banca do projeto da minha tese no IV Seminário de Pesquisa da Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG, com suas ricas sugestões e contribuições para meu melhor caminho de pesquisa da tese.

Agradeço à Liona Paulus e a Carlos Ludwig pela participação nas bancas de qualificação, cujas contribuições me possibilitaram trilhar novos caminhos e aprimorar esta pesquisa. Agradeço à Liona Paulus, Ronice Quadros, a Carlos Ludwig e Hildomar Lima pelo aceite em participar da minha defesa de tese.

Agradeço ao meu amigo e estimado coorientador, prof. Bruno Carneiro, pelas ideias, sugestões e perspectivas sobre o tema desta pesquisa. Ele realizou a avaliação e revisão da minha tese, mostrando-me o caminho da tipologia linguística das outras línguas de sinais, o que me despertou o interesse nesse tema. Obrigado por compartilhar suas experiências e seus conhecimentos comigo.

Agradeço especialmente à minha orientadora, profa. Mônica Borges, por ter compartilhado comigo suas grandes experiências e seus conhecimentos, desde a minha dissertação até esta tese. Vejo-me sem palavras ao comparar minha trajetória de antes com a de hoje. Reconheço o quanto ampliei meu conhecimento e amadureci cada vez mais no processo desta pesquisa, e tudo isso é graças ao que aprendi com você. Sempre digo: “quando eu crescer, quero ser igual a você”.

RESUMO

Este trabalho é um estudo descritivo sobre a expressão da posse na língua brasileira de sinais (Libras) em uma perspectiva tipológica. A tipologia linguística enquanto abordagem de estudo da linguagem humana evidencia uma gama de diversas manifestações dos sistemas que compõem as línguas. Uma visão ampla de diferentes línguas e a comparação entre elas nos permite reconhecer as tendências reais de manifestação e a previsibilidade de alguns parâmetros nas línguas naturais. A observação de dados de diferentes línguas pode minimizar vieses e nos proporcionar um olhar mais livre e aberto ao analisar uma categoria ainda pouco descrita em uma língua específica. A manifestação de posse remete a um domínio complexo presente em todas as línguas do mundo, que pode ser definido como um domínio biocultural, oriundo da relação entre um ser humano e seus parentes, partes do seu corpo, seus pertences materiais, seus produtos culturais e intelectuais. De um ponto de vista sintático, a posse pode ser expressa de duas maneiras: posse predicativa e posse atributiva (Baldi; Nuti, 2010; Herslund; Baron, 2001; Seiler, 2001). O objetivo geral da pesquisa é descrever a posse atributiva e a predicativa na Libras. Os objetivos específicos são: (i) descrever as estratégias de posse disponíveis na Libras, (ii) identificar os sinais pronominais e os sinais lexicais que expressam posse na Libras, (iii) descrever padrões articulatórios e sintáticos relacionados à construção de posse e (iv) identificar sinais que, embora estejam prototipicamente relacionados à posse, codificam outras propriedades. O *corpus* de análise constitui-se por (i) vídeos do Corpus de Libras; (ii) observações feitas em campo, (iii) vídeos de redes sociais e (iv) vídeos de banco de dados próprio. Os procedimentos de análise dos dados aconteceram a partir do *software* EUDICO Linguistic Annotator (ELAN) e do programa Excel. De acordo com os resultados, a posse atributiva acontece por (i) pronomes possessivos com configurações em IX, B e P; (ii) justaposição; e (iii) uso do espaço de sinalização. Há uma distribuição distinta entre a forma do pronome e as pessoas do discurso. Os pronomes com as configurações em IX e P apresentam uma distribuição mais ampla, enquanto o pronome com a configuração de mão em B é restrito à primeira pessoa do singular. A posse por justaposição parece seguir a construção núcleo-modificador, em que o referente possuidor é articulado após o referente possuído, seguindo a prevalência do posicionamento possuído-possuidor. A direcionalidade presente no predicado IR e em SINAR sugere a identificação do elemento possuidor por meio do uso do espaço de sinalização, o que dispensa pronomes. Em relação à posse predicativa, identificamos quatro sinais cujos componentes da estrutura argumental funcionam como entidades em relação de posse. Três deles são os sinais TER, POSITIVO e PRÓPRIO, que funcionam como predicados e selecionam os argumentos possuidor e possuído. O sinal PRÓPRIO mostrou-se um item lexical relacionado à noção de posse em Libras, embora pareça haver uma semântica remanescente de outra ordem. Na Libras, esse sinal, apesar de glosado como PRÓPRIO, pode funcionar como um verbo em meio a uma sentença, estabelecendo a relação entre o possuidor e o possuído. O quarto sinal compõe a construção (É)-pronome, com o verbo omitido. Ela parece selecionar o argumento possuído a partir de uma noção de estado envolvendo o participante. Concluímos também que mais estudos precisam ser realizados, ampliando o *corpus* de análise a fim de realizarem-se generalizações mais robustas. Este estudo sobre a expressão de posse na Libras contribui para compreendermos mais sobre sua forma e seu funcionamento, além de lançar reflexões sobre os universais da linguagem, tanto intramodais quanto intermodais.

Palavras-chave: Perspectiva tipológica; possessivo; possuidor; possuído; línguas de sinais.

ABSTRACT

This study is a descriptive analysis of the expression of possession in Brazilian Sign Language (Libras) from a typological perspective. Linguistic typology, as an approach to the study of human language, highlights the wide range of manifestations in the systems that constitute languages. A broad view of different languages and their comparison allows us to recognize actual tendencies of manifestation and the predictability of certain parameters in natural languages. Observing data from diverse languages helps reduce biases and enables a more open perspective when analyzing categories that are still little described in a specific language. Possession is a complex domain present in all languages worldwide, which can be defined as a biocultural domain arising from the relationship between a human being and their kin, body parts, material belongings, and cultural or intellectual products. From a syntactic standpoint, possession can be expressed in two ways: predicative and attributive possession (Baldi & Nuti, 2010; Herslund & Baron, 2001; Seiler, 2001). The general objective of this research is to describe attributive and predicative possession in Libras. The specific goals are: (i) to describe the strategies of possession available in Libras, (ii) to identify pronominal and lexical signs that express possession, (iii) to describe articulatory and syntactic patterns related to possessive constructions, and (iv) to identify signs that, although prototypically related to possession, encode other properties. The corpus comprises (i) videos from the Libras Corpus; (ii) field observations; (iii) social media videos; and (iv) a personal video database. Data were analyzed using the EUDICO Linguistic Annotator (ELAN) software and Excel. Results show that attributive possession occurs through (i) possessive pronouns with IX, B, and P handshapes; (ii) juxtaposition; and (iii) the use of signing space. There is a distinct distribution between pronoun form and discourse person: pronouns with IX and P handshapes are broadly distributed, whereas the B handshape pronoun is restricted to first-person singular. Juxtaposition-based possession seems to follow a head-modifier construction, in which the possessor is articulated after the possessed, maintaining the prevalent possessed–possessor order. Directionality in the predicates IR (‘go’) and SINAL (‘sign’) suggests the identification of the possessor through signing space, making the use of pronouns unnecessary. Regarding predicative possession, four signs were identified in which the argument structure encodes entities in a possessive relation. Three of them—TER (‘have’), POSITIVO (‘positive’), and PRÓPRIO (‘own’)—function as predicates that select possessor and possessed arguments. The sign PRÓPRIO, although glossed as ‘own,’ appears as a lexical item linked to possession, with residual semantics of another kind. In Libras, PRÓPRIO may function as a verb within a sentence, establishing the relation between possessor and possessed. The fourth construction consists of (É)-pronoun, where the verb is omitted, selecting the possessed argument from a notion of state involving the participant. We conclude that further research is needed, with an expanded corpus to enable more robust generalizations. This study contributes to a better understanding of the forms and functions of possession in Libras, while also raising reflections on linguistic universals, both intramodal and intermodal.

Keywords: Typological perspective; possessive; possessor; possessed; sign languages.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Emergência da disciplina de tipologia de línguas de sinais	27
Figura 2 – Esquema de possessividade a partir das perspectivas de distinção, gênese e essência	29
Figura 3 – Visão geral do ELAN	65
Figura 4 – Trilhas e vocabulários controlados.....	66
Figura 5 – Visão de trilhas e vocabulários controlados da dissertação	67
Figura 6 – Visão geral da interface do Excel.....	73
Figura 7 – Organização de dados relativos às categorias na planilha	74
Figura 8 – Planilha de legenda dos dados.....	75
Figura 9 – Vídeos registrados de acordo com cores (oriundos do Corpus de Libras e de redes sociais).....	75
Figura 10 – Dados antigos (da dissertação).....	76
Figura 11 – Dados dos participantes (S1–S14), obtidos durante observação em campo	76
Figura 12 – Visão geral de tipos de fontes.....	77
Figura 13 – Novas/outras planilhas de organização	77
Figura 14 – Gráfico sobre configurações de mão que expressam posse atributiva.....	82
Figura 15 – Gráfico sobre a distribuição dos dados com configuração de mão em IX entre leitura alienável e inalienável	101
Figura 16 – Gráfico sobre a distribuição dos dados com configuração de mão em P entre leitura alienável e inalienável	101
Figura 17 – Gráfico sobre a distribuição dos dados com configuração da mão em B entre leitura alienável e inalienável	102
Figura 18 – Esquema de partes do corpo humano apontadas durante a sinalização	111
Figura 19 – Gráfico sobre a repetição de movimento enquanto a configuração de mão é IX	112
Figura 20 – Gráfico sobre a repetição de movimento enquanto a configuração de mão é P .	112
Figura 21 – Gráfico sobre a repetição de movimento enquanto a configuração de mão é B .	113
Figura 22 – Gráfico sobre a posição sintática da configuração de mão em IX	114
Figura 23 – Gráfico sobre a posição sintática da configuração de mão em P	114
Figura 24 – Gráfico sobre a posição sintática da configuração de mão em B.....	115
Figura 25 – Gráfico sobre a referência de pronomes com configuração de mão em IX.....	116
Figura 26 – Gráfico sobre a referência de pronomes com configuração de mão em P	116
Figura 27 – Gráfico sobre a referência de pronomes com configuração de mão em B.....	117

Figura 28 – Esquema sobre a distribuição dos pronomes possessivos com configurações de mãos em IX, P e B em relação à 1ª, 2ª e 3ª pessoa, no singular ou plural.....	118
Figura 29 – Gráfico sobre a assimilação de configuração de mão e duplicação de mãos.....	118
Figura 30 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (72).....	120
Figura 31 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (73).....	121
Figura 32 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (74).....	122
Figura 33 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (75).....	123
Figura 34 – Gráfico sobre a estratégia de justaposição em relação a posses (in)alienáveis...	124
Figura 35 – Gráfico sobre a posição dos sintagmas durante a justaposição possessiva.....	125
Figura 36 – Gráfico sobre a distribuição dos dados de posse predicativa em relação aos predicados.....	129
Figura 37 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com TER em relação à (in)alienabilidade	152
Figura 38 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com construção (É)-pronome em relação à (in)alienabilidade	153
Figura 39 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com POSITIVO em relação à (in)alienabilidade.....	153
Figura 40 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com PRÓPRIO em relação à (in)alienabilidade.....	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de dependência entre os constituintes de um sistema.....	44
Quadro 2 – Possuidor e possuído na gramática do português.....	45
Quadro 3 – Tipos de posse a partir dos parâmetros de contato e controle	55
Quadro 4 – Parâmetros de descrição dos pronomes possessivos	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados do Corpus de Libras (4 estados)	60
Tabela 2 – Dados de redes sociais e banco de dados.....	61
Tabela 3 – Dados de observação em campo	62
Tabela 4 – Dados da pesquisa sobre posse atributiva em Libras (dissertação)	63
Tabela 5 – Quantidade de participantes e cidade de origem.....	64
Tabela 6 – Quantidade de dados de tipos possessivos e não possessivos.....	68
Tabela 7 – Panorama geral das estratégias de posse na Libras.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS

DEM	Demonstrativo
Dir	Direito
Esq	Esquerdo
Fem	Feminino
G	Categoria de dêixis
Loc	Locativo
Masc	Masculino
N	<i>No</i> (não)
P	Pessoa
Pl	Plural
Pl2	Plural com deslocamento para o lado
POSS	Possessivo
R	Movimento repetido
S	Surdo participante
Sg	Singular
Y	<i>Yes</i> (sim)

LISTA DE SIGLAS

AdaSL	<i>Adamorobe sign language</i> (língua de sinais de Adamorobe)
AL	Alagoas
ASL	<i>American sign language</i> (língua de sinais americana)
BBB	Big Brother Brasil
BSL	<i>British sign language</i> (língua de sinais britânica)
CE	Ceará
CM	Configuração de mão
DV	<i>Descriptive verbs</i> (verbos descritivos)
ELAN	EUDICO Linguistic Annotator
ENM	Expressão não manual
GO	Goiás
HZJ	<i>Hrvatski znakovni jezik</i> (língua de sinais croata)
IPSL	<i>Indo-pakistani sign language</i> (língua de sinais indo-paquistanesa)
IX	<i>Index</i>
KSL	<i>Korean sign language</i> (língua de sinais coreana)
L1	Primeira língua
LBS	Língua brasileira de sinais
Libras	Língua brasileira de sinais
LIU	<i>Lughat il-ishārah il-urduniyyah</i> (língua de sinais árabe levantina)
LSB	Língua de sinais brasileira
LSC	Língua de sinais catalã
LSV	Língua de sinais venezuelana
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais
MNM	Marcador não manual
PCC	Prática como Componente Curricular
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TID	<i>Türk işaret dili</i> (língua de sinais turca)
TO	Tocantins

UFG Universidade Federal de Goiás
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina
UFT Universidade Federal do Tocantins

LISTA DE SÍMBOLOS

@	Ausência de gênero gramatical
+++	Movimento repetido três vezes
++	Movimento repetido duas vezes
-2	Duplicação das mãos
1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	CATEGORIA DE POSSE NAS LÍNGUAS	26
2.1	Tipologia linguística e posse nas línguas do mundo	26
2.2	Dêixis de pessoa	31
2.3	Posse predicativa	33
2.4	Posse atributiva.....	42
2.5	Posse e outras propriedades	55
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.1	Coleta dos dados	58
3.1.1	Tipos de fonte	59
3.1.2	Perfil dos participantes	63
3.2	Transcrição e uso do ELAN.....	65
3.3	Categorização dos dados.....	68
3.3.1	Posse atributiva.....	68
3.3.2	Posse predicativa	70
3.3.3	Sinal EX (passado nominal)	71
3.3.4	Omissão (apagamento) do agente.....	71
3.3.5	Pronome com configuração de mão em B como oblíquo	71
3.4	Critérios de exclusão	71
3.5	Software Excel.....	73
3.6	Apresentação dos resultados	78
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	80
4.1	Panorama geral da posse em Libras.....	80
4.2	Posse atributiva.....	81
4.2.1	Pronomes possessivos	81
4.2.2	Configuração de mão em IX	82
4.2.3	Configuração de mão em P	91
4.2.4	Configuração de mão em B	95
4.2.5	Alienabilidade	100
4.2.6	Padrão articulatorio	111
4.3	Justaposição	119
4.4	Posse por uso do espaço de sinalização.....	125
4.5	Posse predicativa	129

4.5.1	Sinal TER	130
4.5.2	Sinal (É)-pronome	137
4.5.3	Sinal POSITIVO.....	145
4.5.4	Sinal PRÓPRIO	147
4.5.5	Alienabilidade	152
4.6	Sinal EX (passado nominal).....	154
4.7	Omissão (apagamento) do agente	159
4.8	Configuração de mão em B como pronome oblíquo	162
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
	REFERÊNCIAS	169
	APÊNDICE A	173

1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem avançado em relação à linguística das línguas brasileiras de sinais e apresentado ao mundo descrições da Libras e de outras línguas de sinais nacionais. Essas pesquisas têm promovido uma mudança de concepção sobre o ser surdo. É mais comum que a sociedade reconheça as línguas de sinais como naturais em sua modalidade gestual-visual-espacial e é possível ver a valorização da Libras pela implantação de políticas públicas envolvendo a comunidade surda brasileira. Um marco importante do referido reconhecimento é a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras enquanto uma língua de sinais nacional (Brasil, 2002).

Eu sou José Ishac Brandão El Khouri, surdo e filho de Terezinha Maria Brandão El Khouri, ouvinte, e de José Ishac El Khouri, também surdo. A comunicação com meu pai me possibilitou o contato com a Libras no período oportuno de aquisição da linguagem, ainda dentro de casa. Eu cresci em um ambiente linguístico rico, por conviver com muitos surdos na infância, ter contato com adultos e idosos surdos de minha cidade e de outros municípios próximos.

Durante o meu período de escolarização, infelizmente, nunca estudei com outros surdos. Das três diferentes escolas em que transitei (uma instituição particular e duas instituições públicas), sempre fui o único surdo da turma, no contexto de classes inclusivas. A intérprete de Libras esteve presente da 7ª série em diante. Dessa época, recordo que, nas escolas em que estudei, tínhamos aulas sobre a organização gramatical da língua portuguesa e da língua inglesa. Eu recordo desse período escolar com estranheza. Eu era fluente e sinalizante da Libras, mas, mesmo assim, eu não imaginava, e nem fui apresentado no período escolar, que havia estudos e descrições sobre a gramática de línguas de sinais. Eu fui ter contato, por exemplo, com as descobertas de William Stokoe (1960) sobre a língua de sinais americana apenas na graduação em Letras: Libras, aos 19 anos de idade. Esse contato inicial me despertou o interesse em pesquisar na área de gramática das línguas de sinais.

Sou licenciado em Letras: Libras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Durante a graduação, tive a oportunidade de estudar os aspectos descritivos da Libras. Atualmente, sou professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, atuando no curso de Letras: Libras, mais especificamente na área de linguística das línguas de sinais.

Ainda enquanto estudante de graduação, tive uma aula sobre os pronomes possessivos na Libras. A categoria de posse foi tangenciada de maneira rápida, sem maiores detalhes. Percebi que havia escassez de materiais sobre o tema. Em outra oportunidade, após a graduação,

fui aceito na disciplina de Tipologia Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG enquanto aluno especial, sob a responsabilidade da professora Dra. Mônica Veloso Borges. Na disciplina, a professora nos convidou a transitar entre as instâncias da categoria de posse e as diferentes formas de sua manifestação nas línguas do mundo. Na apresentação e discussão de dados de diferentes línguas, percebi o quão amplo e complexo é o domínio da posse. Desde então, interessei-me pelo tema e passei a pensar sobre a categoria de posse na Libras. As pesquisas sobre essa categoria gramatical na Libras ainda são poucas e, para ajudar em sua expansão, desenvolvi com esse tema a minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, intitulada “Estratégias de expressão de posse em Libras” (El Khouri, 2020), sob orientação da professora Mônica Veloso Borges.

Em El Khouri (2020), faço uma descrição da posse atributiva na Libras a partir de dados da língua em uso. A pesquisa traz algumas possibilidades de manifestação da posse (pronomes, justaposição e uso do sinal PRÓPRIO), além do padrão articulatorio, da distribuição e da relação com outras propriedades, como número, alienabilidade e apagamento do agente (El Khouri, 2020, 2023).

Devido ao tempo previsto para a condução de uma pesquisa a nível de mestrado, não foi possível aprofundar a descrição sobre a categoria de posse na Libras. Algumas categorias de análise não puderam ser investigadas, por exemplo, a posse predicativa na Libras. Nesse sentido, sigo com esse tema na pesquisa do doutorado em letras e linguística na UFG.

Este trabalho, intitulado “A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica”, é um estudo descritivo sobre a posse na Libras, a partir de um olhar indutivo de dados da língua em uso e atento a diferentes possibilidades de manifestação. A tipologia linguística nos evidencia uma gama de diversas manifestações dos sistemas que compõem as línguas. Uma visão ampla sobre diferentes línguas e a comparação entre elas nos permite reconhecer as tendências reais de manifestação nas línguas naturais. A observação de dados de diferentes línguas pode minimizar vieses e nos proporcionar um olhar mais livre e aberto ao analisar uma categoria ainda pouco descrita em uma língua específica.

Por outro lado, importa esclarecer que este estudo não apresenta um estudo comparativo entre línguas de sinais, com o objetivo de levantar tendências de manifestação e prováveis universais a partir da análise de dados das línguas. A pesquisa realiza uma descrição da categoria de posse na Libras em uma perspectiva tipológica, ou seja, atenta para as diferentes possibilidades de manifestação de posse nas línguas do mundo, de diferentes modalidades, com a finalidade de discutir sua realização na Libras. É nessa perspectiva que é dito que o pesquisador transita pela concepção da categoria de posse e de suas propriedades, bem como

pelas diferentes possibilidades de sua manifestação, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais.

De acordo com Baldi e Nuti (2010), a posse é um domínio complexo, que se expressa em construções convencionalizadas em todas as línguas do mundo. Nesse domínio, há uma relação entre, pelo menos, dois itens linguísticos: um que representa uma entidade possuidora (prototipicamente animada e, mais especificamente, humana) e outro que representa uma entidade possuída. Ainda, segundo os autores, o domínio de posse pode ser definido como biocultural, pois estabelece-se na relação entre um ser humano e seus parentes, suas partes do corpo, seus pertences materiais, seus produtos culturais e intelectuais.

O objetivo geral da pesquisa é descrever a posse atributiva e predicativa na Libras. Os objetivos específicos são (i) descrever as estratégias de posse disponíveis na Libras, (ii) identificar os sinais pronominais e os sinais lexicais que expressam posse na Libras, (iii) descrever padrões articulatórios e sintáticos relacionados à construção de posse e (vi) identificar sinais que prototipicamente estejam relacionados à posse, embora possam também codificar outras propriedades.

Esta pesquisa tem como base teórica: os trabalhos de Baldi e Nuti (2010), Herslund e Baron (2001), Seiler (2001) e Heine (2001), sobre a concepção da categoria de posse e seus princípios de manifestação nas línguas naturais; os trabalhos de Berenz (1996), Brito (2010 [1995]) e Felipe (2007), sobre a posse na Libras; e os de Liddell (2003), Perniss e Zeshan (2008), Zeshan (2003), Hendriks (2008) e Quer *et al.* (2017), sobre a posse em outras línguas de sinais.

Partimos da hipótese de que a posse atributiva na Libras acontece por meio do uso de um sistema pronominal e de justaposição para, assim, estabelecer uma relação entre as entidades possuidor e possuído. Os pronomes possessivos na Libras parecem envolver diferentes configurações de mão e estão intimamente relacionados às estratégias de indicação das pessoas do discurso. Dessa forma, a dêixis parece possuir uma relação forte com a possessividade na Libras. A posse predicativa parece envolver o verbo TER, construções existenciais e uso do sinal PRÓPRIO.

Este trabalho tem um caráter qualitativo e quantitativo e acontece a partir da análise de dados da língua em uso. Os dados coletados foram obtidos de (i) vídeos do Corpus de Libras (UFSC, [s. d.]) da região de Palmas (TO), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE) e Maceió (AL); (ii) observações em campo durante conversas espontâneas com surdos; (iii) vídeos recebidos pelo WhatsApp e observação nos vídeos do Stories do Instagram; (iv) vídeos de um banco de

dados intitulado “Temáticas recorrentes nas piadas surdas”; e (v) um dos vídeos de narrativas de histórias produzido por uma professora surda.

Os vídeos coletados e analisados tiveram a autorização prévia dos participantes, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). A presente pesquisa está vinculada a um projeto com o tema “A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica”, coordenado pelo pesquisador desta tese e aprovado pelo Comitê de Ética da UFT, sob o protocolo nº 84060424.9.0000.5519. Os dados foram analisados a partir do *software* EUDICO Linguistic Annotator (ELAN) e do Excel.

A tese está organizada em cinco capítulos. Após este capítulo introdutório, o capítulo 2 apresenta conceitos importantes sobre a categoria de posse nas línguas naturais e traz discussões para a compreensão desse domínio funcional, a partir de dados da Libras e de outras línguas de sinais. O capítulo 3 descreve os procedimentos metodológicos em relação à coleta, ao tratamento e à análise dos dados. No capítulo 4, trazemos os resultados da nossa análise e discutimos os dados da Libras em relação a outras línguas. Por fim, no capítulo 5, das considerações finais, retomamos os objetivos, trazemos algumas generalizações sobre a categoria de posse na Libras e apresentamos algumas limitações do estudo e novos apontamentos para desenvolvimento em futuras pesquisas.

2 CATEGORIA DE POSSE NAS LÍNGUAS

O objetivo deste capítulo é apresentar os princípios teóricos que fundamentam esta pesquisa. A primeira seção apresenta a tipologia linguística como uma abordagem de estudo da linguagem humana, oportuna para a descrição de línguas naturais em suas formas e funções diversas, além das tendências de manifestação nas línguas. A seção apresenta ainda a categoria de posse nas línguas naturais a nível conceptual. A segunda seção apresenta o uso da dêixis de pessoa como fenômeno relacionado ao discurso das línguas naturais e que se manifesta na categoria de posse. A terceira e a quarta seção apresentam a posse predicativa e a posse atributiva nas línguas orais e nas línguas de sinais, respectivamente. Por fim, a última seção apresenta a categoria de posse atrelada às noções de alienabilidade, inalienabilidade e de cultura de comunidades de fala.

2.1 Tipologia linguística e posse nas línguas do mundo

A tipologia linguística é uma abordagem de estudo da linguagem humana que busca descrever como os aspectos funcionais das línguas se organizam, entender suas estruturas, as regras de funcionamento e a distribuição das línguas em tipos específicos de manifestação. Como abordagem, a tipologia linguística está vinculada a uma série de diretrizes, perspectivas e fundamentos (Comrie, 1989; Croft, 2003; Daniel, 2013; Moravcsik, 2013; Palfreyman; Sagara; Zeshan, 2015; Pfau; Zeshan, 2016; Velupillai, 2012; Whaley, 1997; Zeshan, 2008).

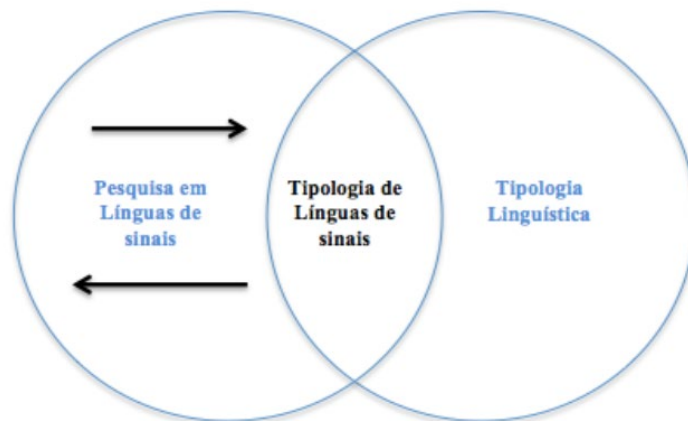
Um dos objetivos da tipologia linguística é o levantamento daquilo que perpassa pelas línguas e, para isso, a tipologia compara dados de diferentes línguas. Nesse sentido, quanto maior o número de dados disponíveis, mais o linguista pode desvendar a natureza da linguagem humana. É a partir da variação que a tipologia faz o levantamento de padrões de manifestação. As generalizações sobre as línguas, em determinado domínio, são conduzidas pelos dados, a partir de pesquisas empíricas de sistemas linguísticos específicos. Por isso, a tipologia linguística é uma abordagem de caráter indutivo.

De acordo com Greenberg (1963) e Croft (2003), a comparação entre línguas e o levantamento de generalizações confiáveis dependem da identificação correta da categoria investigada em línguas individuais e do levantamento adequado de fenômenos gramaticais para essa comparação.

A tipologia de língua de sinais surge a partir da tipologia linguística e dos estudos descritivos de línguas sinalizadas. Um dos seus objetivos é a descrição de línguas de sinais

individuais, o levantamento de padrões intramodais¹ de manifestação, a partir da comparação entre línguas de sinais, e o levantamento de padrões intermodais de manifestação, a partir da comparação entre línguas de sinais e línguas orais, tendo em conta diferentes categorias gramaticais e domínios funcionais. A Figura 1, a seguir, ilustra a emergência da tipologia de línguas de sinais.

Figura 1 – Emergência da disciplina de tipologia de línguas de sinais



Fonte: Zeshan (2008, p. 34), adaptada por Carneiro (2020).

A interação entre essas duas disciplinas faz com que a tipologia de línguas de sinais utilize recursos teóricos e metodológicos da tipologia linguística, de modo que os resultados de pesquisas em língua de sinais findam ampliando a tipologia linguística e causando o seu exame. Essa consideração da diversidade das línguas de sinais em uma perspectiva tipológica pode levar a uma teoria da variação que explique os padrões de semelhanças e diferenças, tanto entre línguas de sinais quanto entre línguas de sinais e línguas orais (Zeshan; Palfreyman, 2017; Zeshan, 2008).

A tipologia linguística enquanto abordagem de estudo da linguagem humana é bastante oportuna para a condução de estudos linguísticos descritivos. Os padrões de manifestação, resultantes da comparação, são extremamente úteis à linguística e podem servir como ponto de partida para a descrição de línguas ou de categorias linguísticas específicas ainda pouco

¹ De acordo com Meier (2002), o termo “modalidade” refere-se à maneira como uma língua é produzida e percebida pelo falante, no aspecto físico e orgânico. Nas línguas sinalizadas, por exemplo, os sinais aparecem a partir da ação de articuladores externos ao trato vocal sinalizante, que podem ser manuais ou não manuais, e são percebidos pela visão, enquanto, nas línguas orais, as palavras surgem a partir da ação de articuladores internos ao trato vocal do falante e são percebidas pela audição.

investigadas (Croft, 2003; Velupillai, 2012; Whaley, 1997). Por isso, a tipologia linguística é especialmente propícia para a descrição e análise de línguas de sinais (Zeshan, 2008).

Nesse sentido, neste trabalho, a descrição da categoria de posse na Libras em uma perspectiva tipológica parte de uma análise de dados em uso dessa língua. A descrição se dá a partir de um olhar indutivo e, ao mesmo tempo, de uma atenção às possibilidades de manifestação do fenômeno investigado tendo como base outras línguas orais e outras línguas de sinais.

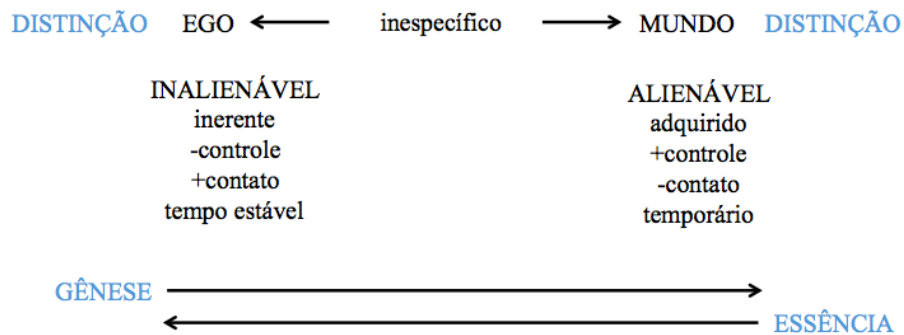
A posse é um domínio complexo que está presente em todas as línguas do mundo, mas, de acordo com Baldi e Nuti (2010), Herslund e Baron (2001) e Seiler (2001), apesar dessa universalidade, o termo “posse” envolve uma gama de fenômenos linguísticos distintos, diferindo em sua forma e função. Essa especificidade lança desafios para a análise linguística.

Segundo os referidos autores, de maneira geral, a posse pode ser definida como um domínio biocultural, oriundo da relação entre um ser humano e seus parentes, partes do seu corpo, seus pertences materiais, seus produtos culturais e intelectuais.

A possessividade nas línguas envolve uma relação entre, pelo menos, dois itens linguísticos que denotam uma entidade possuidora e uma entidade possuída. A atribuição desses papéis, possuidor e possuído, é exclusiva e envolve uma relação interessante, pois não há possuidor sem possuído e não há possuído sem possuidor. Assim, um princípio cognitivo básico comum a todas as construções possessivas é envolver um possuidor, que prototipicamente é conhecido e animado (mais especificamente humano). Essa geralmente é uma entidade saliente e considerada o tópico do sintagma, à qual o possuído tem que ser relacionado para ser individualizado.

Seiler (2001) afirma que posse não é uma categoria fixa e, para ilustrar a dinamicidade do conceito, apresenta a possessividade a partir de três perspectivas, intituladas distinção, gênese e essência. De acordo com o autor, a posse é uma relação entre possuidor e possuído em constante construção, que está relacionada a uma apropriação progressiva das coisas do mundo externo e vinculadas ao ego. O esquema na Figura 2 ilustra a proposta de Seiler (2001).

Figura 2 – Esquema de possessividade a partir das perspectivas de distinção, gênese e essência



Fonte: adaptação de Seiler (2001, p. 29).

Para o autor, a posse é uma relação entre o ego e as coisas do mundo externo. O ego tem um sentido abstrato e refere-se aos possuidores humanos e animados em geral; ou seja, não está restrito à primeira pessoa do singular.

A dinâmica da possessividade implica um processo que irradia em duas direções opostas, cada uma em direção ao seu máximo ideal. A partir disso, a relação de posse pode ser vista e interpretada sob três diferentes perspectivas. A primeira perspectiva consiste em traçar uma distinção entre inalienável, considerada uma relação de posse inerente, e alienável, uma relação de posse adquirida. A distinção entre inalienável e alienável acontece mediante um número de parâmetros, que são ordenados por implicação: inerente/adquirido; menos controle/menos controle; mais contato/menos contato; tempo estável/tempo temporário.

A posse inalienável refere-se a uma relação dada pela própria natureza, por exemplo, a relação entre um ser humano e as partes de seu corpo. Nesse caso, a relação é menos controlada, há mais contato e mais estabilidade. A posse alienável é uma relação estabelecida, resultado de um processo de aquisição. Aqui, a relação é mais controlada, há menos contato e é temporária.

Uma outra perspectiva diz respeito à linha da gênese, que marca um ponto de partida e representa uma dinâmica de apropriação crescente. O ponto de partida é considerado a relação de possessividade mais fácil e, portanto, mais natural, por ser algo inerente às noções relativas ao eu. A seta da esquerda para a direita leva-nos a um centro de neutralidade e, posteriormente, à inversão do sentido inicial, quando está em direção a um máximo de alienabilidade (e a um mínimo de inalienabilidade). Isso é feito em direção a relações mais distanciadas, levando-nos a noções como “adquirir”, “propriedade” e “pertencer”, representando a essência da possessividade.

Contudo, mesmo um elemento possuído adquirido e controlado ao máximo deve estar sempre relacionado ao possuidor, ou seja, precisa estar voltado para o ego. Por isso, a linha da

essência está no sentido da direita para a esquerda, simbolizando a perspectiva das aquisições de volta ao ponto de partida, vinculadas ao ego.

As duas linhas dispostas em sentidos opostos também nos dizem que inalienabilidade e alienabilidade são categorias distintas, mas não são separadas. São dimensões que estão ativas em todo o domínio, embora em proporções diferentes, permitindo caracterizações tais como mais alienável e menos inalienável e vice-versa; ou seja, a distinção é algo gradiente. De alguma forma, toda essa gradação é refletida na organização linguística das línguas de diferentes maneiras (Seiler, 2001).

De um ponto de vista sintático, a posse pode ser expressa de duas formas: posse predicativa e posse atributiva. Nas construções predicativas, a relação de possessividade é expressa por um verbo, que seleciona os argumentos possuidor e possuído. Já no caso das construções atributivas, a relação de possessividade é codificada em um sintagma nominal, sem a mediação de um verbo, emergindo, assim, uma relação pressuposta.

A posse predicativa e a posse atributiva trazem relações semântico-funcionais específicas. De acordo com Baldi e Nuti (2010), a posse predicativa prototípica envolve uma sentença simples e declarativa, bem como traz informações sobre uma posse alienável. Relações óbvias do tipo “eu tenho uma cabeça”, inalienáveis, são consideradas não funcionais e atípicas. Ao contrário, a posse atributiva prototípica envolve tanto as relações alienáveis quanto as relações inalienáveis. Dessa forma, as construções atributivas parecem ser mais abrangentes.

Além disso, o domínio da posse pode ser descrito como uma espécie de constelação de formas, funções e categorias semânticas que estão relacionadas a fenômenos psicológicos e físicos, no nível referencial. Isso porque a possessividade é consequência de uma generalização nocional oriunda de uma experiência ampla, que, por sua vez, é codificada enquanto fenômeno linguístico. As construções possessivas prototípicas são centradas em torno do espaço semântico da esfera pessoal e, por extensão, são generalizadas para todo o domínio.

Por fim, cabe apontar que as línguas apresentam manifestações específicas da relação de possessividade, a partir das noções prototípicas de posse. Nessas, o possuidor é caracterizado por ser humano, o tópico e uma informação dada (recuperada pelo contexto) e o possuído, por ser uma entidade inanimada, concreta, o comentário e uma informação nova (Baldi; Nuti, 2010; Herslund; Baron, 2001; Seiler, 2001).

Na próxima seção, problematizamos a dêixis de pessoa nas línguas de sinais e abordamos a indicação do possuidor em um sintagma genitivo, que parece ser uma estratégia importante na manifestação da categoria de posse nas línguas de sinais, considerando a modalidade gestual-visual-espacial desses sistemas.

2.2 Dêixis de pessoa

De acordo com Benveniste (2005), a língua possui classes de elementos de natureza distinta e, enquanto sistema, pode ser considerada (1) um repertório de signos e suas combinações que apresenta uma noção constante e (2) um sistema que se manifesta nas instâncias do discurso.

Um exemplo do primeiro tipo são os nomes. Cada instância em que um nome é usado refere-se a uma noção constante e objetiva, de maneira a se atualizar em um objeto singular e que permanece sempre idêntico. Já os pronomes materializam-se de maneira diferente. Durante as instâncias de uso do pronome pessoal “eu”, não há um objeto definido, pois cada “eu” tem uma referência própria e corresponde a um ser único, em cada instância de enunciação. Dessa maneira, não há uma classe de referência plena.

Assim, o “eu” ou o “tu” se referem à realidade do discurso, não em termos de objeto, como um signo nominal. A realidade a que eles se referem é muito singular, por ser única no momento de enunciação. Nas palavras de Benveniste (2005, p. 279), o “eu” é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”, enquanto que o “tu” é o “indivíduo alocutado na presente instância do discurso contendo a instância linguística *tu*”.

No caso da terceira pessoa, mesmo sendo atrelada ao discurso, escapa à condição de pessoa, pois não remete às pessoas do discurso, mas a uma situação “objetiva”. Nesse sentido, a terceira pessoa representa o membro não marcado da correlação de pessoa e pode se combinar a qualquer referência de objeto.

Essa referência constante à instância do discurso constitui o traço de uma série de “indicadores”, como os pronomes. Ainda segundo o autor, todas as línguas possuem pronomes e, em todas elas, eles são definidos como se referindo às mesmas categorias de expressão, como os pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, entre outros.

Os pronomes demonstrativos, por exemplo, organizam-se fazendo uma relação com os indicadores de pessoa. Um determinado objeto é designado de maneira ostensiva com a mesma instância do discurso que contém o indicador de pessoa. O mesmo acontece com os advérbios “aqui” e “agora”, também relacionados ao “eu”. Eles delimitam a instância espacial e temporal da presente instância do discurso que contém o “eu”.

Os pronomes, nesse sentido, são atos discretos da língua caracterizados pelas instâncias do discurso, em que a língua ganha materialidade e é atualizada por um interlocutor. Assim, as

formas pronominais não remetem à realidade nem a posições objetivas no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez em que são usadas de maneira única. Para o autor,

a linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso (Benveniste, 2005, p. 280).

A dêixis, por sua natureza, é contemporânea da instância de discurso, que contém o indicador de pessoa, de tempo, de lugar, do objeto mostrado, entre outros. Sua essência é a presente instância do discurso (Benveniste, 2005). É um fenômeno em uso nas línguas que permite a indicação para referência em geral. De acordo com Lyons (2016 [1981]), *index* (dêixis) é uma palavra que vem do grego e significa “apontar” ou “mostrar”, mas também pode ser utilizada em associação a várias funções gramaticais. Conforme Lyons (2016, [1981], p. 138), “ela determina a estrutura e a interpretação dos enunciados em relação à hora e ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, aos objetos e eventos, na situação real de enunciação”.

Nas línguas de sinais, a dêixis também abrange a estratégia de se referir a objetos presentes no contexto atual da elocução. As expressões dêíticas podem se referir a entidades concretas (“eu”, “você”, “aquele”), bem como às coordenadas espaço-temporais do contexto da elocução (“aqui”, “agora”, “ontem”) (Quer *et al.*, 2017). Os sinais de apontamento correspondem a uma estratégia de dêixis. De acordo com Zeshan (2003), sobre a dêixis de tempo,

uma forma particular de indicação (IX) também é usada em uma função dêítica. Apontar para baixo na frente dos pés do sinalizante pode ter um significado temporal proximal ou espacialmente proximal (isto é, tempo ou lugar próximo do sinalizante). Seu significado temporal pode ser traduzido como “agora” e “hoje”; seu significado espacial é traduzido como “aqui”. A localização em frente aos pés do sinalizante nunca é usada para referência pronominal. Outros metamorfos de tempo são sinais lexicais que não envolvem apontar. Eles são, no entanto, organizados com referência a uma chamada linha do tempo que é dêítica por natureza e vai de trás do ombro do sinalizante (indicando o passado) até a frente do corpo do sinalizante em um nível inferior (indicando o futuro) (Zeshan, 2003, p. 180).

Conforme mencionado, os elementos dêíticos podem assumir funções gramaticais diversas, abrangendo também a categoria de pessoa. A indicação física por meio de apontamento é uma estratégia para indicar as pessoas do discurso. Sobre o uso dessa indicação na língua de sinais americana (ASL), Liddell (2003) argumenta que

direcionar pronomes em direção a entidades fisicamente presentes é uma característica comum do discurso da ASL. Os pronomes podem ser direcionados ao sinalizador, ao destinatário, a outros presentes ou a outras coisas no ambiente do

sinalizador. Começo com entidades fisicamente presentes porque sua visibilidade torna possível observar com um grau razoável de precisão o que os sinalizadores fazem quando dirigem os pronomes (Liddell, 2003, p. 66).

Zeshan (2003) relata que os sinais de indicação com o dedo indicador estendido são usados de forma anafórica, como pronomes. Porém, o indicador também é usado para localizar um referente no espaço de sinalização, para indicar um ponto com o qual o referente está vinculado. Ainda de acordo com a autora, em alguma medida, o sistema de referência de pessoas do discurso também está relacionado ao sintagma genitivo. Nas línguas de sinais, a dêixis parece assumir um papel importante na relação estabelecida entre possuidor e possuído, devido à modalidade dessas línguas.

Nas próximas duas seções, apresentamos os princípios de manifestação da posse predicativa e atributiva nas línguas naturais.

2.3 Posse predicativa

Conforme mencionado anteriormente, a posse pode ser expressa de duas formas: posse predicativa e posse atributiva. Nas construções predicativas, a relação de possessividade é expressa por um verbo. A relação genitiva é explicitamente estabelecida por uma unidade predadora que seleciona seus argumentos, os quais, por sua vez, assumem os papéis de possuidor e possuído. A posse predicativa é estabelecida por verbos que, de modo específico, estabelecem essa relação. Seiler (2001) ressalta que algumas expressões podem até implicar uma relação de possessividade enquanto consequência, mas não se configuram como expressões de posse. Para isso, há um verbo transitivo que promove a relação entre duas entidades, a partir do ego e da entidade que está sendo adquirida (Baldi; Nuti, 2010; Herslund; Baron, 2001; Seiler, 2001).

Na maioria das línguas, a posse predicativa é codificada pelo verbo “ter” mediante construções existenciais ou construções locativas (Seiler, 2001). Em (1), apresentamos um exemplo do inglês, no qual o verbo *have* predica os argumentos *I* e *three children*. O sintagma nominal *I* assume o papel de possuidor, enquanto o sintagma *three children* assume o papel de possuído.

- (1) I have three children
‘Eu tenho três crianças.’

(Baldi; Nuti, 2010, p. 239, tradução nossa)

Novamente, a posse predicativa é assim chamada porque o possuidor e o possuído preenchem os espaços de argumento de um predicado verbal. De acordo com Zeshan e Perniss (2008), os verbos *to have* (“ter”) e *to belong* (“pertencer”) refletem os dois principais tipos de posse predicativa no inglês. Um exemplo com o último verbo e outro com o primeiro evidenciando a posse predicativa no inglês são dados em (2) e (3).

- (2) I have a house
 ‘Eu tenho uma casa.’
 (Zeshan; Perniss, 2008, p. 3, tradução nossa)
- (3) The house belongs to me
 ‘A casa pertence a mim.’
 (Zeshan; Perniss, 2008, p. 3, tradução nossa)

Em (2), o predicado *have* atribui as relações de possuidor e possuído aos argumentos *I* e *a house*, respectivamente. Construções com *have* prototípicas enfatizam o possuidor, por ser uma entidade definida e ter papel de sujeito atribuído a ele, em comparação com a indefinição do possuído. Em (3), o predicado *belong* atribui o papel de sujeito ao argumento possuído, *the house*, uma entidade definida e que apresenta ênfase em relação ao argumento possuidor, *me*.

De acordo com Heine (1997 *apud* Zeshan; Perniss, 2008), o predicado *belong* tende a estabelecer uma relação de posse permanente, mas alienável, enquanto o predicado *have* tende a permitir uma gama mais ampla de noções possessivas, incluindo tanto uma posse permanente quanto temporária. Em geral, tais diferenças refletem-se no discurso e no *status* informacional dos referentes, com nuances atreladas à interpretação pragmática. Nem todas as línguas têm dois verbos independentes que correspondem a *to have* e *to belong* do inglês e, em algumas situações, a construção de posse pode ser pressuposta.

Perniss e Zeshan (2008) realizaram um estudo comparativo de construções possessivas e existenciais com 26 línguas de sinais, oriundas dos continentes africano, americano, europeu e asiático. As autoras identificaram várias formas de expressar sentenças como *I have a car* (“eu tenho um carro”) ou *how many children do you have?* (“quantas crianças você tem?”), mas, assim como há uma quantidade limitada de padrões de posse predicativa identificados em línguas orais, parece acontecer o mesmo nas línguas de sinais.

Em línguas de sinais, os principais padrões encontrados incluem a posse baseada (1) em expressões existenciais, (2) em ações como pegar, agarrar e segurar (*taking, grabbing, holding*),

ou ainda (3) em construção estendida com um quantificador ou modificador em posição sintática. Há casos raros de línguas de sinais em que não há construção predicativa de posse específica, como na língua de sinais de Adamorobe (AdaSL), uma língua de sinais rural. Nela, a noção de posse predicativa acontece a partir da justaposição entre possuidor e possuído. Construção similar a “eu tenho dinheiro” acontece por meio da justaposição INDEX MONEY.

Sobre a AdaSL, Nyst (2008) menciona que a justaposição de dois sintagmas nominais pode levar a uma interpretação de posse entre eles. Os dados em sinais cuja glosa seria HEARING MONEY A-LOT-OF-MONEY (OUVINTE DINHEIRO MUITO-DINHEIRO) e DEAF MONEY SMALL (SURDO DINHEIRO PEQUENO) remetem às traduções *hearing people have much money* (“os ouvintes [homens] têm muito dinheiro”) e *deaf people have little* (“os surdos [homens] têm pouco”), respectivamente. De acordo com a autora, construções envolvendo a justaposição de nomes completos parecem ser menos frequentes (a partir dos dados da pesquisa) do que a justaposição envolvendo pronomes.

A maioria das línguas de sinais apresenta uso de sinais que expressam tanto existência quanto posse. Nesse caso, construções tipicamente existenciais são usadas também como construções possessivas (Perniss; Zeshan, 2008). Em (4), ilustramos os sinais EXIST/HAVE (“existir”/“ter”) e NOT-EXIST/NOT-HAVE (“não existir”/“não ter”) na língua de sinais da Turquia (TID).

(4)



EXIST/HAVE

NOT-EXIST/NOT-HAVE

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 18)

Em (4), vemos os sinais EXIST/HAVE e NOT-EXIST/NOT-HAVE na TID que são utilizados na construção de posse predicativa, na relação entre o predicado verbal e os argumentos possuído e possuidor.

De acordo com Pichler e Hochgesang (2008), a posse predicativa na ASL é tipicamente expressa pelo sinal glosado HAVE (“ter”). A forma negativa é glosada como NONE

(“nenhum”), um sinal não relacionado fonologicamente. Esse sinal é frequentemente acompanhado por um balançar de cabeça e pelo *mouthing* [o]. Há uma forma variante, às vezes glosada como NOTHING (“nada”). O dado em (5) ilustra esses sinais.

(5)



HAVE



NONE



NOTHING

(Pichler; Hochgesang, 2008, p. 221)

Assim como muitas outras línguas, as construções existenciais originam predicados possessivos na língua de sinais catalã (LSC). Segundo Quer *et al.* (2008), a construção existencial é a principal estratégia para a posse predicativa na LSC. Em (6), podemos observar o sinal THERE-BE (“existir”) na LSC, que pode ser predicador em construções existenciais, conforme (7), e em construções predicativas, conforme (8) a seguir.

(6)



THERE-BE

(Quer *et al.*, 2008, p. 46).

(7) MOUNTAIN SNOW THERE-BE

‘There is snow in the montains.’

(Quer *et al.*, 2008, p. 46)

MONTANHA NEVE EXISTE

‘Há neve nas montanhas.’

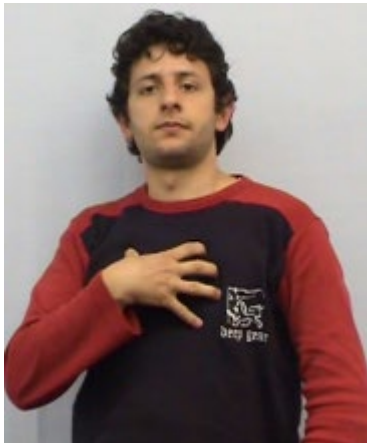
(Quer *et al.*, 2008, p. 46,
tradução nossa)

(8) IX₁ MONEY THERE-BE
 ‘I have money.’
 (Quer *et al.*, 2008, p. 46).

IX₁ DINHEIRO EXISTE
 ‘Eu tenho dinheiro.’
 (Quer *et al.*, 2008, p. 46,
 tradução nossa)

Ainda em relação à posse predicativa na TID, há um sinal glosado como OWN (“próprio”) que também tem uma noção existencial e outra de posse, mas seu uso é mais restrito do que o do sinal EXISTIR/TER, visto em (4). O sinal OWN, visto em (9), é usado em contextos em que o possuído é um referente grande ou importante, como uma casa, um carro e afins. Ainda de acordo com Zeshan e Perniss (2008), esse sinal parece não ser usado em construções em que o possuído é uma caneta, uma moeda ou um animal de estimação e não pode ser usado com termos de parentesco, com conceitos abstratos (como tempo) ou termos relativos a doenças e partes do corpo.

(9)

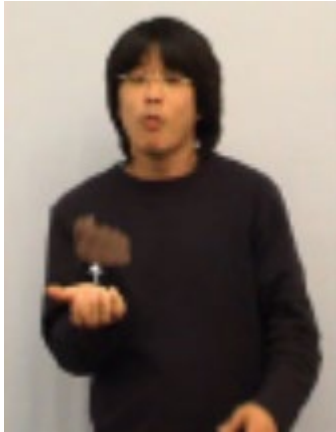


OWN

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 27)

Um segundo padrão de posse predicativa envolve certa noção semântica do campo de “pegar”, “agarrar” e “segurar”. Na língua de sinais da Coreia do Sul (KSL), há um sinal glosado como HAVE-IN-HAND (“ter em mão”), que é baseado na ação física de agarrar alguma coisa, mas foi gramaticalizado de maneira que pode ser usado em uma ampla variedade de contextos de posse. O dado em (10) exhibe esse sinal.

(10)



HAVE-IN-HAND

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 20).

Em (10), o sinal HAVE-IN-HAND da KSL remete à ação física de agarrar. Embora tenha uma origem de manipulação física e resquícios icônicos, a construção de posse predicativa envolve argumentos possuídos que são muito grandes, como uma casa, e termos de parentesco. Zeshan e Perniss (2008) mencionam que essa estratégia é menos comum em relação à construção de posse com verbo existencial.

No terceiro padrão de posse predicativa em línguas de sinais, foi identificado um padrão de construção estendida com um quantificador ou modificador. Nesse caso, uma informação é acrescida sobre o item possuído, por exemplo, a quantidade ou um sinal modificador (adjetival), mas não há nenhum sinal explícito que expresse uma relação possessiva. As autoras citam como exemplo a construção INDEX₁ CHILD_{PL} THREE (IX₁ CRIANÇA_{PL} TRÊS), com uma tradução próxima a *I, the children are three* (“eu, minhas crianças são três”).

De acordo Pichler e Hochgesang (2008), além de uma relação entre estruturas possessivas e existenciais em um grande número de línguas faladas, é preciso também incluir as estruturas locativas como um domínio para expressar posse, já que, para falar da posse ou existência de um referente, é preciso considerar sua existência em algum local. Construções locativas parecem ser bastante oportunas para veicular posse em línguas de sinais, considerando a modalidade gestual-visual-espacial desses sistemas.

Nesse sentido, sobre a descrição de posse na AdaSL, Nyst (2008) menciona o uso produtivo do espaço de sinalização. Um sinal que designa um referente possuído pode ser articulado em um local (*locus*) específico em que foi estabelecido um referente possuidor. A articulação de sinais em pontos específicos do espaço de sinalização é uma estratégia de construção de posse. O mesmo acontece, por exemplo, quando um referente possuído é

articulado de maneira modificada próximo ao corpo do sinalizante; contudo, embora seja possível, “não parece ser uma estratégia usada com frequência” (Nyst, 2008, p. 247). Para a autora, nas construções de posse locativas (com uso do espaço de sinalização), torna-se desafiador dizer se a construção é predicativa ou atributiva.

Na AdaSL há ainda uma construção que envolve o sinal de ENTIDADE, seguido por um sinal de apontamento (INDEX) direcionado para a localização da entidade. Esse sinal de apontar é algumas vezes acompanhado pelo *mouthing* [wɔ], que é baseado no akan, língua oral falada na região.

De acordo com Mendoza (2008), a língua de sinais da Venezuela (LSV) apresenta quatro formas principais de posse predicativa, que estão envolvidas com as construções existenciais. Há três partículas possessivas/existenciais, que o autor glosa como HAVE-1 (“ter-1”), HAVE-2 (“ter-2”) e EXIST (“existir”). Em (11), podemos observar um dado que mostra o uso de HAVE-1, cujo sinal é demonstrado em (12). Esse sinal é usado quando a posse se refere a uma propriedade pessoal. No entanto, os itens possuídos podem não estar no controle imediato do possuidor, ou, em outras palavras, o item possuído pode não estar fisicamente presente ou em contato com o possuidor. No caso da sentença em (11), o interlocutor (possuidor) possui o passaporte (possuído), mas não está com a posse física dele.

(11) HAVE-1 POSS-IX₂ PASSPORT TER-1 POSS-IX₂ PASSAPORTE

‘Seu próprio passaporte.’

(Mendoza, 2008, p. 186)

(Mendoza, 2008, p. 186, tradução nossa)

(12)



HAVE-1

(Mendoza, 2008, p. 187)

O autor menciona o uso do pronome pessoal POSS-IX (indicador), que não é uma forma possessiva em si, mas pode ser usado em construções possessivas/existenciais. Nessas

situações, a posse deixa de ter um caráter nocional geral e passa a ter referência a algo imediato. Em (13), o possuído (“passaporte”) estaria na posse imediata do possuidor. Em (14), os sinais POSS-IX₁ e POSS-IX₂ são demonstrados.

- (13) POSS-IX₂ PASSPORT? POSS-IX₂ PASSAPORTE
 ‘Você tem [seu] passaporte [com você agora]?’
 (Mendoza, 2008, p. 188) (Mendoza, 2008, p. 188, tradução nossa)

(14)



POSS-IX₂



POSS-IX₁

(Mendoza, 2008, p. 188)

O sinal HAVE-2 (“ter-2”) é usado nas situações em que o sinalizante deseja trazer ênfase. Nesse caso, o sinal é usado em situações em que a relação existencial e/ou locativa está sendo enfatizada. A construção em (15) é articulada com o sinal HAVE-2, que é demonstrado em (16).

___Y/N

- (15) HAVE-2 HOLLAND PETROL
 ‘Há gasolina na Holanda?’
 (Mendoza, 2008, p. 189, tradução nossa)

(16)



HAVE-2

(Mendoza, 2008, p. 189)

Ainda em relação à LSV, o sinal EXIST (“existir”) é usado para propósitos existenciais gerais e pode indicar que o possuído está próximo, mas não necessariamente no poder imediato do possuidor. Segundo Mendoza (2008), a soletração H-A-Y parece ser oriunda de um empréstimo linguístico da palavra *hay* (“há”) do espanhol para a LSV. Em (17), há uma construção com o sinal EXIST, que é demonstrado em (18).

(17) a. POSS-IX₂ COFFEE^{Y/N}
 ‘Do you have coffee [here now]?’
 ‘Você tem café [aqui agora]?’

b. EXIST (INDEX_{loc++})^{aff}
 ‘Yes, there is [coffee].’

‘Sim, tem [café].’

(Mendoza, 2008, p. 189, tradução nossa)

(18)



EXIST

(Mendoza, 2008, p. 189)

Nas línguas naturais, a posse também pode ser expressa a partir de um sintagma nominal, de modo que não há verbo que predica argumentos em uma relação de possessividade. Na próxima seção, apresentamos os princípios de manifestação desse tipo de estabelecimento de posse, a atributiva.

2.4 Posse atributiva

A posse atributiva refere-se a construções em que a relação entre o possuidor e o possuído é estabelecida dentro de um sintagma nominal. Por isso, a posse atributiva também é chamada de posse nominal ou adnominal. Construções como “meu carro” e “o livro do João” mostram uma relação possessiva atributiva. No primeiro caso, o possuidor é um pronome e, no segundo caso, o possuidor é um substantivo em uma relação substantivo-substantivo.

O possuidor e o possuído podem estar relacionados por simples justaposição (ou concatenação), mas também por marcações morfológicas em um ou em ambos os elementos. Nesse sentido, pode haver marcadores de concordância ou afixos de caso. As línguas podem marcar o possuidor (marcação dependente), o possuído (marcação principal) ou ainda ambos, possuidor e possuído.

Segundo Nichols (1986), um padrão tipológico estabelecido nas línguas do mundo diz respeito às características dos elementos que compõem um constituinte. Um constituinte de uma língua é formado por um elemento núcleo e elementos dependentes. De acordo com

Nichols (1986), há línguas (i) marcadas pelo núcleo e (ii) marcadas pelo dependente². Essas características, marcação no elemento núcleo ou marcação no elemento dependente, tendem a se manifestar em diferentes sistemas, de maneira consistente.

Há também outros padrões de manifestação. Além dos padrões (i) marcados pelo núcleo e (ii) marcados pelos dependentes, há línguas que apresentam (iii) dupla marcação, em que há marcação tanto no núcleo quanto no dependente, (iv) marcação dividida, em línguas que apresentam sistemas com alguns padrões marcados no núcleo e alguns padrões marcados no dependente, e ainda (v) línguas com completa ausência de marcação, seja no núcleo, seja no dependente. Esse é um padrão comum em línguas com pouca ou nenhuma morfologia.

Segundo a autora, há uma complementaridade entre marcação de núcleo e marcação de dependente, de forma a existir uma dicotomia entre elas. Quase nenhuma língua usa todas as marcas morfológicas possíveis em ambos (núcleo e dependente). Segundo Nichols (1986),

não é incomum nos depararmos com descrições de línguas que possuem muita marcação de caso e pouca flexão verbal ou que fazem uso de uma extensa afixação verbal em vez de marcação de caso. [...]. Ou seja, a literatura reconhece a complementaridade entre certas categorias morfológicas. O que não foi reconhecido é que tais complementaridades reduzem-se nitidamente a duas possibilidades polares – marcação de núcleos *versus* marcação de dependentes – e que uma língua provavelmente fará uma escolha consistente quanto ao tipo de marcação em toda a sua morfossintaxe (Nichols, 1986, p. 65-66, tradução nossa)³.

O núcleo é considerado o elemento do constituinte que se apresenta como primitivo (primário), no sentido de que determina a possibilidade de existência de outros elementos, os dependentes. Marcação, ainda de acordo com a autora, diz respeito à presença de elementos morfológicos evidentes (afixos), além de formas que, usualmente, não são consideradas morfológicas, como mudanças fonológicas e posição sintática evidente e específica. Em línguas do tipo isolante⁴, por exemplo, as palavras gramaticais (partículas) tendem a marcar o núcleo e/ou os dependentes, posicionadas como um apêndice circunvizinho.

As reflexões da autora foram baseadas em uma amostra formada por línguas (orais) que apresentavam uma quantidade considerável de morfologia. A análise compreendeu os sistemas de posse, atributivo, adposicional e oracional. As relações de dependência entre os constituintes nesses sistemas são apresentadas no Quadro 1.

² Conhecidas na literatura como *head-marking languages* e *dependent-marking languages*.

³ “It is not uncommon to see a language described as having many cases, but little verbal inflection; or as using extensive verbal affixation rather than case. [...]. That is, the literature generally recognizes the complementarity between certain morphological categories. What has not been recognized is that such complementarities neatly reduce to two polar possibilities — marking of heads vs. marking of dependents — and that a language is likely to make a consistent choice as to marking type throughout its morphosyntax” (Nichols, 1986, p. 65-66).

⁴ Nas línguas do tipo isolante, as palavras são formadas por um único morfema. Um exemplo de língua isolante é o japonês (Comrie, 1989).

Quadro 1 – Relação de dependência entre os constituintes de um sistema

NÍVEL	NÚCLEO	DEPENDENTE
Sintagma	Possuído	Possuidor
	Nome	Adjetivo (modificador)
	Adposição	Objeto de adposição
Oração	Predicado	Argumentos e adjuntos
	Verbo auxiliar	Verbo lexical (principal)
Sentença	Predicado da oração principal	Oração relativa ou subordinada

Fonte: adaptação de Nichols (1986, p. 57).

Os dados (19a) e (19b) a seguir, apresentados por Nichols (1986), são provenientes do inglês e do húngaro e ilustram um sistema de posse marcado pelo dependente, no primeiro caso, e pelo núcleo, no segundo caso.

Na construção possessiva em (19a), do inglês, o nome *man* (elemento dependente) é marcado por um genitivo, o elemento 's, enquanto o nome *house* (elemento núcleo) não é marcado. Dessa forma, o inglês é uma língua cujo sistema de posse é marcado pelo dependente. Em (19b), no húngaro, o nome *ház* (elemento núcleo) é marcado por um sufixo pronominal *-a*, enquanto o nome *ember* (elemento dependente) não é marcado. Assim, o húngaro é uma língua marcada pelo núcleo. A relação sintática entre os constituintes nas duas construções é a mesma (elemento dependente mais elemento núcleo), mas a marcação morfológica é oposta.

(19) a. *Inglês*

The man's house

HOMEM G CASA

D/M H

'A casa do homem.'

(Nichols, 1986, p. 57, tradução nossa)

b. *Húngaro*

Az ember ház-a

homem casa-3sg

'A casa do homem.'

(Nichols, 1986, p. 57, tradução nossa)

Conforme Kroeger (2005), a maioria das línguas permite que um sintagma nominal contenha outro sintagma que nomeia o possuidor, podendo ser usado para expressar o conceito

de posse ou propriedade. Contudo, em muitas línguas, esse recurso também pode ser usado para expressar uma ampla variedade de outras relações.

A relação de posse a partir dos pronomes possessivos utiliza a dêixis para apontar os referentes como possuído (a coisa que é própria) e indicar o possuidor (quem é o proprietário). De acordo com Fiorin *et al.* (2014, p. 165), “os adjetivos possessivos são uma variante dos pronomes pessoais, empregada quando se expressa uma relação de apropriação entre uma pessoa (o possuidor) e uma ‘coisa’ (o possuído)”.

Segundo Said Ali (1969), os pronomes pessoais apresentam-se nas três pessoas do discurso, a primeira pessoa que fala (1ª pessoa), o indivíduo com quem se fala (2ª pessoa) e a pessoa de que se fala (3ª pessoa), e, da mesma forma, os pronomes possessivos designam a noção de posse em referência às três pessoas do discurso.

Conforme Cunha (2012), os pronomes possessivos da língua portuguesa variam na forma de acordo com o gênero e o número da coisa possuída, bem como o número de referentes representados na posição de possuidor. O Quadro 2 – Possuidor e possuído na gramática do português exibe os pronomes possessivos na língua portuguesa.

Quadro 2 – Possuidor e possuído na gramática do português

	Um possuidor		Vários possuidores	
	Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa masc.	Meu	Meus	Nosso	Nossos
fem.	Minha	Minhas	Nossa	Nossas
2ª pessoa masc.	Teu	Teus	Vosso	Vossos
fem.	Tua	Tuas	Vossa	Vossas
3ª pessoa masc.	Seu	Seus	Seu	Seus
fem.	Sua	Suas	Sua	Suas

Fonte: Cunha (2012, p. 185).

Em línguas de sinais, Perniss e Zeshan (2008) apresentam algumas generalizações sobre a posse atributiva a partir de sintagmas com pronomes possessivos. Os pronomes possessivos são comuns nas línguas de sinais e apresentam semelhanças com os pronomes pessoais.

Em línguas de sinais, a maioria dos pronomes pessoais é baseada em sinais de apontamento, a partir do dedo indicador estendido. Embora os pronomes possessivos tenham configuração de mão distinta, ambos os pronomes realizam indicação de referentes no espaço de sinalização.

Em relação aos pronomes possessivos, a primeira distinção entre as línguas de sinais é que há (1) línguas que têm separadas formas específicas de configuração de mão para pronomes possessivos, que se distinguem dos sinais de indicação (com o indicador estendido), e (2) línguas que não têm formas específicas de configuração de mão para pronomes possessivos, ou seja, a forma dos pronomes possessivos e a dos pronomes pessoais é a mesma. Na Figura 3, Perniss e Zeshan (2008) apresentam as principais configurações de mão que codificam pronomes possessivos em línguas de sinais diferentemente da configuração de mão com indicador estendido.

(20)



a) CM: "B"

b) CM: "A"








c) CM: "P"

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 16)

A terceira configuração de mão, com os dedos indicador e médio estendidos, apresenta uma forma variante, com os dedos indicador, médio e polegar estendidos, de forma que o dedo polegar está posicionado entre os dedos indicador e médio. As autoras ressaltam ainda que os pronomes possessivos exercem uma função dêitica e participam tanto da construção de posse atributiva, como ocorre, por exemplo, com "meu", quanto de posse predicativa, similarmente ao que ocorre em "é meu" (Zeshan; Perniss, 2008).

Novamente, em algumas línguas de sinais, os sinais de indicação podem ser pronomes pessoais, possessivos ou demonstrativos, entre outros, dependendo do contexto. No que se refere aos sinais de apontamento e à relação de posse entre o possuído e o possuidor, Zeshan e Perniss (2008) argumentam que:

a posse atributiva expressa a relação entre um possuidor e um item possuído (chamado de *possessum*) dentro de um sintagma nominal. De um modo geral, o possuidor pode ser animado ou inanimado e pode ser expresso pronominalmente (por exemplo, minha casa) ou nominalmente (por exemplo, a casa da mulher ou a porta da casa). Em Kata Kolok, a referência pronominal é obtida através do uso de sinais de indicação. Sinais de indicação também são usados em conjunto com sinais nominais em construções que possuem possuidores nominais. A relação entre um possuidor nominal e um *possuído* nominal é expressa pela justaposição dos dois elementos (Zeshan; Perniss, 2008, p. 131).

Conforme Cormier (2012) que os pronomes possessivos nas línguas de sinais descritas até o momento são direcionais da mesma forma que os pronomes pessoais não possessivos. Eles geralmente apresentam uma configuração de mão distinta da configuração de mão com apontamento  usada em outros pronomes pessoais, por exemplo, uma configuração de mão  com a palma voltada para o referente em línguas de sinais como a ASL, a HZJ, a língua de sinais austríaca (ÖGS), a língua de sinais finlandesa (FinSL), a língua de sinais dinamarquesa (DSL) e a língua de sinais de Hong Kong (HKSL) (Alibasic Ciciliani/Wilbur 2006; Pichler et al. 2008; Tang/Sze 2002) e uma configuração de mão  na família de línguas de sinais britânica, australiana e neozelandesa (BANZSL) (Cormier/Fenlon 2009; Sutton-Spence/Woll 1999). Embora a BSL utilize a configuração de mão  na maioria dos casos, a configuração de mão  também pode ser usada para relação de posse inalienável (Cormier/Fenlon 2009; Sutton-Spence/Woll 1999). Na HKSL, a configuração de mão  para posse é restrita à posse predicativa. A posse nominal (com ou sem possuidor expreso) é expressa por meio da configuração de mão  (Tang/Sze 2002). Os pronomes possessivos, ao menos na BSL e na ASL, são marcados para pessoa e número da mesma forma que os pronomes pessoais não possessivos (Cormier/Fenlon 2009).

De acordo com Liddell (2003), a ASL possui um conjunto de dois pronomes possessivos singulares, glosados como POSS₁ e POSS₂, que se referem à primeira pessoa e à não primeira pessoa. No primeiro caso, referente à primeira pessoa, o sinal é produzido com a mão na forma de B e a palma faz um único contato com o peito do sinalizante. Ele normalmente aparece na posição inicial, em um sintagma nominal, antes do substantivo e de quaisquer outros modificadores do substantivo.

O pronome de não primeira pessoa possui a mesma configuração de mão que POSS₁, mas é direcionado para longe do sinalizante, com a palma da mão voltada para o possuidor. Tal como acontece com os pronomes não possessivos, a posição do possuidor influencia na direcionalidade do pronome possessivo. Ainda segundo o autor, no caso de um possuidor humano, tudo que o sinalizador precisa saber é a localização do peito do possuidor para direcionar o pronome possessivo (Liddell, 2003). Os dados em (21) demonstram esses pronomes.

(21)

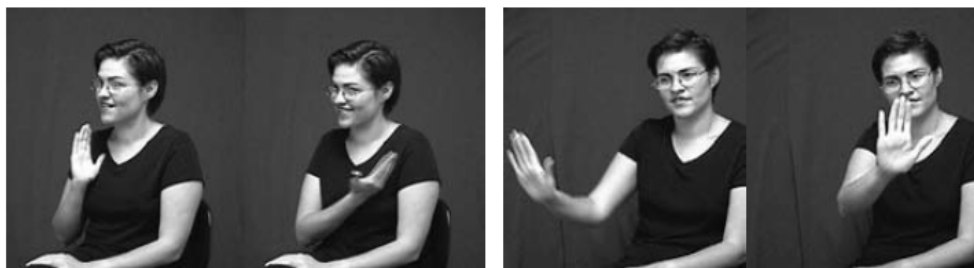
POSS₁POSS₂

(Liddell, 2003, p. 30)

A ASL tem dois pronomes possessivos plurais. O POSS_{PL1} é articulado a partir de um contato inicial com o lado ipsilateral do tórax, realizando um movimento em arco na altura do peito, seguido de um contato no lado oposto do tórax com o lado ulnar da mão. Apesar de a palma da mão não apontar durante a articulação desse sinal, o sinalizante pode se inclinar para a direita, por exemplo, para indicar que os outros possuidores estão localizados à direita do sinalizante. Assim, embora a mão do sinalizante não aponte para os outros referentes, o corpo em deslocamento do sinalizador pode, às vezes, realizar o mesmo propósito.

O pronome POSS_{PL2} aponta para os referentes possuidores. Sua articulação envolve a palma da mão voltada para um dos lados e, em seguida, o movimento em forma de arco até um outro ponto no espaço de sinalização, contemplando o grupo de referentes possuidores (Liddell, 2003). Os dados em (22) demonstram esses pronomes.

(22)

POSS_{PL1}POSS_{PL2}

(Liddell, 2003, p. 31)

Conforme Pichler e Hochgesang (2008), a posse atributiva na ASL acontece por justaposição, tal que dois substantivos adjacentes são interpretados como um possuidor e um

possuído. No *corpus* da pesquisa dos autores, a justaposição ocorre frequentemente com possuidores humanos, particularmente na posse envolvendo parentesco, parte do corpo, e possuído inanimado (abstrato ou concreto).

De acordo com Zeshan e Perniss (2008), na língua de sinais *kata kolok*⁵, há o uso de sinais de indicação na expressão de posse e existência. O apontar é usado para identificar tanto o possuidor quanto o possuído e ocorre tanto em posse atributiva quanto em predicativa. Além disso, o apontar é usado em expressões locativas e existenciais, indicando que “a casa está ali” ou que “existe uma casa ali”.

Os enunciados são, portanto, muitas vezes ambíguos, e o significado exato pode ser determinado apenas pelo contexto. Além disso, a *kata kolok* usa um sinal de “polegar para cima” polissêmico, para indicar posse ou existência em construções predicativas. Há o uso de um sinal de aceno de mão como um existencial negativo e o uso de justaposição em construções possessivas com dois nominais.

Para expressar posse pronominal como em “meu marido”, “sua mãe” ou “seu livro”, a *kata kolok* usa sinais que apontam para os possuidores. Os sinais são idênticos em forma àqueles usados para referência pronominal simples de sujeito e objeto. A direção dos sinais de indicação para mostrar o possuidor é predominantemente determinada pela localização no mundo real do referente. Assim, tanto a posse pronominal alienável quanto a posse pronominal inalienável são expressas apontando para o possuidor. O dado em (23) demonstra o uso do sinal de indicação para estabelecer posse e que esse sinal pode preceder ou suceder o possuído.

(23)



MOTHER

IX (his/her)

IX (his/her)

MOTHER

‘Mãe dele/dela.’

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 132, tradução nossa)

⁵ *Kata kolok* é uma língua de sinais usada em uma vila no norte da ilha de Bali, na Indonésia, e possui 50 usuários surdos, de idades variadas, em uma população de 2.200 pessoas. Nessa vila, a incidência de surdez é extremamente alta em comparação com a incidência de surdez em sociedades urbanas ocidentais. A surdez na aldeia decorre de um gene recessivo que responde pelo aumento súbito da surdez e, conseqüentemente, pelo surgimento da *kata kolok*. Há a sugestão de que essa língua tenha surgido há doze gerações (De Vos, 2011).

Além da configuração de mão com o dedo indicador estendido tocando no peito, para fazer referência à primeira pessoa singular, os sinalizantes também usam a configuração de mão em B. De acordo com as autoras, não parece haver qualquer diferença de significado entre essas formas.

Todas as formas de primeira pessoa ocorrem tanto antes quanto depois do possuído e são moduladas em relação à duração e à frequência para indicar ênfase ou intensidade (Zeshan; Perniss, 2008). Os dados em (24) e em (25) exibem o uso da configuração de mão em IX e em B como pronomes possessivos de primeira pessoa.

(24)



POSS₁

MARRY

FEMALE

BEAUTIFUL

‘Minha esposa é bonita.’

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 132, tradução nossa)

(25)



POSS₁

MARRY

MALE

SINAL-pessoa

‘Meu marido é [sinal].’

(Zeshan; Perniss, 2008, p. 132, tradução nossa)

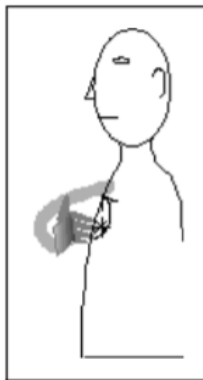
A partir do fato de que o uso da configuração de mão em B não existe com referência à segunda ou à terceira pessoa, as autoras concluem que a *kata kolok* não tem um conjunto separado de pronomes possessivos e que a variação da forma de mão em pronomes de primeira

pessoa é alomórfica. Resta determinar quais são os critérios para a escolha do alomorfe no contexto do discurso sinalizado (Zeshan; Perniss, 2008).

Na língua de sinais indo-paquistanesa (IPSL), a construção do sintagma genitivo é idêntica a outras construções modificadoras dessa língua, que também são realizadas por justaposição. O possuidor sempre precede o possuído, de acordo com o princípio mais geral da IPSL, segundo o qual os modificadores precedem os itens modificados (Zeshan, 2003).

Segundo Zeshan (2003), a construção do sintagma genitivo é idêntica para todos os tipos de possuidores e tipos de possuídos. Os sinais de indicação com a configuração de mão em IX são utilizados com significados diferentes conforme o contexto. Eles podem apontar o referente como demonstrativos, como pronomes pessoais e indicar o possuidor como pronomes possessivos. Há uma forma de pronome possessivo com a configuração de mão em A, usada em contextos enfáticos. A autora ressalta que esse uso enfático, exemplificado em (26), é pouco frequente.

(26)



POSS₁

‘Meu.’

(Zeshan, 2003, p. 180)

De acordo com Quer *et al.* (2017), nas línguas de sinais estudadas até o momento, foram observadas três maneiras de construir a posse atributiva: (1) com pronomes possessivos, (2) com um marcador vinculado à posse e (3) por justaposição.

Em geral, os pronomes possessivos são direcionais, assim como os pronomes pessoais, mas geralmente têm uma forma de mão que difere da forma de apontamento. Quanto à posição, os pronomes possessivos podem estar prepostos ou pospostos ao referente possuído. Eles podem também ser reduplicados.

O marcador vinculado à posse diz respeito a sinais que estabelecem a relação de possessividade entre o possuidor e o possuído. Esses marcadores podem ser articulados entre o possuidor e o possuído, bem como em local posposto ao possuidor.

Ainda, a justaposição é considerada a estratégia mais simples, pois não envolve nenhuma marcação morfossintática adicional. Uma estratégia alternativa para a construção de posse é o uso do espaço (justaposição espacial). Nas línguas de sinais, o uso produtivo do espaço quando há a articulação de um referente possuído num mesmo local em que previamente havia sido articulado um referente possuidor, numa espécie de empilhamento, promove a ideia de possessividade entre o possuidor e o possuído (Quer *et al.*, 2017).

De acordo com Quer *et al.* (2008), na língua de sinais do Catalão, há pronomes específicos para posse que consistem em um sinal bimanual com formato de mão em Y, cuja orientação do dedo e da palma é determinada pela localização do possuidor. A forma pronominal está indicada em (27).

(27)



SU

‘Seu.’

(Quer *et al.*, 2008, p. 39, tradução nossa)

Ainda de acordo com Quer *et al.* (2008), na língua de sinais catalã, há um marcador específico que vincula possuidor e possuído, glosado como DE. Em (28), a sentença expressa o uso do sinal DE, que é demonstrado em (29).

(28) BOOK DE TEACHER LIVRO DE PROFESSOR

‘O livro do professor.’

(Quer *et al.*, 2008, p. 36)

(Quer *et al.*, 2008, p. 36, tradução nossa)

(29)



DE

(Quer *et al.*, 2008, p. 36)

Há um item lexical específico para expressar posse enfática na língua de sinais catalã. Esse é o sinal glosado como PROPI, “possuir”. Em contextos neutros, PROPI expressa posse na primeira pessoa, mas outras pessoas não são excluídas, e é posposto ao referente possuído. Em alguns contextos, PROPI pode com DE. Em (30) está exemplificado o sinal de PROPI.

(30)



PROPI

(Quer *et al.*, 2008, p. 40)

Quer *et al.* (2008) também estabelece que há um marcador para posse do tipo inalienável, específico para as relações de parentesco. Isso acontece por meio do uso de um marcador específico glosado como KINSHIP (“parentesco”). O termo relacional de parentesco que indica o possuído aparece após o marcador da construção, enquanto o sintagma referencial possuidor tende a ocupar a primeira posição. O sinal KINSHIP na língua de sinais catalã está demonstrado em (31):

(31)



KINSHIP

(Quer *et al.*, 2008, p. 40)

Por sua vez, a justaposição parece ser uma estratégia padrão para relações possessivas na língua de sinais catalã, prevista também em outras línguas de sinais (Quer *et al.*, 2008).

A língua de sinais árabe levantina (LIU) é sinalizada em uma área que abrange Jordânia, Palestina, Síria e Líbano. De acordo com Hendriks (2008), a posse atributiva na LIU pode ser expressa por justaposição, por meio do uso de pronome pessoal e de um sinal enfático/possessivo, glosado como SELF. Esse sinal aparece em contextos enfáticos/possessivos, mas também pode funcionar como enfático/reflexivo e como um predicado em construções de pertencimento. Em (32), está exemplificado o sinal SELF na LIU.

(32)

SELF₁

'eu mesmo'

SELF₂

'você mesmo'

(Hendriks, 2008, p. 58)

Em alguns contextos, o uso de pronomes e do sinal SELF em construções possessivas pode gerar ambiguidade quanto ao tipo de posse. Em algumas situações, pode-se promover uma noção tanto atributiva quanto predicativa. Além disso, na LIU, a posse atributiva pode ser expressa por justaposição (Hendriks, 2008).

Na próxima seção, apresentamos a possessividade atrelada a outras propriedades, tais como as noções de alienabilidade e inalienabilidade.

2.5 Posse e outras propriedades

De acordo com Stassen (2009), vários subtipos de posse podem ser categorizados em relação aos parâmetros de contato e controle e aos valores atribuídos a eles. Diferentes subtipos são possíveis a partir de possibilidades lógicas. O autor sugere o mapeamento de tipos de posse a partir da matriz apresentada a seguir, no Quadro 3.

Quadro 3 – Tipos de posse a partir dos parâmetros de contato e controle

Subtipo possessivo	Contato permanente	Controle
Alienável	+	+
Inalienável	+	-
Temporário	-	+
Abstrato	-	-

Fonte: adaptação de Stassen (2009, p. 17).

O autor estabelece que a posse alienável, por exemplo, apresenta valores positivos em ambos os parâmetros (contato e controle). Na posse alienável, a relação entre o possuidor e o possuído é permanente, considerada significativa e envolve um controle do possuidor sobre o possuído. Diferentemente, a posse inalienável não envolve um controle do possuidor sobre o possuído.

De acordo com Lehmann (1998 *apud* Perniss; Zeshan, 2008), referentes possuídos podem ser concebidos como inalienáveis ou alienáveis para o possuidor, que é prototipicamente humano (por exemplo, “a casa do homem”), mas também pode ser não humano e animado (por exemplo, “as orelhas do cachorro”), ou, ainda, inanimado (por exemplo, “os galhos da árvore”). Bens alienáveis são aqueles com os quais é possível, de alguma forma, romper ou encerrar a relação de posse, por exemplo, por perda, venda ou roubo. Ao contrário, a posse inalienável é inerente e permanente. Exemplos prototípicos de posse inalienável são as relações de parentesco e as que envolvem partes do corpo. Nesses casos, o referente possuído é fisicamente e/ou conceitualmente inseparável do possuidor.

Segundo Perniss e Zeshan (2008), para relações inalienáveis, em particular para as posses prototipicamente inalienáveis (partes do corpo e relações de parentesco), a posse e a

noção de controle do possuidor sobre o possuído é inerente ao conceito. Isso pode refletir em padrões morfológicos específicos para posses alienáveis e posses inalienáveis que acontecem em muitas línguas.

Como categoria gramatical, a posse inalienável tende a apresentar uma relação estrutural mais próxima do possuidor. Nesse sentido, pode ser que os nomes possuídos inalienáveis sejam não marcados (em contraste com a marcação dos alienáveis), ou que haja uma categoria de nomes possuídos obrigatória para nomes possuídos inalienáveis. No segundo caso, o nome sempre tem que aparecer junto ao possuidor, tipicamente na forma de um pronome, como em “meu irmão”, sendo impossível simplesmente se referir a “irmão” de maneira genérica. Além disso, a categoria de nomes inalienáveis em uma língua tende a ser uma classe fechada, enquanto a categoria de nomes alienáveis tende a ser aberta (Nichols, 1988 *apud* Perniss; Zeshan, 2008).

Para Kroeger (2005), a posse inalienável é utilizada para indicar uma relação necessária e permanente entre possuidor e possuído, que inclui partes do corpo e termos de parentesco. A posse alienável é utilizada para referentes que são possuídos condicionalmente ou temporariamente, como itens que podem ser comprados, vendidos, doados, perdidos, encontrados etc.

No entanto, a distinção entre alienabilidade e inalienabilidade é uma questão cultural. As línguas podem estabelecer essa distinção de maneira muito diferente. Além de termos relacionados a partes do corpo e de termos de parentesco, algumas línguas podem incluir na categoria de possuídos inalienáveis estados físicos e mentais (por exemplo, força e medo) e qualidades que são usadas para descrever uma pessoa de maneira única (por exemplo, seu nome, a voz ou o odor). Outros inalienáveis menos óbvios, mas que são frequentemente encontrados nas línguas do mundo, são entidades como a cama de uma pessoa, sua casa, seus vizinhos ou seu clã.

As diferenças nas manifestações morfossintáticas entre as categorias alienável e inalienável também são evidenciadas no que se refere à diferença entre posse predicativa e posse atributiva. Sobre isso, noções inalienáveis em geral são preferencialmente codificadas na forma de posse atributiva.

A posse predicativa tende a codificar (novas) informações. A posse atributiva tende a codificar informações pressupostas (antigas) e um estado de coisas normal e não marcado. Partes do corpo, por exemplo, são inerentemente possuídas e, por isso, não demandariam marcação, além de serem um tipo de informação prototipicamente pressuposta.

A posse envolve um domínio conceptual comum ao comportamento humano com que, provavelmente, todas as línguas devem lidar. A manifestação da posse pode apresentar uma gama de diferentes significados, cuja codificação depende da língua em específico. Este trabalho descreve a posse na Libras a partir de uma perspectiva tipológica e de dados da língua em uso. No próximo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que contribuíram para essa descrição.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os caminhos tomados para a coleta dos dados, a anotação dos dados, bem como traz uma tabela com a quantidade de dados considerados, aborda os meios de partida para a análise nesta pesquisa e quais foram os desafios, as limitações e as escolhas durante o andamento das etapas deste trabalho.

De acordo com Bakker (2014), a informação real sobre as línguas é encontrada no discurso dos falantes. Esse discurso permite o acesso a dados ideais para qualquer pesquisa linguística e é a fonte de dados de predileção para a descrição de domínios funcionais. Nesse sentido, o nosso *corpus* de análise é composto, majoritariamente, de dados provenientes de situações reais de interação entre surdos adultos usuários da Libras. Nesta pesquisa, há dados de *corpus*, de redes sociais e um vídeo pessoal como fonte para o estudo e a análise desenvolvida sobre a descrição da gramática de posse na Libras.

De acordo com Greenberg (1963) e Croft (2003), a comparação entre línguas e o levantamento de generalizações confiáveis dependem (i) da identificação correta da categoria investigada em línguas individuais e (ii) do levantamento adequado de fenômenos gramaticais para essa comparação. No caso desta pesquisa, estudamos e buscamos compreender a gramática de posse quanto à relação atributiva e à predicativa em diferentes línguas; porém, não é foco primário a comparação das línguas de sinais. Ressaltamos, assim, que o objetivo da pesquisa não é fazer um estudo tipológico da categoria de posse tendo em conta todas as línguas de sinais, mas utilizar a perspectiva tipológica para considerar o funcionamento do sistema de posse em outras línguas a fim de trazer maiores reflexões sobre o emprego dessa categoria pela Libras.

Nas seções seguintes, descrevemos os procedimentos de coleta dos dados, abordamos os tipos de fontes, o perfil dos participantes e como foi feita a análise, categorização e transcrição a partir do uso do ELAN, finalizando com a categorização propriamente e com a apresentação dos dados.

3.1 Coleta dos dados

O *corpus* de análise desta pesquisa é composto por (i) dados do Corpus de Libras de 4 estados (Palmas (TO), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE) e Maceió (AL) (UFSC, [s. d.]), (ii) dados coletados em campo, a partir de observações de conversas espontâneas entre surdos, (iii) vídeos recebidos por mensagens via aplicativo WhatsApp e gravados e disponibilizados por

Stories do Instagram, (iv) vídeos de um banco de dados intitulado “Temáticas recorrentes nas piadas surdas” e (v) um dos vídeos de narrativas de histórias produzido por uma professora surda.

O banco de dados intitulado “Temáticas recorrentes nas piadas surdas” é composto por vídeos de piadas que circulam entre surdos(as) na cidade de Goiânia (GO). Esse *corpus* foi elaborado como parte das atividades de Prática como Componente Curricular (PCC) do curso de Letras: Libras da UFG. A elaboração desse *corpus* aconteceu no segundo semestre de 2016, a partir de sinalizantes surdos que disponibilizaram os vídeos para esta análise.

Parte dos dados que compõem esta tese consiste em dados coletados durante a pesquisa da dissertação de mestrado do autor (El Khouri, 2020), além dos novos dados coletados na fase de doutoramento. A pesquisa de mestrado aconteceu entre os meses de setembro de 2017 e maio de 2019 e considerou três fontes: dados coletados em campo, vídeos de WhatsApp e vídeos do banco de dados “Temáticas recorrentes nas piadas surdas”. Esse trabalho contou com 14 participantes e identificou 47 construções de posse atributiva em Libras. Os (as) participantes surdos(as) eram das cidades de Porto Nacional (TO), Palmas (TO), Goiânia (GO), Caldas Novas (GO) e Imperatriz (MA).

Já a pesquisa da tese teve início em fevereiro de 2021 e foi até janeiro de 2025. O *corpus* de análise desta pesquisa, incluindo os dados da dissertação, totaliza 343 construções de posse em Libras, que foram produzidas por 32 participantes diferentes. Contamos com a colaboração de participantes de Florianópolis (SC), Porto Nacional (TO), Palmas (TO), Maceió (AL), Fortaleza (CE), São Paulo (SP), Uberlândia (MG), Divinópolis (MG), Caldas Novas (GO), Goiânia (GO) e São Luís Montes Belo (GO).

Todos os dados de pesquisa da dissertação fazem parte do *corpus* de análise desta tese, mas a pesquisa de mestrado teve como objetivo a descrição da posse atributiva na Libras; por outro lado, na tese, o objetivo foi a descrição da posse atributiva e predicativa na Libras, em uma perspectiva tipológica.

3.1.1 Tipos de fonte

Retomando, o *corpus* de análise desta pesquisa é composto por (i) dados do Corpus de Libras de 4 estados (UFSC, [s. d.]), (ii) dados coletados em campo, (iii) vídeos do WhatsApp/Instagram, (iv) vídeos de um banco de dados intitulado “Temáticas recorrentes nas piadas surdas” e (v) um dos vídeos de narrativas de histórias produzido por uma professora surda. Os vídeos foram analisados e as construções de posse foram identificadas. Os resultados

foram registrados pelo programa Excel, usado para quantificação de dados, anotação dos tipos de fonte (de dados), do tipo de construção e da identificação do participante.

As tabelas a seguir exibem os tipos de fonte e os participantes que compõem o *corpus* da pesquisa. Apresentamos os dados: provenientes do Corpus de Libras (Tabela 1); de redes sociais e do banco de dados de piadas surdas, que também inclui os dados provenientes de um dos vídeos de narrativas de histórias produzido por uma professora surda (Tabela 2); coletados em campo (Tabela 3); e que foram provenientes do *corpus* da dissertação de mestrado sobre posse atributiva em Libras (Tabela 4).

Nesta apresentação inicial, não foram incluídas as construções que envolvem apagamento do agente, que serão apresentadas na subseção 3.3.4. Embora o apagamento do agente tenha relação com o domínio da possessividade, construções com tal apagamento não foram consideradas como posse nesta pesquisa.

Tabela 1 – Dados do Corpus de Libras (4 estados)

Participantes do <i>corpus</i>	Quantidade de dados	Tempo de vídeo
P1 – Fernanda (SC)	48	00:40:28
P2 – Juliana (SC), entrevistadora	12	
P3 – Francisca (TO)	9	00:09:14
P4 – Renato (TO), entrevistador	11	
P5 – Alisson (AL)	27	00:10:13
P6 – Maiara (AL), entrevistadora	7	
P7 – Igor (CE)	45	00:14:10
P8 – Vanessa (CE), entrevistadora	4	
Total	163	-

Fonte: elaboração própria, com base em dados do Corpus de Libras (UFSC, [s. d.]).

Os quatro participantes surdos entrevistados foram selecionados a partir do *corpus*, com o objetivo de representar a diversidade da comunidade surda em diferentes estados. A escolha ocorreu por meio de redes sociais e de vídeos disponíveis em bancos de dados, priorizando participantes que abordassem diferentes⁶, assuntos e eventos em conversas espontâneas. Vale lembrar que esta pesquisa, voltada ao uso da Libras, envolve exclusivamente surdos brasileiros. Por isso, torna-se necessário incluir participantes de diversos estados, a fim de observar como se manifesta, em diferentes regiões, o fenômeno da posse na Libras

⁶ A Tabela 5 apresenta a cidade e o estado dos participantes.

A Tabela 1 vista anteriormente exhibe o quantitativo de dados sobre construção de posse na Libras, realizados por 8 participantes diferentes e registrados no Excel. Os vídeos que compõem o Corpus de Libras foram coletados a partir de uma metodologia de coleta padronizada, que envolve quatro câmeras e dois participantes (um participante entrevistador e outro participante entrevistado). Conforme indica a Tabela 1, há construções de posse que foram identificadas a partir da sinalização do entrevistador. Os dados provenientes do Corpus de Libras, conforme a Tabela 1, totalizam 163 construções, posteriormente analisadas pelo ELAN.

Tabela 2 – Dados de redes sociais e banco de dados

Redes sociais/ vídeo gravado	Quantidade de dados
P9 (Instagram)	15
P10 (Instagram)	4
P11 (WhatsApp)	2
P12 (WhatsApp)	1
P13 (vídeo gravado)	2
P14 (WhatsApp)	14
P15 (WhatsApp)	7
Total	45

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 2 apresenta os dados em formato de vídeo que foram recebidos pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, coletados pelo Instagram ou que vêm do banco de dados de piadas surdas, incluindo um vídeo de uma das narrativas de histórias produzido por uma professora surda. Os dados provenientes dessas fontes totalizam 45 construções de posse, que foram analisadas pelo ELAN.

Tabela 3 – Dados de observação em campo

Participante	Quantidade de dados
S1	13
S2	5
S3	8
S4	9
S5	16
S6	9
S7	4
S8	2
S9	1
S10	2
S11	1
S12	3
S13	1
S14	2
Total	76

Legenda: S, surdo participante.

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 3 mostra o quantitativo de dados coletados no trabalho de campo, em que o pesquisador surdo observou conversas espontâneas entre surdos. Após a identificação de construções possessivas na Libras, os dados eram anotados a partir de glosas e explicações em língua portuguesa pelo aplicativo Notas em um celular com iOS, ou eram gravados (em vídeo) pelo pesquisador de maneira a simular a mesma sentença em Libras que outro sinalizante produziu. Os dados provenientes de observação em campo totalizam 76 construções de posse e foram coletados a partir de 14 participantes surdos, identificados na Tabela 3 por códigos que vão de S1 a S14.

Tabela 4 – Dados da pesquisa sobre posse atributiva em Libras (dissertação)

Dados da dissertação	Quantidade de dados
A	2
B	1
C	1
D	11
E	8
<i>F</i>	-
G	1
H	2
I	1
J	1
K	2
<i>L</i>	-
<i>M</i>	-
N	8
Total	38

Fonte: elaboração própria, com base em El Khouri (2020).

A Tabela 4 quantifica os dados que foram coletados durante a pesquisa sobre posse atributiva na Libras desenvolvida pelo mesmo pesquisador desta tese durante seu mestrado. Eles compõem o *corpus* de análise da atual pesquisa, após serem submetidos a uma nova revisão e análise. Algumas construções de posse foram recategorizadas e duas novas construções foram identificadas.

Os dados provenientes do *corpus* da pesquisa anterior sobre posse atributiva na Libras (da dissertação de mestrado) totalizam 38 construções realizadas por 14 participantes surdos, que foram identificados nessa tabela por dígitos que vão de A a N. Na Tabela 4, as linhas em que há itálico dizem respeito a construções identificadas com apagamento do agente que não foram consideradas como manifestação de posse, mas sim como apenas uma estratégia sintática de apagar o agente da ação. Por isso, nas linhas em que há itálico não é apresentado o quantitativo das construções de posse identificadas. O apagamento do agente é mencionado neste capítulo, na subseção 3.3.4.

3.1.2 Perfil dos participantes

A Tabela 5 menciona os 32 participantes dos quais foram identificadas construções de posse em Libras, considerando todos os tipos de fontes. Identificamos também as cidades de onde os participantes são. Há três participantes dos quais não foi possível identificar o local de

origem, pois foram dados coletados a partir de observação em campo e não foi possível fazer uma entrevista posterior para a coleta dessas informações. Nessas situações, a interação que possibilitou a observação e a coleta de construções possessivas aconteceu de maneira rápida.

Tabela 5 – Quantidade de participantes e cidade de origem

Número do participante	Cidade
1	Florianópolis (SC)
2	Florianópolis (SC)
3	Porto Nacional (TO)
4	Porto Nacional (TO)
5	Maceió (AL)
6	Maceió (AL)
7	Fortaleza (CE)
8	Fortaleza (CE)
9	São Paulo (SP)
10	Uberlândia (MG)
11	Caldas Novas (GO)
12	Palmas (TO)
13	Palmas (TO)
14	São Luís Montes Belo (GO)
15	Goiânia (GO)
16	Caldas Novas (GO)
17	Caldas Novas (GO)
18	Caldas Novas (GO)
19 (desconhecido)	Palmas (TO; local da coleta)
20	Goiânia (GO)
21 (desconhecido)	Goiânia (GO; local da coleta)
22	São Luís Montes Belo (GO)
23	Divinópolis (MG)
24	Caldas Novas (GO)
25	Porto Nacional (TO)
26	Palmas (TO)
27	Palmas (TO)
28	Goiânia (GO)
29	Porto Nacional (TO)
30	Porto Nacional (TO)
31 (desconhecido)	Goiânia (GO; local da coleta)
32	Goiânia (GO)

Fonte: elaboração própria.

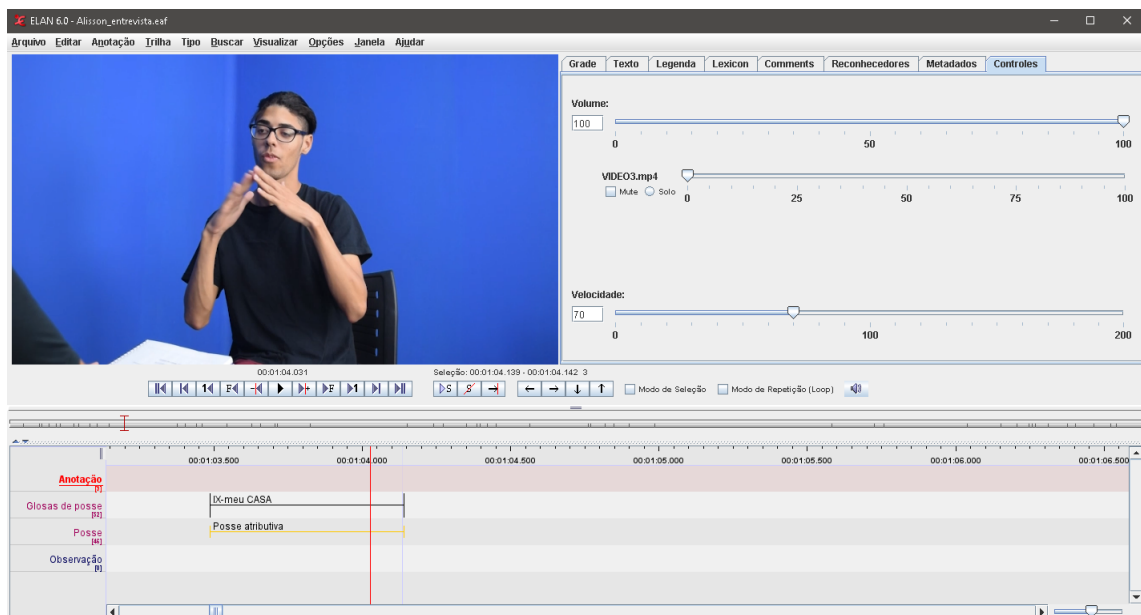
Alguns dos vídeos que são provenientes do Corpus de Libras estão publicados no *site* do acervo (UFSC, [s. d.])⁷. Na constituição do Corpus de Libras, no momento da entrevista, o participante autoriza o uso do vídeo para pesquisas e o uso de sua imagem. No caso dos vídeos de redes sociais que compõem o nosso *corpus* de pesquisa, os participantes também autorizaram o uso dos vídeos para a pesquisa e o uso de suas imagens. Ressaltamos que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFT.

3.2 Transcrição e uso do ELAN

Esta seção apresenta os procedimentos de análise e organização das categorias durante a pesquisa. Os dados foram analisados e transcritos pelo ELAN. As categorias foram definidas e organizadas em relação às construções de posse na Libras com o auxílio do Excel.

O *software* ELAN, uma ferramenta de notação muito utilizada em pesquisa envolvendo línguas de sinais, tem a interface visível na Figura 3 a seguir.

Figura 3 – Visão geral do ELAN



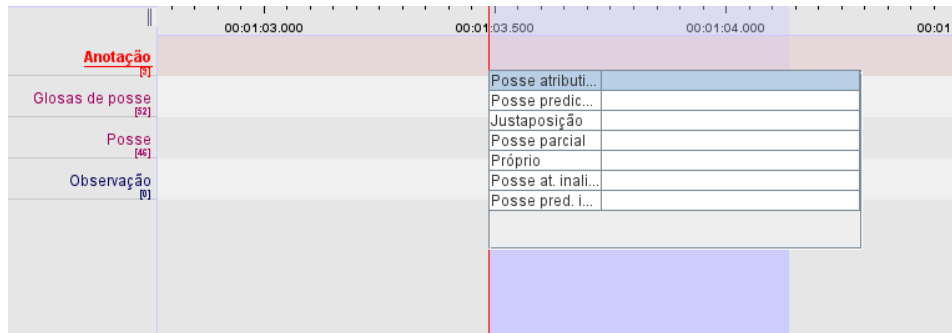
Fonte: elaboração própria.

A Figura 3 apresenta uma visão geral do ELAN, uma ferramenta que permite analisar dados em formato de vídeo e de áudio e criar notações sincronizadas ao vídeo, com uso de trilhas que permitem a identificação de sinais de acordo com os objetivos da pesquisa. O

⁷ Os 4 vídeos foram escolhidos pelo pesquisador desta tese (são de participantes de SC, TO, AL e CE).

software dispõe de ferramentas de controle para manipulação da velocidade dos vídeos, entre outras. A Figura 4 a seguir ilustra o uso de trilhas e de vocabulário controlado, que facilitam os procedimentos de notação e a posterior análise.

Figura 4 – Trilhas e vocabulários controlados



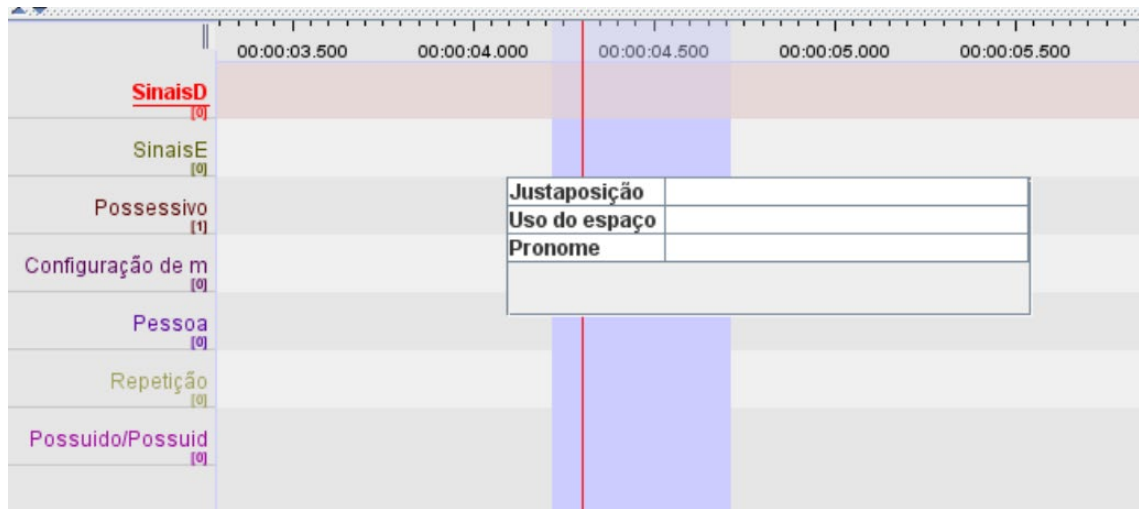
Fonte: elaboração própria.

Para atender aos objetivos da pesquisa, foi criado um modelo padrão de análise. Adicionamos quatro trilhas: (1) “Anotação”, para anotar se houve a presença de duas mãos em uso na sinalização da posse, se houve expressão facial diferente, ou alguma outra diferença em relação à realização do pronome possessivo; (2) “Glosas de posse”, para transcrição de glosas nas sentenças com sinalização de posse; (3) “Posse”, para categorizar os tipos de posse a partir de vocabulários controlados criados, tais como “posse atributiva”, “posse predicativa”, “justaposição”, “posse parcial”⁸, “próprio”; “posse at. inalienável”, e “posse pred. inalienável”; (4) “Observação”, para anotar possíveis problemas, algo interessante de importância para a pesquisa ou para caso fosse identificado algo novo ou que apoiasse uma nova proposta.

Em pesquisa anterior sobre posse atributiva na Libras, realizada durante a pesquisa de dissertação de mestrado do pesquisador (El Khouri, 2020), as trilhas e os vocabulários controlados foram diferentes, por isso a necessidade de uma reanálise desses dados. A Figura 5 ilustra o modelo anterior.

⁸ Sobre este caso de posse parcial, inicialmente consideramos que se tratava de uma oração em que se confundiam as noções de posse atributiva e posse predicativa. No entanto, os dados relacionados acabaram sendo excluídos, conforme será explicado na seção 3.4, em que apresentamos os critérios de exclusão.

Figura 5 – Visão de trilhas e vocabulários controlados da dissertação



Fonte: El Khouri (2020).

Na pesquisa sobre posse atributiva (El Khouri, 2020), o modelo de transcrição e as trilhas eram (1) “SinaisD”, para as glosas de sinais articulados pela mão direita; (2) “SinaisE”, para as glosas de sinais articulados pela mão esquerda; (3) “Possessivo”, para a identificação das estratégias utilizadas pelos sinalizantes na construção de posse. Nesse caso, os vocabulários controlados foram alimentados com as opções “justaposição”, “uso do espaço” e “pronome”, previamente estabelecidas para associação com os dados no momento de identificação das estratégias de posse dos sinalizantes. Outros modelos e trilhas foram (4) “Configuração de mão”, para identificar qual configuração de mão seria utilizada durante a articulação de um pronome possessivo; (5) “Pessoa”, para descrever as pessoas do discurso (primeira, segunda e terceira pessoa); (6) “Repetição”, para identificar quantas repetições de movimento haveria nos pronomes possessivos; e (7) “Possuído/possuidor”, para identificar os itens lexicais que representam o possuidor e o possuído na construção possessiva; por fim, (8) “Observação”, para registrar comentários pertinentes a essas construções.

Para a pesquisa atual, adaptamos o processo de notação, pois, em nossa experiência, as trilhas anteriores não contemplavam a nova proposta e acabavam gerando certa confusão nos procedimentos de análise. Foi necessário, portanto, ajustar a metodologia para atender às novas relações entre as categorias de posse. Esse processo representou um desafio, já que a metodologia da dissertação não estava totalmente clara diante dos novos objetivos. Como solução, optamos por registrar alguns parâmetros (sinais com mão direita e esquerda, configuração de mão, repetição e possuído/possuidores) em uma planilha do Excel, alimentada simultaneamente durante a verificação dos dados. Esse procedimento utilizando o Excel será apresentado na seção 3.3.

3.3 Categorização dos dados

No trabalho de análise de dados, tivemos que identificar e dispor os resultados em categorias em relação às diferentes estratégias de construção de posse. Na Tabela 6, apresentamos algumas categorias de análise sobre a construção de posse, a manifestações de outras categorias que parecem compartilhar da mesma forma ou de algumas características fonomorfo sintáticas, bem como a quantificação delas.

Tabela 6 – Quantidade de dados de tipos possessivos e não possessivos

Atributiva (pronomes): IX, B e P (visível e oculto (eclipse))	206
Justaposição	53
EX (passado nominal)	4
Uso do espaço de sinalização	3
Predicativa: TER, POSITIVO, PRÓPRIO e (É)-pronome	56
Apagamento do agente	11
Pronome oblíquo	3
Total	336

Fonte: elaboração própria.

Nas subseções a seguir, vamos apresentar os procedimentos de análise de dados e a organização e descrição dessas categorias a partir dos tipos de construção de posse.

3.3.1 Posse atributiva

A posse atributiva apresenta várias subcategorias associadas às estratégias de construção de posse: pronomes possessivos com configurações em IX, B e P; as ambíguas envolvendo pronomes possessivos; as que têm pronome oculto; as associadas à noção de alienabilidade; e aquelas com apontamento/sem apontamento para as partes do corpo humano.

Em relação às construções de posse atributiva com o uso de pronomes, as manifestações foram categorizadas a partir das configurações em IX, B e P, das pessoas (possuidor) e do número (singular/plural). O Quadro 4 apresenta esses parâmetros.

Quadro 4 – Parâmetros de descrição dos pronomes possessivos

Categoria	Configuração de mão dos pronomes possessivos
IX1	(configuração de mão em IX, primeira pessoa do singular)
IX2	(configuração de mão em IX, segunda pessoa do singular)
IX3	(configuração de mão em IX, terceira pessoa do singular)
P1	(configuração de mão em P, primeira pessoa do singular)
P2	(configuração de mão em P, segunda pessoa do singular)
P3	(configuração de mão em P, terceira pessoa do singular)
B1	(configuração de mão em B, primeira pessoa do singular)
B2	(configuração de mão em B, segunda pessoa do singular)
B3	(configuração de mão em B, terceira pessoa do singular)
IX1 pl	(configuração de mão em IX, primeira pessoa do plural)
IX2 pl	(configuração de mão em IX, segunda pessoa do plural)
IX3 pl	(configuração de mão em IX, terceira pessoa do plural)
P1 pl	(configuração de mão em P, primeira pessoa do plural)
P2 pl	(configuração de mão em P, segunda pessoa do plural)
P3 pl	(configuração de mão em P, terceira pessoa do plural)
B1 pl	(configuração de mão em B, primeira pessoa do plural)
B2 pl	(configuração de mão em B, segunda pessoa do plural)
B3 pl	(configuração de mão em B, terceira pessoa do plural)

Fonte: elaboração própria.

Quanto à estratégia de posse mediante pronomes possessivos, delimitamos as possibilidades de uso das três configurações de mão possíveis, relacionadas às três pessoas do discurso, tanto no singular quanto no plural.

Na categoria de pronomes possessivos, também identificamos situações de ambiguidade, durante a análise dos dados, entre pronome possessivo e pronome pessoal. Da mesma forma, identificamos situações em que havia pronome oculto (elipse). Identificamos

ainda outras categorias a partir da manifestação de posse atributiva mediante pronomes: alienabilidade; repetição de movimento; e posição sintática (se preposto ou posposto).

A posse atributiva por justaposição envolve um vínculo entre possuído e possuidor sem uso de pronome possessivo e sem apontamento a certa localização. Porém, identificamos manifestações em que um pronome possessivo é articulado entre os nomes relativos ao possuidor e ao possuído. Identificamos também outras categorias, tais como alienabilidade e posição sintática, a qual varia o posicionamento entre possuidor-possuído e possuído-possuidor.

O uso do espaço de sinalização também foi identificado como uma estratégia de posse por meio da referência espacial e da proximidade dos referentes sinalizados. Nessas situações, o referente possuído é articulado próximo ao espaço previamente estabelecido para o referente possuidor, sem a utilização de pronome.

3.3.2 Posse predicativa

As construções de posse predicativa envolvem os sinais que atuam como predicados verbais, tais como TER, POSITIVO, PRÓPRIO⁹ e (É)-pronome¹⁰. Esses verbos formam uma oração que predica o argumento possuidor e o argumento possuído. A manifestação da posse predicativa também foi relacionada à alienabilidade.

O sinal gramatical PRÓPRIO é relacionado à manifestação de posse e, possivelmente, pode apresentar intensidade quando acompanhado de expressão facial e movimento (o que não é obrigatório e depende de contexto). Identificamos que PRÓPRIO também pode ser usado simultaneamente às construções com pronome possessivo. A manifestação do sinal PRÓPRIO também foi categorizada em relação à alienabilidade. Notamos que o sinal PRÓPRIO pode funcionar como um verbo, pois indica, no meio da sentença, a relação entre o possuidor e o possuído. Ou seja, a predicação está incluída no uso do sinal PRÓPRIO.

Identificamos também situações de posse predicativa a partir do uso de pronomes possessivos, por exemplo, em construções como “(é) meu”, que nos desafia a estabelecer uma distinção entre posse predicativa e atributiva. Um dos critérios parece ser a posição sintática em relação ao referente possuído.

⁹ As glosas POSITIVO e PRÓPRIO em língua portuguesa, em uma leitura literal, não correspondem a verbos no português, mas, nesta pesquisa, designam verbos na Libras. As glosas POSITIVO e PRÓPRIO, seriam as noções aproximadas de “ter” e “pertencer” na língua portuguesa, respectivamente.

¹⁰ Neste texto, apresenta-se o sinal (É); contudo, dependendo do dado que o participante surdo expressa, pode não aparecer o sinal (É), surgindo então outro sinal (É) como elipse.

3.3.3 Sinal EX (passado nominal)

O sinal EX parece ter uma relação com o passado nominal. Nos dados, identificamos construções em que o sinal EX estabelece uma relação de posse entre possuidor e possuído que existiu, mas que atualmente não existe. Identificamos também situações em que o sinal EX estava relacionado com a noção de estado anterior, que não permanece atualmente.

3.3.4 Omissão (apagamento) do agente

O apagamento do agente acontece a partir do uso de um sinal gramatical com a configuração de mão em P, muito parecido com o padrão articulatorio de um pronome possessivo. Contudo, esse sinal em específico é articulado com repetição de movimento e marcador não manual (MNM) específico: os cantos da boca do sinalizante ficam deprimidos. Esse sinal é articulado em posição posposta ao sintagma verbal. Nos dados, apresentamos essa manifestação que não está relacionada à categoria de posse, embora pareça emergir a partir desse campo semântico.

3.3.5 Pronome com configuração de mão em B como oblíquo

Identificamos que a configuração de mão em B também se manifesta como um pronome oblíquo de primeira pessoa (“pra mim”). Essa função pronominal parece ter um padrão articulatorio específico: a palma da mão toca no tronco duas vezes (repetição) e, em algumas situações, apresenta MNM como sobrelanceada arqueada e cabeça um pouco para baixo. Esse sinal (configuração de mão em B em função de pronome oblíquo) foi encontrado também em situações de polidez, manifestação de opinião e em solicitações com “favor”, a partir de MNM específico.

3.4 Critérios de exclusão

Durante a análise dos dados, adotamos critérios de exclusão. Foram excluídas da nossa análise construções adjetivais e de posse parcial (atributiva e predicativa).

Identificamos em alguns dados uma relação entre um nome e um modificador para codificar situações de qualificação e caracterização a partir da estratégia de justaposição, mas essas construções não indicam posse. Nesse sentido, as sentenças que seriam glosadas da forma

seguinte foram identificadas em nosso *corpus* de análise e excluídas dos resultados a serem considerados.

(33) ÁGUA CHUVA

‘Água de chuva.’

(34) CASA BBB

‘Casa do Big Brother Brasil [BBB].’

(35) ESCOLA SURDO

‘Escola de surdos.’

(36) ESCOLA PRÓPRIO SURDO

‘A escola é só de surdos.’

(37) DESENHAR PRÓPRIO SURDO

‘A arte dos surdos.’

Durante a análise dos dados, identificamos 79 construções adjetivais que, em uma segunda análise, foram excluídas por não corresponderem à manifestação de posse, considerando que nos atemos às construções de posse com manifestação prototípica de um possuidor animado.

Outro desafio encontrado durante a análise foi tentar categorizar o sinal IDADE como uma instância da categoria de posse. A língua portuguesa pode ser um fator complicador durante a identificação de categorias gramaticais na Libras, por causa da tradução. Por exemplo, em Libras, há um item lexical específico para indicar quantos anos alguém tem, mas recorrer a uma língua oral enquanto língua de auxílio na descrição desse sinal traz o risco de influenciar a análise e deixá-la enviesada. Em língua portuguesa, a idade de alguém é expressa a partir de uma sentença com o verbo “ter” e, assim, parece estar relacionada a uma posse. Considerar que é essa mesma relação que ocorre na Libras seria deduzir a análise dos dados a partir da tradução de construções do português.

Durante a pesquisa, consideramos o sinal IDADE um verbo que codifica a noção de tempo vivido pelo referente. Esse é um item lexical que não está relacionado à categoria de posse, diferentemente do que parece acontecer na língua portuguesa. Nesse sentido, as

Conforme pode ser observado na figura anterior, o Excel permitiu a criação de colunas e linhas com preenchimento específico, associado às categorias e subcategorias estabelecidas para a análise, categorização e codificação dos resultados. O uso de cores distintas permitiu uma melhor distribuição dos dados em categorias. A posse é um domínio complexo e a categorização dos dados em planilhas exigiu pensar em diferentes caminhos para uma versão final de organização. Veja outra imagem da planilha a seguir, na Figura 7.

Figura 7 – Organização de dados relativos às categorias na planilha

	Posse atributiva	Posse atributiva inalienável
1	POSS*+(B) LAR (duas mãos)	SINAL-NOME (shirley) IRMÃ IX*+
2	POSS*+(B) CASA (duas mãos)	PRIM@ POSS* (P)
3	IX* CASA	POSS* (B) IRM@ HOMEM SINAL-irmão
4	ANIVERSÁRIO POSS* (P)	NÓS-3 MÃE PAI (fonológico reduzido) IX IR PRIMO SINAL-primo (POSSE O)
5	POSS* (B) POFUCA BBB	POSS*+(B) PRIMO
6	IX* (ABERTO) CASA	IX-dem (aquí) CASA PAI MÃE (posse oculto)
7	IX* AMIG@	IX* NOME
8	CASA POSS*+(B)	IX* SINAL
9	IX* +... CASA TER CAFÉ-PO?	SINAL SINAL-fernanda (posse oculto) [SINAL-fernanda - adjetivo]
10	POSS* (P) CASA	IX*+ IDADE
11	IR-REFERENTE P2 CASA (CM ASSIMILAÇÃO)	IX* IDADE
12	POSS* (P) CASA (oculto)	FS-MÃE PROCURAR (posse oculto)
13	IX* NOIVO	IRMÃ IRMÃO (posse oculto)
14	IR-minha CASA (mouthing MINHA) (ASSIMILAÇÃO)	êCHAMAR FS-MÃE (posse oculto - adjetivo exp. e incorporação)
15	LSB POSS* (P) NELSON PIMENTA	MÃE (posse oculto - incorporação)
16	Sinal-LivroRonice (Estudos Linguísticos) POSS* (P) SINAL-ronice	MÃE (posse oculto - incorporação)
17	TEMA IX* PESQUISAR POESIA	MÃE (posse oculto - incorporação)
18	POSS* (P) PROFESSOR	IX-EU IRMÃ IRMÃO MÃE
19	PAI IX* SEGUNDO PADRASTO	IRMÃ IRMÃO
20	IX-á PAI PASTOR (DÚVIDA)	INCORPORAÇÃO FS-MÃE SIM
21	IX* CASA	POSTERIORMENTE FAMÍLIA
22	POSS* (B) ESCOLA OUTRO	E(processo) FAMÍLIA
23	POSS* (B) MELHOR AMIG@	APRENDER L2 (MINHA - OCULTO)
24	IX* ESPOSA	POSS* (P) LÍNGUA POSS* (P) - (DUAS MÃOS)
25	POSS*+(B) CONSCIÊNCIA (MOUTHING - MEU)	IRMÃ
26	IX* AMIG@	IRMÃ (ASSIMILAÇÃO)
27	IX* NAMORADA - mouthing MINHA	HISTÓRIA IX* VIDA
28	IX* NAMORADA	IRMÃ IRMÃO (contexto, da pra entender q é atributiva)
29	S4 CHARLEY CARRO POSS*+(P)	POSS* (P) IX-este FILHO DEM-aquele SINAL-fernanda
30	S9 IX* ESPOSA	IX* 1 2 3 (primeiro, segundo e terceiro - filhos)
31	S2 IX* (ABERTO) AMIGO AN	MÃE (minha - oculto)
32	S3 IX* (ABERTO) CARRO	PAI (meu - oculto)
33	S7 IX* NAMORADA	PAI MÃE SEPARAR
34	S7 IX* ESPOSA	IX* FAMÍLIA TER SURDO? (surdo - substantivo-adjetivo)
35	S12 POSS* (P) AMIGO	IX* MÃE PAI (IX - singular, mas MÃE+PAI = PAIS. (ASSIMILAÇÃO)
36	S12 AQUI IX* (ABERTO) CASA	IRMÃ IRMÃO SABER LÍNGUA-DE-SINAIS? (seus - OCULTO)
37	S2 IX* CASA PRÓPRIO	IRMÃ (mouthing - minha)
38	S5 MOTO POSS*+(B) PRÓPRIO	IRMÃO
39	S6 POSS* (P) MOTO BIS	IRMÃO (mouthing - meu)
40	B*+ (MINHA) C-O-N-T-A	MÃE - mouthing minha
41	B*+ C-O-N-T-A-B-B	MÃE
42	IX* DOCUMENTO	IRMÃO - (mouthing meu)

Fonte: elaboração própria.

O título das colunas inicialmente criadas para categorizar os dados em tipos de manifestação de posse foram: (1) “Posse atributiva”, (2) “Posse atributiva inalienável”, (3) “Posse predicativa”, (4) “Posse predicativa inalienável”, (5) “Próprio”, (6) “Próprio inalienável”, (7) “Justaposição”, (8) “Justaposição inalienável”, (9) “Posse inalienável das partes de corpo”, (10) “EX (passado nominal)” e (11) “Posse com assimilação”¹¹ (configuração com mão única ou com duas mãos). Inicialmente, foram consideradas as categorias “posse

¹¹ De acordo com o que Xavier (2014), Liddell e Johnson (1989) documentam, na ASL, sinais tipicamente articulados com uma mão podem ser feitos com duas mãos (e vice-versa) por sofrerem, segundo eles, assimilação do número de mãos do sinal que os antecede e/ou os segue. O mesmo processo é documentado na Auslan; no entanto é descrito por Johnston e Schembri (1999 *apud* Xavier, 2014, p. 118) como resultante de coarticulação.

adjetival” e “posse parcial (idade)”, que posteriormente foram excluídas¹² das categorias de análise.

Além do uso de cores distintas, outras siglas foram utilizadas para categorizar alguns dos fenômenos observados durante a análise de dados. A Figura 8 a seguir apresenta o uso dessas notações.

Figura 8 – Planilha de legenda dos dados

LEGENDA
Cor de Participantes (vídeos)
Fundo branco (Dados pela dissertação)
S1 - S14 (Identificação de Surdo) - Observação em campo
(+) Movimento de repetido
¹²³ = NUMERO DA PESSOA

Fonte: elaboração própria.

Nessa mesma planilha, tivemos que organizar linhas com legendas relativas aos tipos de dados, distinguidos por tipo de fonte e pela presença ou não de cores e número ou letra.

A primeira linha vista na Figura 8, preenchida por “Cor de participantes (vídeos)”, foi criada para indicar que há coloração associada aos dados daqueles que participaram por meio de vídeos, analisados pelo ELAN e registrados no mesmo momento na planilha. Consideremos agora a Figura 9 a seguir, que exemplifica a coloração.

Figura 9 – Vídeos registrados de acordo com cores (oriundos do Corpus de Libras e de redes sociais)

Posse atributiva
POSS ¹⁺⁺ (B) LAR (duas mãos)
POSS ¹⁺⁺ (B) CASA (duas mãos)
IX ¹ CASA
ANIVERSÁRIO POSS ³ (P)
POSS ¹ (B) FOFOCA BBB
IX ¹ (ABERTO) CASA
IX ¹ AMIG@
CASA POSS ¹⁺⁺ (B)
IX ² +++ CASA TER CAFÉ-PO?

Fonte: elaboração própria.

¹² Sobre as categorias de posse adjetival e posse parcial, explicamos a exclusão na seção 3.4.

A segunda linha vista na Figura 8, “Fundo branco (dados pela dissertação)”, refere-se aos dados antigos, que previamente foram coletados para a dissertação do autor (El Khouri, 2020). Os dados apresentam as glosas sem cor de fundo, sem número ou letra associados, o que facilita a identificação pela diferenciação em relação aos demais dados já apresentados. A Figura 10 a seguir exibe a célula do Excel sem coloração, por se referir aos dados da pesquisa anterior (a dissertação do autor) sobre posse atributiva.

Figura 10 – Dados antigos (da dissertação)

B ¹⁺⁺ (MINHA) C-O-N-T-A
B ¹⁺⁺ C-O-N-T-A B-B
IX ² DOCUMENTO
SABER POSS ² (P) VONTADE POSS ² (P)
RESPONSÁVEL P2pl (SUAS) LEVAR COMIDA
ESTRATÉGIA IX (NOSSO- DOIS DEDOS)
B ¹ (DUAS MÃOS) ANIVERSÁRIO
CHURRASCO IX ¹ PRÉDIO

Fonte: elaboração própria.

A segunda linha vista na Figura 8, “S1–S14 (identificação de surdo) – observação em campo”, refere-se aos dados coletados durante conversa espontânea entre surdos. Os participantes foram identificados por um código que vai de S1 até S14, em que “S” abrevia surdo participante e o numeral identifica particularmente cada um dos quatorze participantes. A Figura 11 a seguir ilustra essa identificação.

Figura 11 – Dados dos participantes (S1–S14), obtidos durante observação em campo

S9 IX ¹ ESPOSA
S2 IX ¹ (ABERTO) AMIGO AN
S3 IX ¹ (ABERTO) CARRO
S7 IX ² NAMORADA
S7 IX ¹ ESPOSA
S12 POSS ² (P) AMIGO
S12 AQUI IX ¹ (ABERTO) CASA
S2 IX ¹ CASA PRÓPRIO
S5 MOTO POSS ¹⁺⁺ (B) PRÓPRIO
S6 POSS ¹ (P) MOTO BIS

Legenda: S, surdo participante.

Fonte: elaboração própria.

O uso dessas estratégias permitiu contrastar as construções de posse com o tipo de fonte e os participantes. A Figura 12 a seguir permite uma visão geral dos dados a partir dessas considerações.

Figura 12 – Visão geral de tipos de fontes

Próprio
VOCÊ PRÓPRIO POSS²++(P) MESMO
POSS¹++(B) PRÓPRIO POSS¹ (B) MESMO
POSS¹ (B) PRÓPRIO MESMO
IX² PRÓPRIO MESMO
ESCOLA SÓ PRÓPRIO SURDO FS (cees)
DESENHAR PRÓPRIO SURDO
A-R-T-E DESENHAR PRÓPRIO CULTURA POSS³ (P) LETRAS-LIBRAS
DESENHAR ADAPTAR PRÓPRIO SURDO
ESCOLA SURDO PRÓPRIO SÓ LINGUA-DE-SINAIS
CASA PRÓPRIA
CASA PRÓPRIA (OBS: parece que a entrevistadora imitou o participante)
ESCOLA PRÓPRIO PARECE SURDO
ESCOLA PRÓPRIO SURDO
ESTUDAR PRÓPRIO SURDO SINAL-pestalozzi/INES (confirmar sinal)
DV-mini-garrafa PRÓPRIO CAFÉ
(café-oculto) IX¹ (aberto) PRÓPRIO POSS¹ ++ (B)
IX² TER MAQUINA.CAFÉ PRÓPRIO DV-quentes e colocar garrafa.
\$2 IX¹ CASA PRÓPRIO
\$5 MOTO POSS²++ (B) PRÓPRIO
\$2 FAZENDA PROPRIO AN
LENÇOL IX (MEU) PRÓPRIO IX (EU)
IX (ELA) INTIMIDADE COMBINAR PRÓPRIO LEVAR LAVAR IX+++ (EU)
COMPUTADOR PRÓPRIO SINAL-NOME
EGOISTA PRÓPRIO P++ (EU)

Fonte: elaboração própria.

Percebe-se cada identificação dos dados, tal que parte possui diferentes cores e a identificação dos participantes (letra e número) e a outra parte não têm coloração, nem número e letra como identificadores. Posteriormente, criamos novas abas com o objetivo de organizar as categorias à parte dessa primeira planilha (planilha sobre posse). Isso favoreceu a análise minuciosa de cada uma das estratégias, a quantificação e a criação de gráficos. A Figura 13 a seguir exibe as novas abas.

Figura 13 – Novas/outras planilhas de organização

1 Posse atributiva	Posse atributiva inalienável	Posse predicativa	Posse predicativa inalienável	Próprio
2 POSS²++(B) LAR (duas mãos)	PRÓPRIO TER DIREITO	IX¹ NÃO TER COCA PEQUENO	EP OSS²++(P) LINGUA DE SINAIS	VOCÊ PROPRI
3 POSS²++(B) CASA (duas mãos)	PRÓPRIO POSS¹ (P)	IX² NÃO TER	POSS²++(B) DUAS MÃOS LINGUA	POSS²++(B) (P)
4 IV CASA	POSS¹ (B) IRMÃO HOMEM SINAL-EM	IX³ AMIGO NÃO TER	POSS¹ (B) DUAS MÃOS L1	POSS¹ (B) (P)
5 AMIGUINHO POSS¹ (P)	MÔD. NÃO MÃE PAI (fonológico reduto) (V) PRÓPRIO SINAL-primo (POSSE	IX¹ TER TERMOLOGIA (BORRACHA) FALADA	IV TER SINAL QUE TRILINQUE POLKLOTA (IV- TER? (estância de português)	IV PRÓPRIO
6 POSS¹ (B) FOCO DDB	POSS²++(B) PRIMO	IX² TER TERMOLOGIA (BORRACHA) FALADA	TER ASL INGLÊS ESPANHOL POUCO	ESCOLA SÓ PR
7 IV ABERTO CASA	IV NOME	IX² TER TERMOLOGIA (BORRACHA) FALADA	IV TER SINAL SURDO (parente surdo) (surdo- substantivo-adjetivo)	DESENHAR P
8 IV AMIGO	IV NOME	AGORA TER (MÃO) ADOTAR (meu- oculto)	IV TER FAMILIA SURDO	A PAI E SESE
9 CASA POSS²++(B)	SINAL SINAL-lemanda (posse oculto) (SINAL-lemanda- adjetivo)	IV TER POSITIVO CAPRO	JÁ TER FILHO 2	DESENHAR A
10 IV TER CASA TER CAFÉ POT	IV- IDADE	SS IV PAI TER CAPRO	IV SENTIR BILÍNGUE (V) TER BILÍNGUE	ESCOLA SUPR
11 POSSE PRÓPRIO	IV- IDADE	SS IV TER CASA TERMIÇA	SM 103 FEMO (posse + + cabega positivo) SINAL (posse itas) (meu pai)	CASA PRÓPR
12 ENTENDE SE FICAR (V) ASSIMILAÇÃO	IV- IDADE	SI CASA SINAL-lemanda PAI MÃE INTERNET NÃO-TER	LINGUA-DE-SINAIS POSS¹ (P) (nesses)	CASA PRÓPR
13 POSSE (P) CASA (oculto)	FS MÃE PROCURAR (posse oculto)	COMER POSS²++(B)		ESCOLA PRÓ
14 IV MOTO	IRMÃ IRMÃO (posse oculto)	IX (me) POSS²++(B)		ESCOLA PRÓ
15 FIM DA CASA (mouthing MNHA) (ASSIMILAÇÃO)	ICOMPARAR FS MÃE (posse oculto- adjetivo esp. e incorporação)	HORA POSS²++(P)		ESTUDAR PR
16 LSB POSS¹ (P) NELSON PIMENTA	MÃE (posse oculto- incorporação)	COCOS POSS²++(P)		DV-mini-garraf
17 Small Livro Pimenta (Estudos Linguísticos) POSS¹ (P) SINAL-convex	MÃE (posse oculto- incorporação)	TUDO POSS²++(P)		(café-oculto) IX
18 TEMA IV PESQUISAR POSSIA	IV-EU IRMÃ IRMÃO MÃE	EGDITA SEGURAR-CELULAR (CL) (V) P- (MEU)		(V) TER MOTO
19 POSS¹ (P) PROFESSOR	IRMÃ IRMÃO	NOTO ADL POSS¹ (P)		\$2 IV CASA F
20 PAI IV SEGUNDO PADRASTO	INCORPORAR FS MÃE SIM	PRETO POSS¹ (X)		\$5 MOTO POR
21 IV PAI PASTOR (DÓVIDA)	POSTERIORMENTE FAMILIA	IV (DEM) POSS¹ (X)		\$2 FAZENDA
22 IV CASA	EPROCESSO FAMILIA	IV (DEM) POSS¹ (X)		LENÇOL (V) ME
23 POSS¹ (B) ESCOLA OUTRO	APRENDER L2 (MNHA- OCULTO)	IV (DEM) POSS¹ (X)		IX (ELA) INTIM
24 POSS¹ (B) MELHOR AMIGO	POSS¹ (P) LINGUA POSS¹ (P) (DUAS MÃOS)	IV (DEM) POSS¹ (X)		COMPUTADO
25 INFERNO	IRMÃ (ASSIMILAÇÃO)			EGDITA PRIC
26 POSS²++(B) CONSCIÊNCIA (MOUTHING- MEU)	HISTÓRIA DA CASA			
27 IV AMIGO	IRMÃ IRMÃO contexto, da pra entender q é atributiva			
28 IV NAMORADA	POSS¹ (P) (V) TER FILHO DEM-aquele SINAL-lemanda			
29 S4 CHARLEY CARRO POSS²++(P)	IV (L2) (primeiro- segundo e terceiro- filhos)			
30 IV ESPUSA	MÃE (meia- mão)			
31 S2 IV (ABERTO) AMIGO	PAI (meu- oculto)			
32 IV (ABERTO) CARRO	PAI MÃE SEP- PAI			
33 IV NAMORADA	IV TER MAQUINA DE SUPROD? (surdo- substantivo-adjetivo)			
34 S7 IV NAMORADA	IV MÃE PAI (V) língua, mas MÃE PAI + PAIS (ASSIMILAÇÃO)			
35 IV ESPUSA	IRMÃ IRMÃO (meu- oculto)			
36 S2 POSS¹ (P) AMIGO	IRMÃ IRMÃO (meu- oculto)			
37 S2 AQUAR (ABERTO) CASA	IRMÃ IRMÃO (meu- oculto)			
38 S2 IV CASA PRÓPRIO	IRMÃ IRMÃO (meu- oculto)			
39 S5 MOTO POSS²++(B) PRÓPRIO	IRMÃO (meu- oculto)			
40 S6 POSS¹ (P) MOTO BIS	IRMÃO (meu- oculto)			

Fonte: elaboração própria.

Na Figura 13, as setas na cor vermelha indicam as novas abas em que foi possível pensar estratégias, domínios e parâmetros específicos sobre a manifestação de posse na Libras. As novas abas foram assim intituladas: (1) “Planilha de posse”, para registrar os dados que foram identificados em relação a todos os tipos de posse; (2) “Quantidade de dados”, para quantificar quantos dados foram identificados de acordo com cada participante ou todos os participantes; (3) “Trabalho em campo”, para registrar as cidades e os dados que foram identificados apenas na observação em campo, organizando a diversidade de conversas espontâneas dos surdos; (4) “Quantidade de categorias de predicativa”, para quantificar cada categoria de tipo de posse predicativa (por exemplo, POSITIVO, TER, PRÓPRIO e (É)-pronome); (5) “Posse, oculto e assimilação”, para registrar os dados que apresentaram os pronomes ocultos, com tipos ocultos diferentes (sinal com referência, anáfora, idade e incorporação).

Ainda sobre a intitulação das novas abas, as cinco finais são: (6) “Quantidade de posicionamentos”, para quantificar os dados considerando a posição sintática quanto à preposição e posposição por parte do pronome possessivo e na estratégia de justaposição; (7) “Quantidade”, para quantificar os dados com repetição de movimento, se primeira, segunda ou terceira pessoa, tendo em conta cada configuração de mão de pronome possessivo; (8) “Dados da dissertação”, para registrar os dados daqueles que participaram previamente da dissertação do autor (El Khouri, 2020); (9) “Gráficos”, para fazer gráficos que representassem a quantidade dos dados de acordo com as categorias relativas aos tipos de expressão de posse; e (10) “Mesma característica de posse”, para colocar os dados que, embora compartilhassem de características encontradas nas expressões de posse, não tinham relação com a noção de posse, como os dados que envolvem omissão (apagamento) do agente e os dados de pronome oblíquo.

3.6 Apresentação dos resultados

No capítulo, os resultados da análise sobre a manifestação de posse na Libras são apresentados de maneira qualitativa. Os dados são apresentados a partir de glosas e também a partir das imagens dos sinalizantes, que autorizaram o uso de suas imagens nesta pesquisa. No caso dos dados coletados em campo, o autor desta tese reproduziu as sentenças para ilustração das glosas.

Os dados quantitativos sobre a posse atributiva são apresentados na forma de gráficos, por exemplo, o quantitativo de configurações de mão (pronomes), repetição de movimento, posição sintática, indicação pronominal às pessoas do discurso e (in)alienabilidade. As estratégias de justaposição também são apresentadas por gráfico, considerando

(in)alienabilidade e posição sintática. Os resultados sobre a posse predicativa também são apresentados em uma perspectiva quantitativa em relação aos sinais TER, POSITIVO, PRÓPRIO e (É)-pronome e aos parâmetros de (in)alienabilidade.

Neste capítulo, apresentamos também os resultados do uso de apontamento às partes do corpo humano enquanto manifestação de posse inalienável, contando com o auxílio visual de uma figura do corpo humano representando os locais para os quais os participantes, por vezes, fizeram apontamento durante a sinalização.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos a organização e a quantificação dos dados da Libras sobre posse atributiva e posse predicativa, bem como realizamos a sua descrição.

4.1 Panorama geral da posse em Libras

Durante a análise de dados do *corpus* desta pesquisa, identificamos 336 construções de posse. Foram descartados 11 dados que apresentam sentenças com apagamento do agente, realizados com uso de pronome cuja configuração de mão é P. Foram desconsiderados também 3 dados que se referem a pronomes oblíquos com a mesma configuração de mão de possessivos, em B, porém sem leitura de posse. Portanto, consideramos 322 dados como construções de posse genuínas. Dos 322 dados de construções de posse, categorizamos 206 dados como posse atributiva e 56 dados como posse predicativa.

Considerando os 206 dados de posse atributiva, categorizamos 123 considerando o uso de pronomes (visíveis) de posse atributiva, a partir de três configurações de mão distintas (IX, B e P). De acordo com Berenz (1996), há pronomes possessivos na Libras para as três pessoas do discurso (POSS₁, POSS₂ e POSS₃). As formas de configurações de mão são B, P e IX, porém, a configuração de mão em B é restrita para a primeira pessoa do singular. As configurações em IX e P são usadas para a primeira, segunda e terceira pessoa.

Há também 56 dados de posse atributiva simultâneas à construção de posse predicativa como TER, POSITIVO, PRÓPRIO e (É)-pronome. Ainda em relação à posse atributiva, há 53 construções por justaposição e 66 que apresentam pronomes ocultos (elipse). Foram identificados 17 dados de posse inalienável em relação às partes do corpo humano; 4 dados que utilizam o sinal EX (passado nominal); e 3 dados de posse atributiva estabelecidos pelo uso do espaço de sinalização.

Sobre as 56 construções de posse predicativa em nosso *corpus* de análise, 19 foram construídas a partir do predicado TER; 22 foram construídas a partir do sinal PRÓPRIO; 13, a partir do predicado (É)-pronome; e 2 construções, a partir do predicado POSITIVO.

A Tabela 7 a seguir sintetiza essas informações.

Tabela 7 – Panorama geral das estratégias de posse na Libras

Posse atributiva	Posse por pronomes	123
	Posse por pronomes ocultos (elipses)	66
	Posse por justaposição	53
	Posse relativa a partes do corpo e termos de parentesco (inalienável)	17
	Posse a partir do sinal EX (passado nominal)	4
	Posse por direcionalidade e espaço de sinalização	3
	Total de expressões de posse atributiva	266
Posse predicativa	Posse a partir do predicado TER	19
	Posse a partir do predicado (É)-pronome	13
	Posse a partir do predicado POSITIVO	2
	Posse a partir do predicado PRÓPRIO	22
	Total de expressões de posse predicativa	56

Fonte: elaboração própria.

Nas próximas seções, descrevemos a manifestação de posse atributiva e predicativa na Libras, a partir de categorias como pessoas do discurso, padrão articulatório, padrão sintático, bem como a partir de propriedades relacionadas à posse.

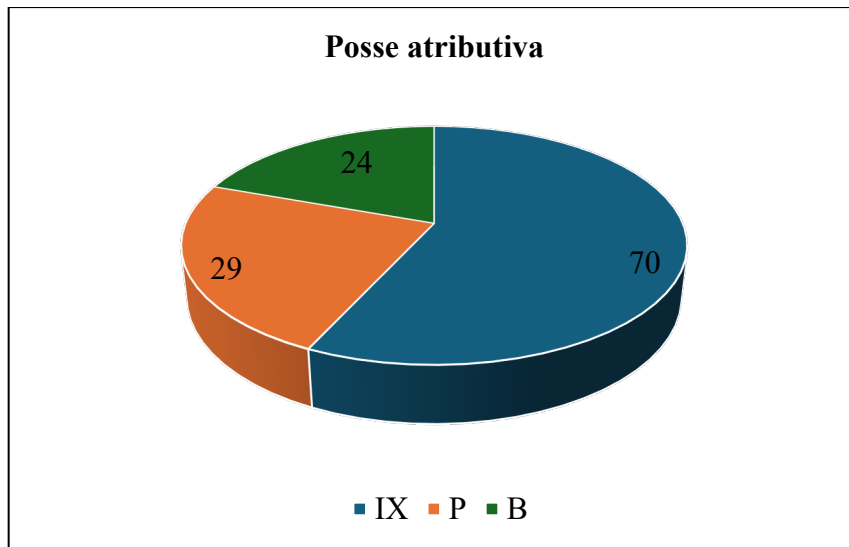
4.2 Posse atributiva

Nesta seção, abordamos a posse atributiva e suas formas de manifestação por pronome, justaposição e uso do espaço de sinalização.

4.2.1 Pronomes possessivos

As construções de posse atributiva realizadas a partir de pronomes possessivos totalizam 123 dados. Entre essas, 70 construções foram realizadas com a configuração de mão em IX, 29 foram realizadas com configuração de mão em P e 24, com configuração de mão em B. O gráfico na Figura 14 a seguir ilustra essas considerações.

Figura 14 – Gráfico sobre configurações de mão que expressam posse atributiva



Fonte: elaboração própria.

4.2.2 Configuração de mão em IX

Nesta seção, apresentamos dados com construções de posse com configuração de mão (CM) em IX, juntamente a alguns dos contextos de uso dessa configuração encontrada em nosso *corpus* de análise. No dado a seguir o participante faz uso de pronome possessivo com configuração de mão em IX. Neste caso, o sinal POSS₁ (IX) consiste no apontamento feito por meio do dedo indicador ao referente de primeira pessoa, especificamente ao lado direito do peito do sinalizante. Assim, o sinalizante possuidor vincula a si o sinal seguinte, AMIG@ (possuído). Neste caso, o pronome possessivo é preposto ao nome.

(40) Pronome possessivo POSS₁, com CM em IX



POSS₁ (IX)

AMIG@

‘Todos os professores, as freiras e meu amigo.’



O dado em (41) apresenta o mesmo pronome possessivo com a configuração de mão em IX fazendo referência à primeira pessoa.

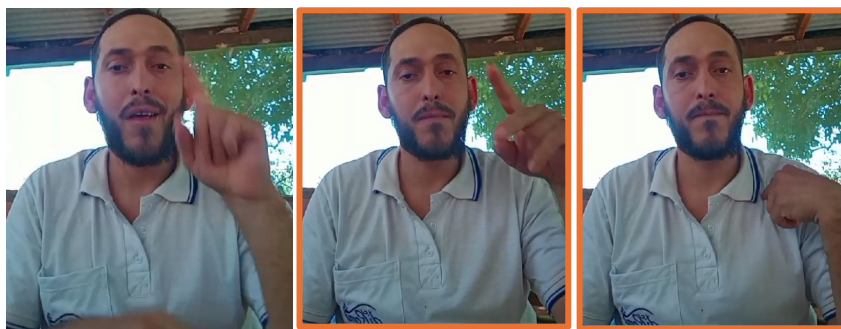
(41) Pronome possessivo POSS₁, com CM em IX



IX-aquele

FOTO (print)

POSTAR



É

IRM@

POSS₁₊₊ (IX)

‘Aquele foto que postei era da minha irmã.’



Em (41), o participante realiza o apontamento que indica a primeira pessoa com configuração de mão em IX e faz uso do pronome possessivo POSS₁. O pronome foi articulado com movimento de repetição (++, duas vezes) na região ipsilateral do peito e em uma posição posposta ao sinal IRM@. O possuído é articulado anteriormente a POSS₁++ (IX). A posição do pronome parece ser flexível em relação ao referente possuído, que pode ser preposto ou posposto. Esclarecemos que a tradução do trecho envolve “irmã”, no feminino, conforme percebido no contexto de uso do dado, que foi isolado para fins de exemplificação. Consideramos esse dado um tipo de posse inalienável, por se referir a um termo de parentesco.

No dado (42) a seguir, o sinalizante realiza uma construção de posse pela configuração de mão em IX, com o polegar aberto, na região central do peito, em referência à primeira pessoa do singular. O pronome possessivo POSS₁ (IX) (possuidor) foi articulado em preposição ao referente do sinal MÃE (possuído). Neste dado, consideramos a construção como um tipo de posse inalienável, por MÃE ser um termo de parentesco.

(42) Pronome possessivo POSS₁, com CM em IX



POSS₁ (IX)

MÃE

IX (incorporação)

COMO



BARREIRA-COMUNICAÇÃO

‘Minha mãe pensou em como fazer?’



Desse modo, percebe-se que o apontamento pela configuração de mão em IX para indicar o pronome possessivo apresenta formas variantes: pode ser feito apenas com o dedo indicador estendido e com os demais dedos fletidos, com o dedo indicador e polegar estendidos e os demais dedos fletidos, ou por qualquer outra configuração em que há apontamento para o referente possuidor que seja distinta das configurações em B e P.

O dado em (43) a seguir apresenta o pronome possessivo de segunda pessoa POSS₂₊₊₊ (IX), em que o indicador está estendido e os demais dedos estão fletidos. Durante a articulação do sinal, identificamos três repetições de movimento (+++), que podem ter sido causadas por questões pragmáticas. Entendemos que a repetição não carrega significado adicional em relação à posse. Neste dado, a sinalizante tem uma expressão facial de dúvida, de modo a mantê-la no fluxo do discurso durante a articulação da sentença.

(43) Pronome possessivo POSS₂, com CM em IX



IX (eu)

PERGUNTAR

POSS₂₊₊₊ (IX)

CASA



TER

CAFÉ

PÓ

‘Deixa-me perguntar, na sua casa há pó de café?’



Ainda em relação ao dado em (43), consideramos que uma das formas do sinal IX pode ser um pronome pessoal que ocupa o *slot* sintático do predicado PERGUNTAR, na posição de objeto. A outra forma IX pode ser considerada um pronome possessivo de segunda pessoa, POSS₂₊₊₊ (IX), de modo que o possuidor é relacionado ao sintagma CASA, considerado o possuído. O pronome é preposto e a posse em “sua casa” é considerada alienável. Ressaltamos que o sintagma POSS₂ CASA TER CAFÉ PÓ foi considerado uma construção existencial e não uma posse predicativa. Nesta pesquisa, consideramos como construções possessivas as prototípicas, ou seja, aquelas em que há um possuidor animado.

O pronome possessivo de segunda pessoa com a configuração de mão em IX pode ter sido oriundo de um processo de assimilação, considerando que os dois sinais anteriores também apresentam configuração de mão dominante em IX, conforme o trecho IX (eu) PERGUNTAR POSS₂₊₊₊ (IX).

Em (44) a seguir, o pronome possessivo foi articulado com configuração de mão em IX fazendo referência à segunda pessoa. O pronome possessivo POSS₂ (IX) está preposto aos sinais MÃE e PAI. Nesse contexto, a posse é considerada inalienável.

(44) Pronome possessivo POSS₂, com CM em IX e assimilação



POSS₂ (IX)

MÃE

PAI



SABER

COMUNICAR

‘Seus pais sabem se comunicar?’



Observamos que a configuração de mão assume uma posição em que o dedo indicador se orienta levemente para cima, o que sugere uma certa gradação em relação a essa posição. Sugerimos ainda que essa configuração de mão em IX pode ter sido oriunda de um processo de assimilação, pois a mesma configuração é usada no sinal subsequente, MÃE.

O dado em (45) também evidencia um processo de assimilação. O pronome possessivo é realizado com a configuração da mão em IX. Neste caso, POSS₁ (IX) indica o possuidor (referente à primeira pessoa do singular). O pronome possessivo POSS₁ (IX) está preposto ao referente possuído, CASA.

(45) Pronome possessivo POSS₁, com CM em IX e assimilação



EXEMPLO

POSS₁ (IX)

CASA

GUARDA-ROUPA

‘Por exemplo, na minha casa tem guarda-roupa.’



Sugerimos que há assimilação da configuração de mão, porque observamos a mesma configuração de mão utilizada para realizar o sintagma CASA. Novamente, as formas que são abarcadas pelo pronome possessivo com CM em IX são várias e tratam-se de formas com um apontamento ao referente em que a CM é diferente daquela em B e P.

Por sua vez, em (46) a seguir, a construção de posse atributiva é realizada com a configuração de mão em IX e, neste caso, o pronome possessivo de primeira pessoa, POSS₁ (IX), foi articulado em preposição ao referente possuído, CASA. Notamos que todos os sinais da sentença foram feitos com a mesma CM: mão aberta, dedos aduzidos e polegar abduzido. Dessa forma, a CM do pronome possessivo pode ter sido oriunda de um processo de assimilação.

(46) Pronome possessivo POSS₁, com CM em IX e assimilação



IX-eu

CHEGAR

AGORA

POSS₁ (IX)

CASA

‘Eu cheguei à minha casa agora.’



O dado (47) a seguir mostra que a participante realizou a CM com os dedos indicador e médio estendidos em contato com o tórax no lado ipsilateral, fazendo referência à primeira pessoa. Neste caso, também consideramos a CM em IX por promover indicação por meio de configuração diferente de P e B. O pronome possessivo POSS₁ (IX) está preposto ao sinal NOME, que denota o que é possuído.

(47) Pronome possessivo POSS₁, com CM em IX e assimilação



POSS₁ (IX)

NOME

F-R-A-N-C-I-S-C-A

‘Meu nome é Francisca.’



Essa CM (dedos indicador e médio estendidos e demais dedos fletidos) pode ter sido oriunda de um processo de assimilação da CM do sinal NOME. Essa construção de posse foi considerada inalienável.

Diferentemente desses, alguns dados podem permitir uma interpretação ambígua. Em (48) a seguir, em uma primeira leitura, o sinal com apontamento (IX, primeira pessoa) e o termo de parentesco FILH@ podem ser considerados, respectivamente, pronome possessivo e item possuído. Neste caso, a construção seria concebida como IX (ela) NÃO PRECONCEITO

POSS₁ (IX) FILHO (“ela não tem preconceito comigo, que sou filho”), mas, a partir do discurso do qual emerge a proposição, consideramos o sinal de apontamento (primeira pessoa) como um dos argumentos do predicado PRECONCEITO. O sinal FILH@ foi considerado um adendo da oração primária, conforme segue.

(48) Pronome com CM em IX



IX (ela)

NÃO

PRECONCEITO



IX (eu)

FILHO

‘Ela não tem preconceito comigo, que sou filho.’



Novamente, o sinal de apontamento foi considerado um dos argumentos do predicado PRECONCEITO e o sinal FILH@, um adendo sobre o argumento (IX).

Em (49), também há uma construção que pode promover uma leitura ambígua. Uma das possibilidades é que o sinal de apontamento seja compreendido como um pronome possessivo, mas o sinal NÓS-3 restringe o escopo de possibilidades e estabelece que o sinal IX₁ é um pronome pessoal.

(49) Pronome com CM em IX

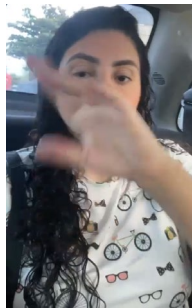


HOJE

NÓS-3

MÃE

PAI

IX₁

IR

‘Hoje nós três, [minha] mãe, [meu] pai e eu, vamos.’



As construções ambíguas são esperadas na Libras devido à forma em IX, o sinal de apontamento, permitir uma leitura tanto de pronome pessoal quanto de pronome possessivo.

Na próxima subseção, apresentamos as construções de posse atributiva a partir do pronome possessivo com configuração de mão em P.

4.2.3 Configuração de mão em P

Nesta subseção, apresentamos construções de posse atributiva a partir do uso de pronomes com a configuração de mão em P. Em (50) a seguir, há uma construção com pronome possessivo POSS₂ (P), ou seja, fazendo referência à segunda pessoa. Neste caso, o sinal é direcionado ao interlocutor. O pronome possessivo revela o possuidor, que é articulado em posição preposta ao referente CASA (possuído). A posse é considerada alienável.

(50) Pronome possessivo POSS₂, com CM em P



ALMOÇO

TERMINAR

DESCANSAR



SINAL-pessoa

DV-dirigir-carro (mov. até espaço)

POSS₂ (P)



CASA

‘Quando terminar o almoço, vou descansar e depois meu pai [sinal] vai me levar até sua casa’



Em (51) a seguir, o dado foi realizado com o pronome possessivo POSS₃ (P) fazendo referência à terceira pessoa. O sinal ANIVERSÁRIO denota o que é possuído, ao qual o pronome POSS₃ (P) está posposto. A posse é considerada inalienável.

(51) Pronome possessivo POSS₃, com CM em P



HOJE

ANIVERSÁRIO

POSS₃ (P)



33

IDADE

‘Hoje é o aniversário dele, que agora tem 33 anos de idade.’



A seguir em (52), o participante realizou uma construção de posse atributiva com o pronome possessivo POSS₁ (P), referindo-se à primeira pessoa. Interessante observarmos que a mesma configuração permanece desde o início da realização do referente possuído, o termo de parentesco PAI. Por isso, pode ser que o pronome possessivo POSS₁ (P) tenha sido resultado de um processo de assimilação da CM do sinal subsequente. O pronome está preposto em relação ao nome. A posse é considerada inalienável.

(52) Pronome possessivo POSS₁, com CM em P e assimilação



POSS₁ (P)

PAI

COMUNICAR



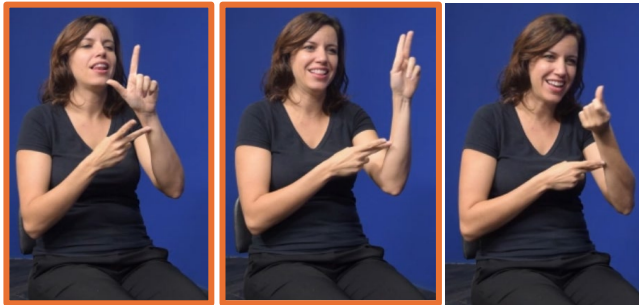
CONTATO DIFÍCIL

‘Com o meu pai, é difícil eu me comunicar ou ter contato com ele.’



A seguir, os dados exibem uma construção de posse atributiva com o uso de pronome possessivo POSS₃ (P), mesmo com a presença explícita do elemento possuidor. Nestes casos, os pronomes possessivos foram articulados em posição ao elemento possuído e em preposição ao elemento possuidor.

(53) Pronome possessivo POSS₃, com CM em P



L-S-B POSS₃ (P) SINAL-pessoa

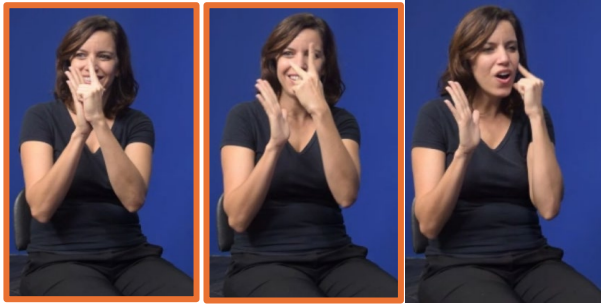
‘Curso de LSB de [sinal]/dele.’



Em (53), a sinalizante articula o elemento possuído, o sinal L-S-B, seguido do pronome possessivo, POSS₃ (P), e do sinal que representa Nelson Pimenta, que é o possuidor do curso de LSB (língua brasileira de sinais).

Uma construção semelhante é observada em (54) a seguir.

(54) Pronome possessivo POSS₃, com CM em P



LIVRO-RONICE POSS₃ (P) SINAL-pessoa

‘O livro ‘Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos’ da [sinal]/dela.’



Em (54), a sinalizante articula o sinal do livro “Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos” seguido do pronome possessivo POSS₃ (P) e do sinal representativo de uma das autoras, Ronice Quadros (Quadros; Karnopp, 2004). Nesse dado, o pronome possessivo POSS₃ (P) também foi articulado em posposição ao possuído.

4.2.4 Configuração de mão em B

Nesta subseção, apresentamos dados de construções de posse atributiva a partir do pronome possessivo com configuração de mão em B.

O dado (55) a seguir apresenta uma construção com pronome possessivo em B fazendo referência à primeira pessoa, o possuidor, enquanto o sintagma MELHOR AMIG@ indica o referente possuído. O pronome está preposto ao nome (possuído) e pode ser que a configuração de mão de POSS₁ (B) tenha sofrido um processo de assimilação dos sinais subsequentes, a saber, MELHOR e AMIG@.

(55) Pronome possessivo POSS₁, CM em B



PARECE

POSS₁ (B)

MELHOR

AMIG@



AVISAR

MÃE

‘Parece que meu melhor amigo avisou para minha mãe.’



Em (56) a seguir, a participante sinalizou o pronome possessivo POSS₁ (B) em referência à primeira pessoa (possuidor), em posição preposta ao referente possuído, realizado pelo sinal IRM@ HOMEM. Sugerimos que a posse é inalienável, por envolver termo de parentesco.

(56) Pronome possessivo POSS₁, CM em B



ENTÃO

POSS₁ (B)

IRM@

HOMEM



SINAL-pessoa PACIÊNCIA

‘Então, meu irmão [sinal] tinha paciência.’



A seguir, uma construção de posse semelhante é realizada, envolvendo também termo de parentesco. Da mesma maneira, o pronome possessivo com configuração de mão em B refere-se à primeira pessoa e é articulado em preposição ao possuído, realizado pelo sinal PRIM@. Em (57), o pronome possessivo POSS₁₊₊ (B) foi articulado com repetição de movimento (++)).

(57) Pronome possessivo POSS₁, CM em B



CONHECER POSS₁₊₊ (B) PRIM@ SINAL-pessoa SABER



AGORA

IR

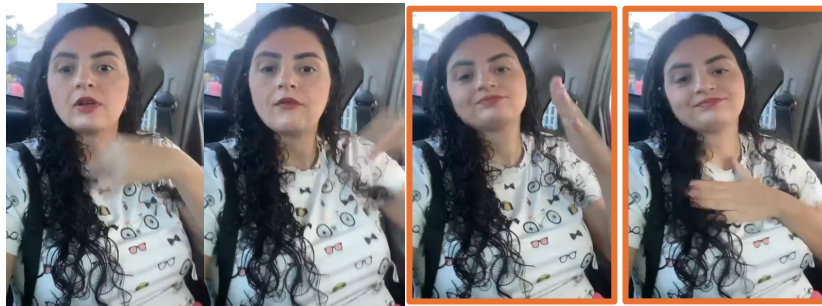
CASA

‘Lembra meu primo [sinal], sabe? Agora estou indo para a casa [dele]’.



Em (58), o pronome possessivo POSS₁₊₊ (B) também foi articulado com repetição de movimento, mas, diferente do dado anterior, o pronome foi articulado em posição ao referente possuído, CASA.

(58) Pronome possessivo POSS₁, CM em B



IX-eu

IR

CASA

POSS₁₊₊ (B)

‘Eu vou para minha casa.’



O dado a seguir em (59) apresenta o pronome possessivo POSS₁₊₊ (B), indicando o possuidor, e o referente possuído CASA. O padrão articulatorio também apresenta repetição de movimento. A posição assumida por esse pronome foi a preposta ao referente CASA, o possuído. O participante articula o pronome possessivo POSS₁₊₊ (B) de maneira bimanual. A bimanualidade pode ter sido uma assimilação do sinal CASA, que é articulado com as duas mãos.

(59) Pronome possessivo POSS₁, com CM em B e assimilação



POSS₁₊₊ (B)

L-A-R

POSS₁₊₊ (B)

CASA

‘Meu lar, minha casa.’



Até o momento, os dados de posse atributiva nos quais o pronome possessivo tem configuração de mão em B foram construções em que os referentes possuídos eram visíveis e concretos. O dado em (60) a seguir apresenta uma construção de posse em que o referente possuído é abstrato, diferentemente dos dados anteriores.

(60) Pronome possessivo POSS₁, CM em B



IX-eu

QUER-NÃO

PERDER

POSS₁₊₊ (B)



CONSCIÊNCIA

‘Eu não queria perder minha consciência.’



O pronome possessivo POSS₁₊₊ (B) é articulado de maneira repetida e está preposto ao referente possuído, CONSCIÊNCIA. Observamos que, durante a articulação do sinal, o sinalizante configura seus lábios para articular, simultaneamente, o *mouthings* “meu”. O nome “consciência” em língua portuguesa é um substantivo de gênero feminino, o qual reflete na forma do pronome possessivo de primeira pessoa que o acompanha, que, nesse caso, seria “minha”. Contudo, a articulação do *mouthings* parece seguir a forma masculina. Novamente, o item CONSCIÊNCIA é um referente abstrato.

O domínio da posse faz parte do nosso cotidiano. As nossas vidas são determinadas, em grande medida, pela acumulação e gestão de bens e pertences, sejam eles entidades concretas ou entidades abstratas. Todas as línguas têm uma forma de expressar a posse, isto é, de expressar uma relação entre os itens possuídos e os seus possuidores (Chen Pichler *et al.*, 2008; Zeshan; Perniss, 2008).

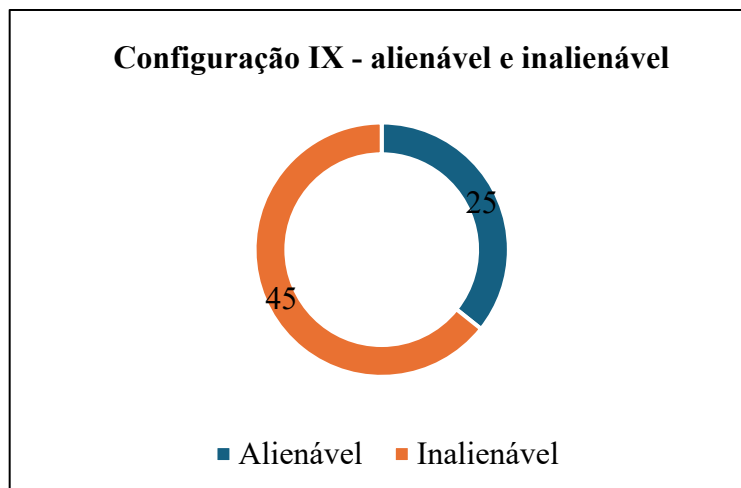
A partir dos dados, encontramos o pronome com a configuração de mão em B apenas sendo relativo à primeira pessoa. Em outras palavras, não identificamos nos dados de nenhum dos participantes surdos o pronome POSS₁ (B) fazendo referência à segunda ou à terceira pessoa. De acordo com Berenz (1996) e El Khouri (2020), para o pronome possessivos de primeira pessoa, há três configurações de mão disponíveis, B, P e IX, enquanto, para os pronomes de segunda e terceira pessoa, há apenas duas formas, P e IX.

4.2.5 Alienabilidade

Os dados de pronomes possessivos em posse atributiva somam 123, considerando as configurações de mão em IX, P e B. O gráfico na

Figura 15 a seguir ilustra 70 construções de posse atributiva que têm o pronome possessivo com a configuração de mão em IX, sendo 45 construções alienáveis e 25 inalienáveis.

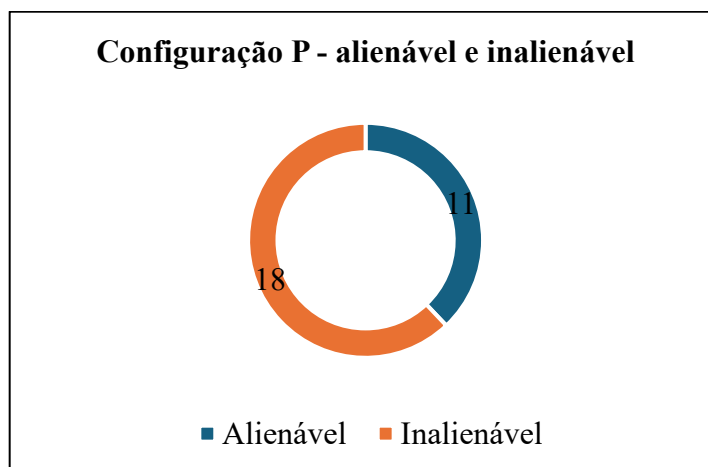
Figura 15 – Gráfico sobre a distribuição dos dados com configuração de mão em IX entre leitura alienável e inalienável



Fonte: elaboração própria.

O gráfico na Figura 16 a seguir apresenta o total de 29 construções de posse atributiva que têm o pronome possessivo com a configuração de mão em P, sendo 18 construções alienáveis e 11 inalienáveis.

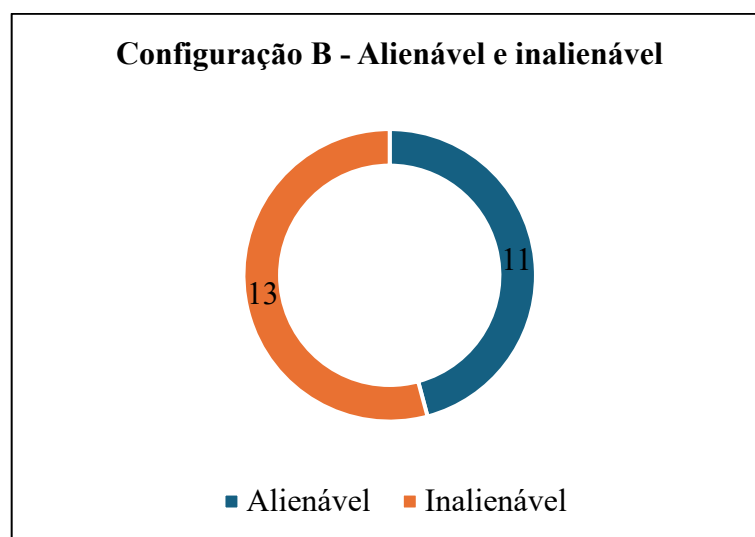
Figura 16 – Gráfico sobre a distribuição dos dados com configuração de mão em P entre leitura alienável e inalienável



Fonte: elaboração própria.

Em relação à construção de posse atributiva com pronomes possessivos com a configuração de mão em B, foi identificado um total de 24 construções, sendo 13 construções de posse alienável e 11 de posse inalienável, como mostra a Figura 17.

Figura 17 – Gráfico sobre a distribuição dos dados com configuração da mão em B entre leitura alienável e inalienável



Fonte: elaboração própria.

Do ponto de vista articulatório, não foi observada marcação específica que diferencie a posse atributiva entre alienável e inalienável. Em algumas situações, observamos uma elipse do pronome possessivo que parece prevalecer em construções de posse inalienável.

Entre os dados de posse atributiva tanto alienável quanto inalienável, identificamos situações em que o pronome possessivo estava oculto após uma primeira menção. Nesses casos, na posição seguinte relativa ao mesmo referente, sabemos que houve elipse do pronome possessivo pois foi possível inferi-lo pelo contexto. Ao todo, foram 52 construções com apagamento do pronome possessivo, sendo 2 em construções alienáveis e 50 em construções inalienáveis.

Por sua vez, os dados provenientes do Corpus de Libras (UFSC, [s. d.]) exemplificam a elipse do pronome possessivo. Na análise de dados do Corpus de Libras, foram analisados os vídeos em que os participantes eram entrevistados. Consideramos que o gênero entrevista pode ter influenciado o apagamento do pronome possessivo, pois o(a) entrevistador(a) pode ter realizado o pronome no momento da pergunta ou, ainda, ter favorecido o apagamento após uma primeira menção não necessariamente na pergunta.

Ressaltamos que a quase totalidade de dados em que há elipse do pronome possessivo envolve termos de parentesco (inalienáveis): MÃE; PAI; IRM@; FAMÍLIA; VOV@ etc.

Houve um dado em que o possuído é “língua”, o qual também consideramos como um caso de posse inalienável.

Os dados, a seguir, ilustram quatro participantes que sinalizaram MÃE (“[minha] mãe”) com omissão do pronome possessivo após a primeira menção.

(61) Pronome possessivo oculto, com sentido inalienável



a) MÃE

b) MÃE

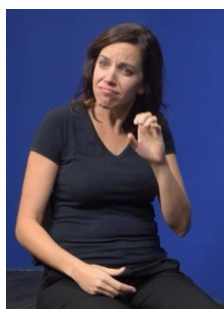
c) MÃE

d) MÃE

‘[Minha] mãe.’

O dado a seguir apresenta também elipse do pronome possessivo. A sinalizante estabelece o referente no espaço de sinalização ao sinalizar M-E (“mãe”) e, em seguida, incorpora o discurso da participante mãe durante a conversa com a entrevistadora. Nesta situação, a sinalizante realiza o discurso direto da mãe. Novamente, o pronome possessivo foi omitido porque houve uma primeira menção previamente.

(62) Pronome possessivo oculto, com incorporação e sentido inalienável



M-A-E

‘[Minha] mãe.’

Observamos que a sinalizante incorpora um dos participantes da narrativa, pois a entrevistadora está sentada à frente dela, mas a sinalizante inclina o corpo levemente para a

esquerda, enquanto o rosto e a direção do olhar voltam-se para a direita, explicitando a sua interação como se fosse a participante mãe (não presente).

Prototipicamente, termos de parentesco e partes do corpo são considerados referentes que formam relações de posse inalienável (Kroeger, 2005; Perniss; Zeshan, 2008; Stassen, 2009). Identificamos dados de construção de posse envolvendo partes de corpo humano nas quais não há uso de pronomes possessivos quando o possuidor é a primeira pessoa. Considerando que os sinais de partes do corpo são realizados por meio do apontamento para locais do corpo do próprio sinalizante, a indicação do possuidor dessa forma quando ele é a primeira pessoa parece ser redundante, por isso sua não realização.

Os dados a seguir são provenientes do Corpus de Libras (UFSC, [s. d.]). Em (63), a entrevistada questiona o grau de audição do participante. Neste caso, há um apontamento para o interlocutor, que pode ser entendido tanto como pronome pessoal quanto como possessivo. A resposta do sinalizante ao questionamento em (64) evidencia o uso de apontamento a uma parte do corpo em que não há manifestação de um pronome possessivo de primeira pessoa.

(63)



POSS₂ (IX) IX-auditiva ++ (duas mãos) DV (dimensão)

‘Qual o grau da sua audição?’



O dado anterior pode ser considerado uma construção de posse atributiva com pronome possessivo POSS₂ (IX), fazendo referência à segunda pessoa com configuração de mão em IX. Na resposta do participante, vista no dado a seguir, há o apontamento a uma parte do corpo que parece dispensar o uso do pronome possessivo de primeira pessoa. Neste exemplo, além de o

gênero entrevista favorecer o apagamento, consideramos que a presença do pronome seria redundante.

(64) Posse inalienável (ouvido)



IX(ouvido-dir)

ZERO

IX(ouvido-esq)

MAIS

‘Eu não escuto pelo ouvido direito; pelo esquerdo, eu escuto mais.’



Novamente, em (64), o participante respondeu à pergunta indicando parte do corpo enquanto referente possuído por meio do apontamento ao próprio corpo. Neste caso, a configuração de mão em IX parece indicar tanto o referente quanto o possuidor.

No dado a seguir, o sinalizante remete a uma parte do corpo e, novamente, não há uso de pronome possessivo de primeira pessoa. Não há o uso explícito de apontamento nesse sentido, mas uma construção classificadora que remete a uma parte do corpo. Ao ser questionado sobre a causa da surdez, o sinalizante discursa que VERMELHO (“sangue”) DV (líquido escorrer) (“sangue escorreu dos meus ouvidos”).

(65) Posse inalienável (ouvido)



VERMELHO

DV(líquido escorrer)

‘Sangue escorreu dos meus ouvidos.’



Assim, não há apontamento, mas a parte do corpo é referenciada a partir de uma construção classificadora. A indicação de parte do corpo parece dispensar o uso de pronome possessivo de primeira pessoa.

No dado a seguir vemos novamente a indicação de parte do corpo a partir de apontamento.

(66) Posse inalienável (audição)



IX-dem

DV (diminuir)

‘Minha audição começou a reduzir.’



O dado em (66) exemplifica o uso do apontamento por meio da configuração de mão em IX para indicar uma parte do corpo (referente possuído) e parece dispensar o uso do pronome possessivo de primeira pessoa.

Já nos dados a seguir, em (67) e (68), os sinalizantes articulam uma construção classificadora que se refere a uma descrição do cabelo enquanto entidade possuída. Novamente, a referência a uma parte do corpo parece dispensar o uso de pronome possessivo. Na ocasião, os sinalizantes responderam ao questionamento sobre a motivação dos sinais que os identificam.

(67) Posse inalienável (descrição do cabelo)



PASSADO

IX (eu)

MENINO



DV-descrição do cabelo



PARECE

ÍNDIO

‘Quando eu era criança, meu cabelo parecia de índio.’



Novamente, em (67), o sinalizante articula DV-descrição-do-cabelo a partir da configuração de mão em IX, que se movimenta de maneira a descrever o formato de seu cabelo. Há relação com posse inalienável, pois o cabelo é uma parte do corpo humano.

(68) Posse inalienável (descrição do cabelo)



IX-eu

EX

PASSADO

CRIANÇA

IDADE



5

PARECE

DV-descrição-do-cabelo

‘Quando eu era criança, com aproximadamente 5 anos de idade, meu cabelo era até a altura dos ombros.’



Em (68), o sinalizante articula DV-descrição-do-cabelo em que a configuração de mão se movimenta da cabeça aos ombros, como uma forma de descrever a estatura do cabelo. Novamente, uma parte do corpo sendo referida parece dispensar a presença de um pronome possessivo de primeira pessoa.

Já no dado em (69), a seguir, o que é possuído é uma cicatriz na região do abdômen, parte do corpo à qual a referência também parece dispensar o uso de pronome possessivo de primeira pessoa.

(69) Posse inalienável (cicatriz na região do abdômen)



DESCONTAR

IX-aqui

FAZER

IX-dem (cicatriz)

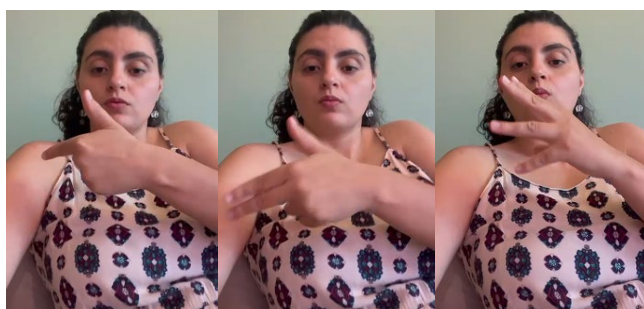


C-I-C-A-T-R-I-Z

CIRURGIA

DV-mancha fino

IX-dem



LASER

DISFARÇAR

DESAPARECER

‘Tem desconto para remover [minha] cicatriz na [minha] barriga, aquela cicatriz fina da cirurgia que fiz, que se trata com *laser* para desaparecer.’



Novamente, a entidade possuída é uma parte do corpo (posse inalienável) que é referenciada a partir da indicação de uma parte do próprio corpo da sinalizante. Essa estratégia articulatória parece dispensar a explicitação do pronome possessivo de primeira pessoa.

Ainda nesse sentido, no dado em (70), vemos uma construção de posse em que a sinalizante indica uma parte do corpo, no caso, a sua mão, mas que representa a referência às pernas (possuído inanimado).

(70) Posse inalienável (músculo da perna)

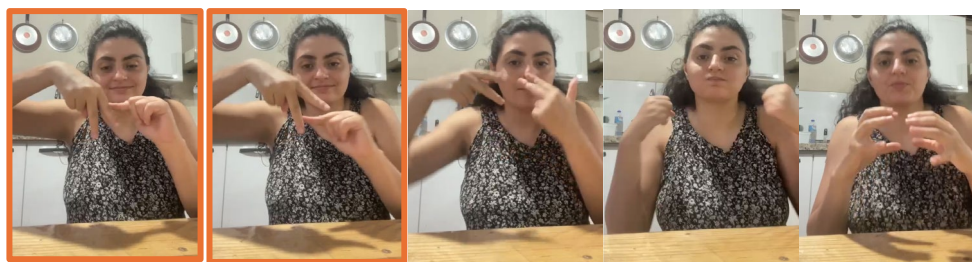


IX-eu

SENTIR

AINDA

DOR



JOELHO-esq

JOELHO-dir

PARECE

MALHAR

MÚSCULO

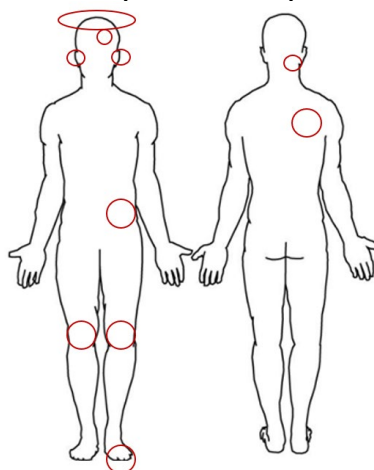
‘Eu ainda sinto dor nas minhas pernas, parece que malhei o músculo.’



Em (70), vemos uma parte do corpo como entidade possuída, bem como é referida a noção de dor, que é abstrata. A sinalizante usa o sinal de apontamento indicando uma parte do corpo que parece dispensar o uso de pronome possessivo de primeira pessoa. Zeshan e Perniss (2008) consideraram inalienáveis noções como doença, dor e sintomas quando relacionadas à construção de posse.

O esquema a seguir mostra as partes do corpo referidas na produção dos dados, mobilizadas a partir de sinais de apontamento ao corpo do sinalizante para representar entidades possuídas em uma construção de posse inalienável.

Figura 18 – Esquema de partes do corpo humano apontadas durante a sinalização



Fonte: elaboração própria, a partir da imagem em Pinterest [s. d].

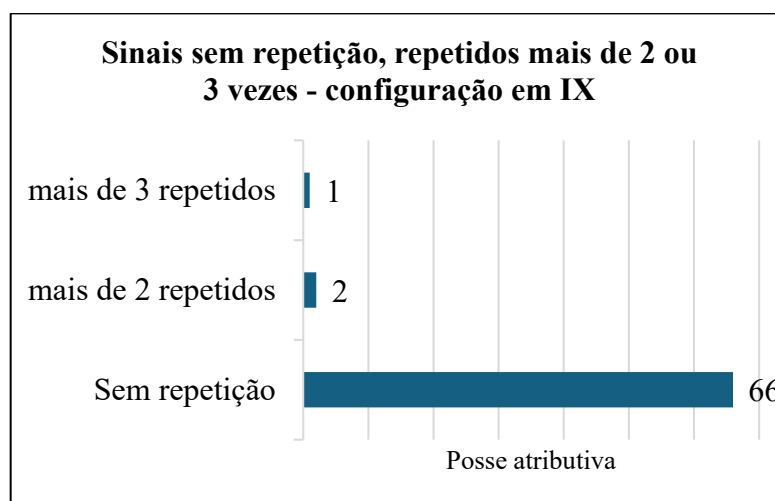
O esquema ilustra partes do corpo humano que foram identificadas nos dados da pesquisa como entidades possuídas em uma construção de posse inalienável. Essas partes são: (i) audição esquerda, (ii) audição direita, (iii) testa, (iv) cicatriz de apendicite, (v) perna direita, (vi) perna esquerda, (vii) dedo do pé esquerdo, (viii) meningite, (ix) costa e (x) cabelo.

Os dados sugerem que partes do corpo evidenciadas por meio de sinais de apontamento trazem a esses sinais características dêiticas, inclusive aos sinais de pronomes possessivos. Percebemos ainda que os pronomes possessivos de primeira pessoa são dispensáveis quando a indicação de partes do corpo também acontece na realização de outros sinais.

4.2.6 Padrão articulatório

O gráfico na Figura 19 a seguir ilustra o padrão articulatório do pronome possessivo com a configuração de mão em IX em relação à repetição ou não de movimento. A categoria sem repetição diz respeito ao simples apontamento, em que o movimento presente é apenas o de preparação do sinal e posicionamento da configuração de mão, ou seja, um movimento de preparação para articulação do sinal, que não é fonológico.

Figura 19 – Gráfico sobre a repetição de movimento enquanto a configuração de mão é IX

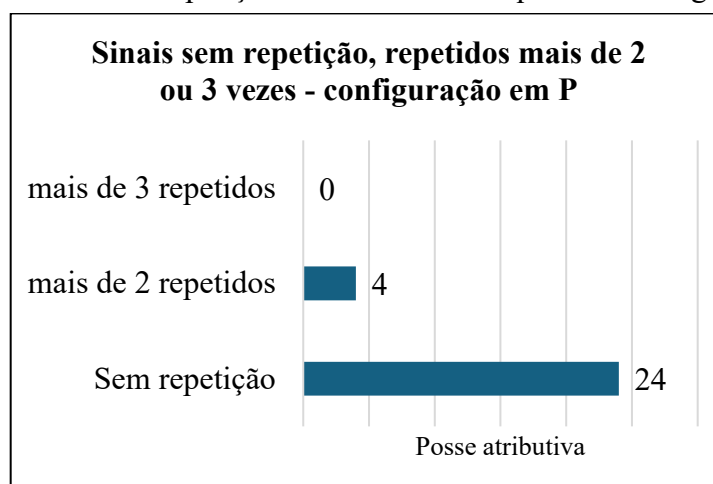


Fonte: elaboração própria.

A maioria dos dados de posse atributiva que têm pronome possessivo com a configuração de mão em IX foi articulado sem repetição, totalizando 66 dados, enquanto foram identificados 2 dados em que houve mais de 2 repetições e em apenas 1 dado houve mais de 3 repetições. Consideramos que a repetição de movimento não causa mudança de significado e está relacionada a questões pragmáticas, conforme mencionado no dado (29). Tiramos 1 dos 70 dados dos casos de repetição, pois indicava marca de plural, que não tem relação com a repetição contabilizada.

O gráfico na Figura 20 a seguir ilustra o padrão articulatorio do pronome possessivo com a configuração de mão em P em relação à repetição de movimento. A categoria sem movimento diz respeito à articulação com apenas o movimento fonológico inerente ao sinal, ou seja, sem movimento adicional.

Figura 20 – Gráfico sobre a repetição de movimento enquanto a configuração de mão é P

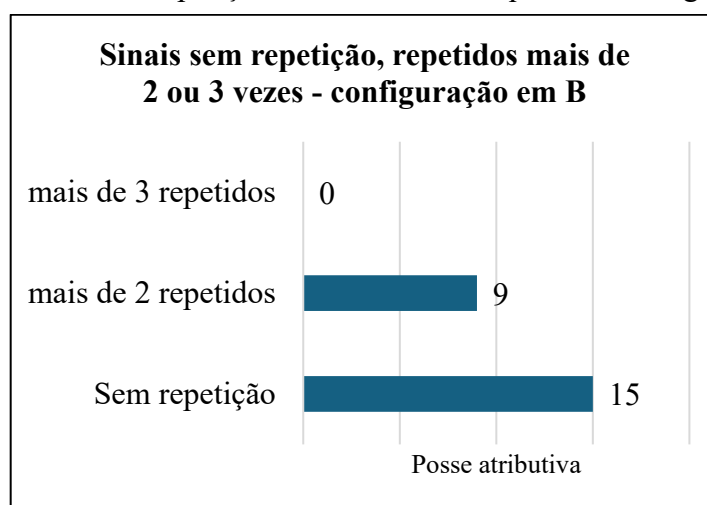


Fonte: elaboração própria.

O gráfico mostra que o pronome possessivo com a configuração de mão em P compõe 24 dados identificados sem repetição de movimento e 4 dados com mais de 2 repetições. Nenhum dado foi identificado com mais de 3 repetições.

Por sua vez, o gráfico a seguir na Figura 21 evidencia o padrão articulatorio do pronome possessivo com a configuração de mão em B em relação à repetição de movimento. Novamente, tiramos 1 dos 29 dados dos casos de repetição, pois indicava marca de plural, que não tem relação com a repetição contabilizada.

Figura 21 – Gráfico sobre a repetição de movimento enquanto a configuração de mão é B

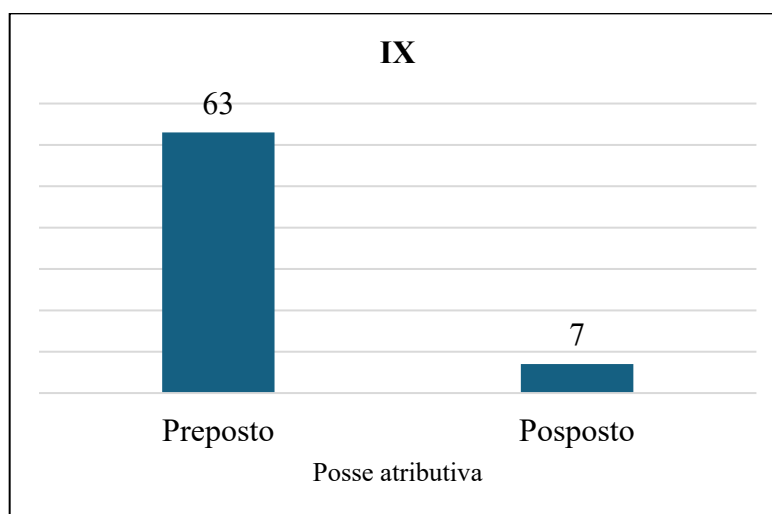


Fonte: elaboração própria.

O pronome possessivo com a configuração de mão em B compõe 15 dados sem repetição de movimento, 9 dados com mais de 2 repetições, mas não compõe dados com mais de 3 repetições. O padrão articulatorio dos pronomes possessivos com a configuração de mão em IX, P ou B parece ser sem movimento adicional, de modo que o movimento fonológico que ocorre é apenas o inerente ao sinal.

Quanto à posição sintática, de um total de 123 dados, verificamos se a posição de ocorrência dos pronomes possessivos com configuração em IX, B e P seria preposta ou posposta em relação ao referente possuído. O gráfico a seguir apresenta o quantitativo em relação a tais posicionamentos considerando a configuração de mão em IX.

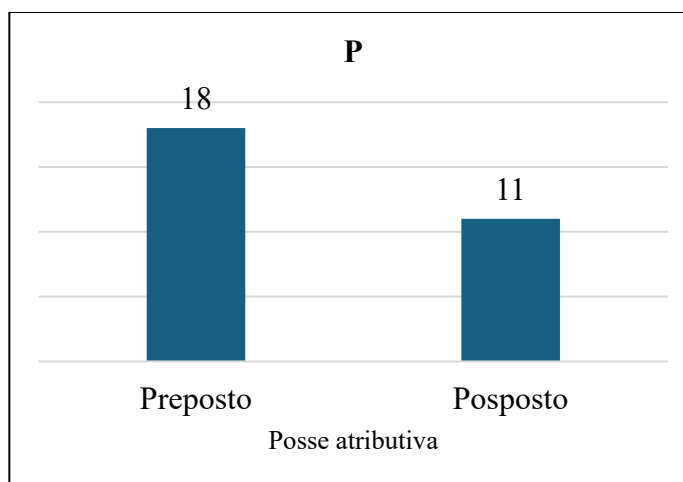
Figura 22 – Gráfico sobre a posição sintática da configuração de mão em IX



Fonte: elaboração própria.

A configuração de mão em IX totaliza 70 dados. Vemos que, em 63 dados, o pronome foi articulado na posição preposta em relação ao possuído e, em 7 dados, na posposta. O gráfico a seguir, na Figura 23, ilustra a posição do pronome com configuração em P.

Figura 23 – Gráfico sobre a posição sintática da configuração de mão em P

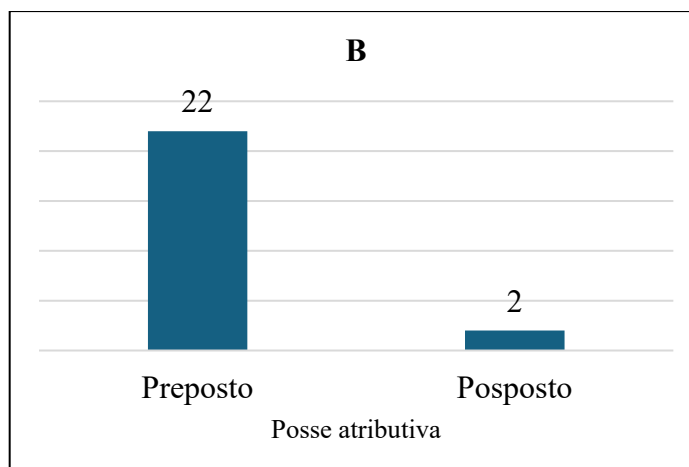


Fonte: elaboração própria.

O pronome possessivo com a configuração em P corresponde a 29 dados, sendo 18 articulados em preposição ao referente possuído e 11 articulados em posposição ao referente possuído.

O gráfico a seguir, na Figura 24, também apresenta o quantitativo relativo à posição sintática do pronome possessivo, mas daquele com configuração de mão em B.

Figura 24 – Gráfico sobre a posição sintática da configuração de mão em B

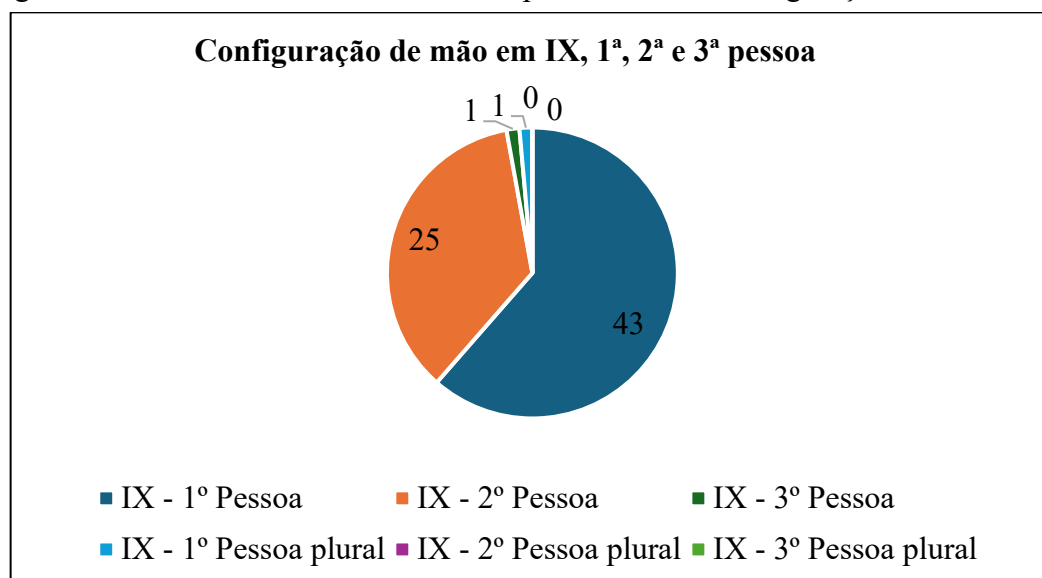


Fonte: elaboração própria.

O pronome com a configuração em B corresponde a 24 dados. 22 dados apresentam o pronome articulado em posição preposta à entidade possuída e 2, em posição posposta à entidade possuída. Os dados sugerem uma predileção do pronome pela posição preposta ao referente possuído, embora ocorrências de posposição tenham sido identificadas.

Os gráficos a seguir ilustram a manifestação de cada uma das formas pronominais em relação à referência às pessoas do discurso, 1ª, 2ª e 3ª. A posse atributiva pronominal com a configuração de mão em IX corresponde a 70 dados, a partir dos quais quantificamos a manifestação de referência às pessoas do discurso. O gráfico a seguir ilustra, em particular, a distribuição do pronome com essa configuração de mão em relação às pessoas do discurso.

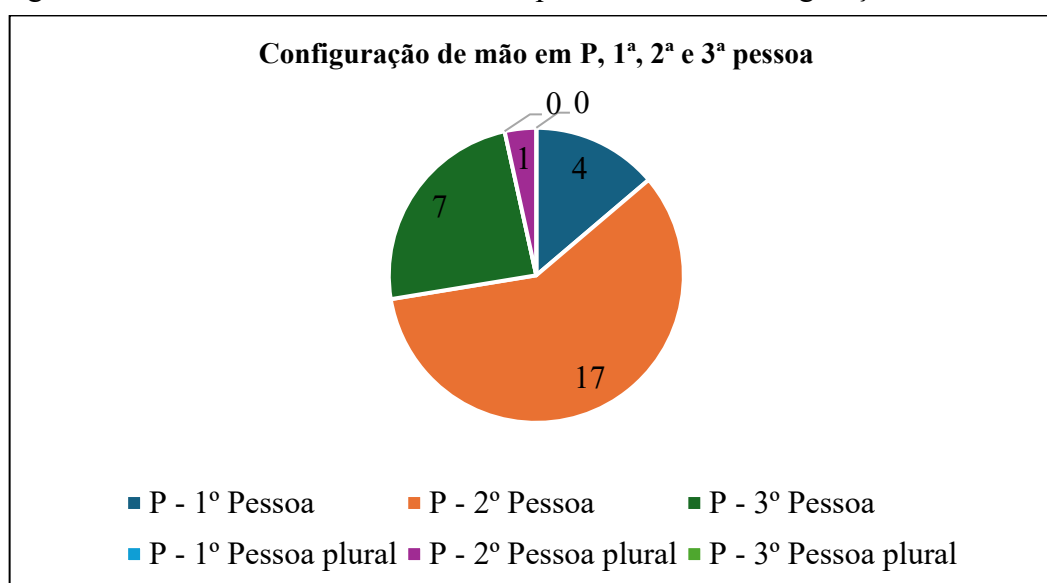
Figura 25 – Gráfico sobre a referência de pronomes com configuração de mão em IX



O gráfico anterior mostra que a configuração de mão em IX faz referência à 1ª pessoa do singular em 43 dados. A 2ª pessoa do singular é referenciada em 25 dados e a 3ª pessoa do singular, em 1 dado. A 1ª pessoa do plural (dedo indicador e médio estendidos e se movimentando para frente e para trás repetidamente) aparece em apenas 1 dado. Não foram encontrados dados com referência à 2ª pessoa do plural e à 3ª pessoa do plural.

O gráfico a seguir, na Figura 26, ilustra o quantitativo de configuração de mão em P e sua distribuição em relação às pessoas do discurso.

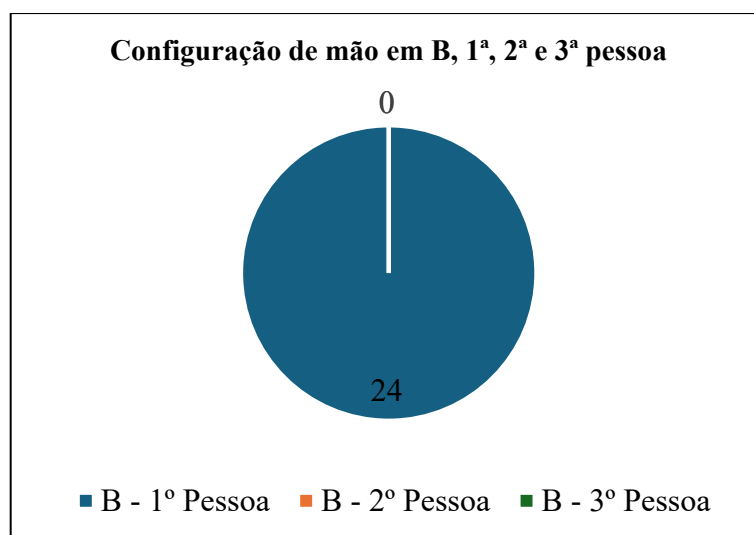
Figura 26 – Gráfico sobre a referência de pronomes com configuração de mão em P



De um total de 29 dados, observamos que, em referência à 1ª pessoa do singular, são 4 dados, à 2ª pessoa do singular, 17 dados, e à 3ª pessoa singular, 7 dados. A 2ª pessoa do plural foi identificada em apenas 1 dado. Não foram encontrados dados de 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural.

O gráfico a seguir, na Figura 27, ilustra o quantitativo de configuração em B e sua distribuição em relação às pessoas do discurso. Todos os 24 dados foram realizados em referência à 1ª pessoa do singular. Não há manifestação da configuração em B para outras pessoas do discurso.

Figura 27 – Gráfico sobre a referência de pronomes com configuração de mão em B



Fonte: elaboração própria.

Considerando esses dados analisados do nosso *corpus*, apresentamos anteriormente o quantitativo das configurações de mão em IX, P e B em referência à 1ª, 2ª e 3ª pessoa, e apontamos que o uso dessas configurações para expressar pronomes possessivos em construções atributivas tem uma distribuição distinta quanto às pessoas do discurso referidas. Na Figura 28, vemos que o pronome com a configuração em B é restrito à primeira pessoa. Os pronomes com a configuração de mão em P e em IX apresentam uma distribuição mais ampla.

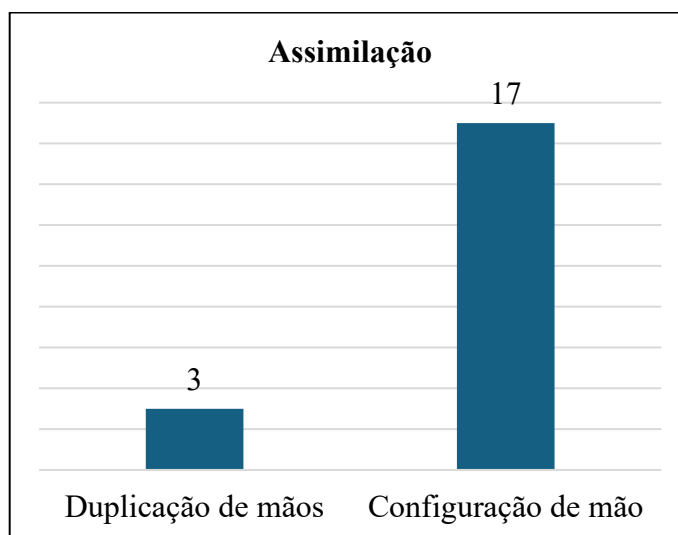
Figura 28 – Esquema sobre a distribuição dos pronomes possessivos com configurações de mãos em IX, P e B em relação à 1ª, 2ª e 3ª pessoa, no singular ou plural

IX						
P						
B						
	1º sg	2º sg	3º sg	1º pl	2º pl	3º pl

Fonte: elaboração própria.

Durante a análise de dados, identificamos os pronomes possessivos cuja configuração de mão em IX, P e B talvez tenha sido impactada pelo processo de assimilação. Nesse sentido, identificamos situações, quantificadas na Figura 29, em que a forma da configuração de mão do pronome coincide com a mesma configuração de sinais imediatamente anteriores ou posteriores. Da mesma maneira, identificamos situações em que a duplicação do pronome tinha sido influência de processo de assimilação, ou seja, compreendemos que a duplicação na realização dos pronomes, também quantificada na Figura 29, foi influência de sinais imediatamente anteriores ou posteriores articulados bimanualmente.

Figura 29 – Gráfico sobre a assimilação de configuração de mão e duplicação de mãos



Fonte: elaboração própria.

A partir do gráfico na Figura 29, vemos 17 dados em que parece ter havido assimilação da configuração de mão e 3, do número de mãos (duplicação). Identificamos 19 situações em que ocorre processo de assimilação ora do número de mãos, ora da configuração de mão. Em

um outro dado, houve assimilação tanto do número de mãos quanto da configuração de mão, totalizando 20 ocorrências com assimilação.

4.3 Justaposição

Esta seção apresenta a discussão sobre a estratégia de posse por justaposição. A justaposição é uma estratégia em que a posse na Libras é realizada pela articulação da entidade possuída e da entidade possuidora de maneira justaposta. A posição desses dois itens linguísticos (possuído e possuidor) podem ser trocadas.

A seguir, (71) ilustra uma relação de posse pela construção de justaposição em que se faz o sinal equivalente ao nome próprio de uma pessoa (possuidor) e, em seguida, o sinal do referente possuído, CARRO. A relação entre os elementos possuído e possuidor estabelece-se nessa justaposição.

(71) Justaposição



SINAL-pessoa CARRO

‘O carro de [sinal].’



Em (72), ocorre a estratégia de posse por justaposição em dado obtido em trabalho de campo. Identificamos um surdo sinalizante produzindo esta sentença, em que também há pronome possessivo com apontamento (IX) identificando o possuidor.

(72)



MOTO

POSS₁ (IX)

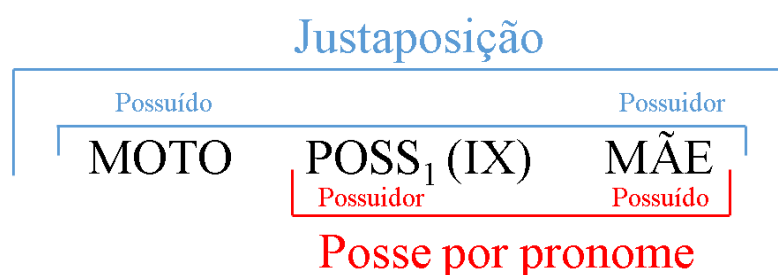
MÃE

‘A moto da minha mãe.’



No dado anterior, verificamos uma construção possessiva por justaposição, em que o sintagma nominal que tem a função de possuidor apresenta um pronome possessivo com configuração de mão em IX. Veja o esquema a seguir, na Figura 30, relativo a esse dado.

Figura 30 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (72)



Fonte: elaboração própria.

O esquema anterior evidencia pela cor azul que o referente do sinal MOTO, relativo ao possuído, é posse do referente de MÃE, o possuidor, bem como evidencia pela cor vermelha que o sinalizante faz o pronome POSS₁ (IX), indicando o referente MÃE como possuído em uma segunda relação, que estabelece que a mãe referida é a dele, do sinalizante.

O dado em (73) a seguir ilustra a estratégia de posse por justaposição, ao estabelecer uma relação de possuído e possuidor entre os elementos CASA e PAI, MÃE (“pais”). Essa relação entre os elementos possuído e possuidor acontece por justaposição.

(73) Justaposição



IX-dem (aqui)

CASA

PAI

MÃE

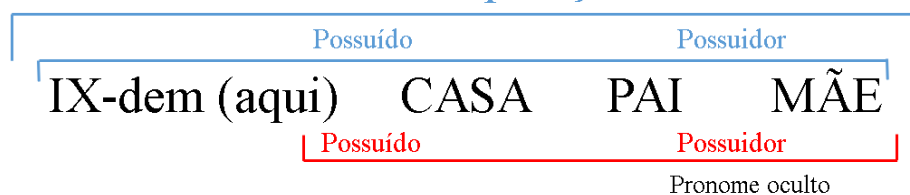
‘Aqui é a casa dos [meus] pais.’



O esquema a seguir, na Figura 31, apresenta o sinal IX-dem (aqui), que se estabelece pelo apontamento ao local onde é referido o possuído, CASA. CASA também participa da relação com os possuidores, PAI MÃE (“pais”). A ordem dos elementos nessa sentença foi formada, respectivamente, por possuído e possuidor. Por se tratar de termos de parentesco, parece ter sido omitido o pronome de primeira pessoa em relação aos referentes PAI e MÃE, indicando que são os pais do sinalizante.

Figura 31 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (73)

Justaposição



Fonte: elaboração própria.

(74) a seguir mostra a estrutura da relação de posse por justaposição em que o elemento possuído, FAMÍLIA, e o elemento com o possuidor, POSS₁ (IX) VOV@, são articulados em sequência.

(74) Justaposição



FAMÍLIA

POSS₁ (IX)

VOV@ (soletração)

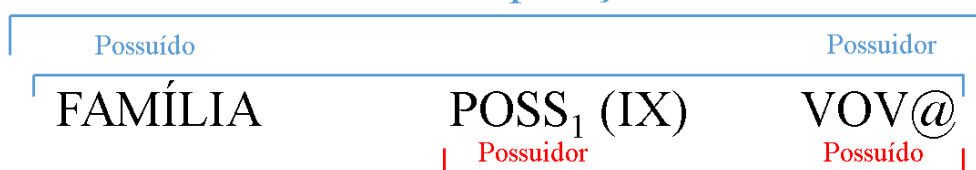
‘A família do meu vovô.’



O esquema a seguir, na Figura 32, ilustra a justaposição como uma estratégia de vínculo entre os elementos possuído e possuidor nessa sentença. O sinal FAMÍLIA é o possuído em relação ao referente e principal possuidor VOV@. Nesse caso, o apontamento de POSS₁ (IX) serviria como resposta à questão “o avô é de quem?”.

Figura 32 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (74)

Justaposição



Posse por pronome

Fonte: elaboração própria.

Por sua vez, no dado (75) a seguir, é interessante que a participante sinalizou IR e esse sinal tem movimento direto ao local onde ela faz referência a PRIMO. Pela relação com IR, entendemos que se trata de ir a um lugar, neste contexto, à casa (do primo). SINAL-pessoa é só um modificador do nome PRIMO.

(75) Justaposição – Possuído oculto

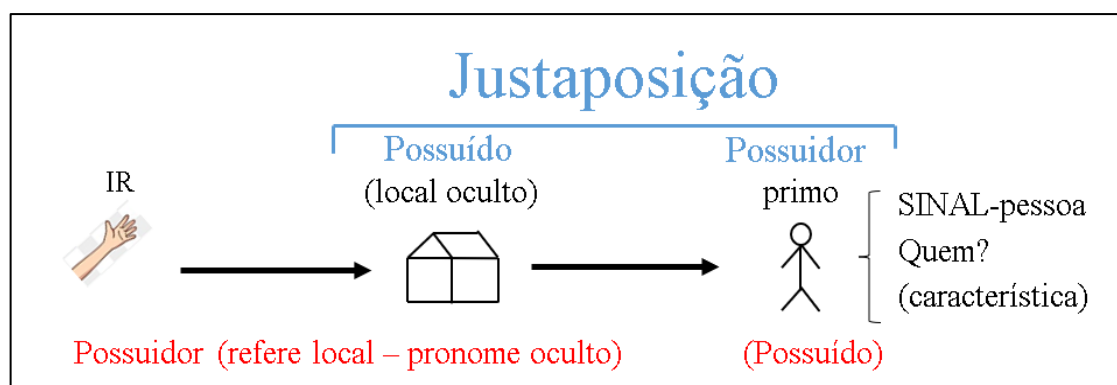


IR PRIMO SINAL-pessoa

‘Ir para [a casa] do meu primo.’



Figura 33 – Esquema sobre posse por justaposição, dado (75)

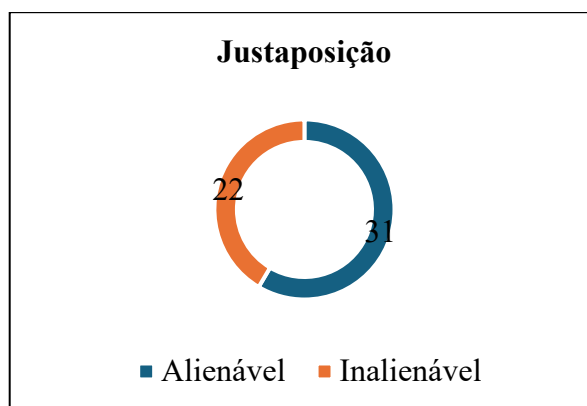


O esquema na Figura 33 ilustra que o sinal IR é realizado no local em que também é realizado o sinal PRIMO e mostra que, pela estrutura de IR, é possível interpretar algo semelhante a “ir para a casa de” por conta da direcionalidade do movimento, representada pelas setas. Isso constitui uma forma de estratégia de justaposição, representada na Figura 33 de modo que IR está em direção ao sinal (oculto) CASA e este, por sua vez, seria o objeto possuído pelo referente de PRIMO, que está no final da representação. Logo, SINAL-pessoa é só uma característica acerca do primo. É importante lembrar que o sinal IR, em Libras, varia conforme o distanciamento do apontamento realizado com a mão/o braço: quanto maior o afastamento em relação ao corpo, maior a ideia de distância do destino indicado (El Khouri; Carneiro; Cruz, 2017).

4.3.1.1 Alienabilidade

O gráfico na Figura 34 a seguir quantifica as posses alienável e inalienável em relação à estratégia de justaposição identificada nos dados.

Figura 34 – Gráfico sobre a estratégia de justaposição em relação a posses (in)alienáveis



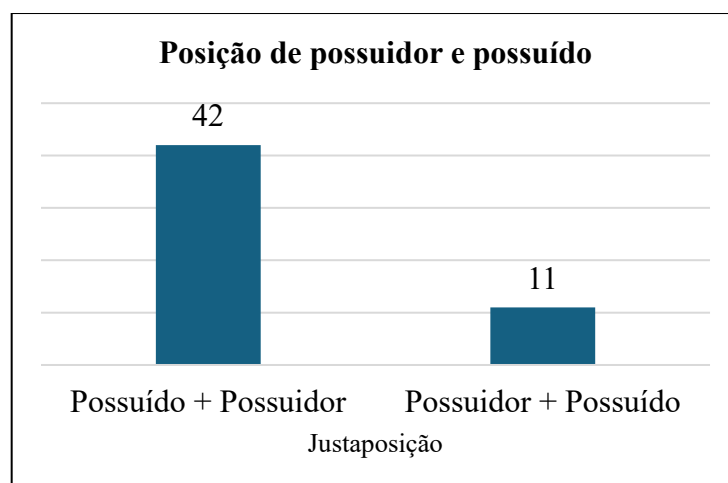
Fonte: elaboração própria.

O gráfico evidencia que os dados do *corpus* se distribuem em 31 dados com leitura alienável e em 22 dados com leitura inalienável. Logo, todos os casos de estratégia de justaposição possessiva com leitura (in)alienável somam 53 dados.

4.3.1.2 Posição sintática

Nos dados registrados, foram quantificadas também pelo programa Excel as posições entre os sintagmas (possuidor-possuído e possuído-possuidor) durante a estratégia de justaposição possessiva. O gráfico a seguir, na Figura 35, ilustra essa quantificação.

Figura 35 – Gráfico sobre a posição dos sintagmas durante a justaposição possessiva



Fonte: elaboração própria.

O gráfico anterior ilustra que, de acordo com o registro de posição na tabela criada para esta pesquisa, há 42 dados com a ordem possuído-possuidor e 11 dados com a ordem possuidor-possuído. Por isso, sugerimos que há uma predileção pela ordem possuído-possuidor.

4.4 Posse por uso do espaço de sinalização

Em El Khouri (2020), o autor observa em trabalho de campo sinais nas sentenças que fazem uso dos espaços de sinalização sem utilizar o pronome, porém com marca de referência no local relativa à pessoa, como em (76).

(76) Uso do espaço de sinalização



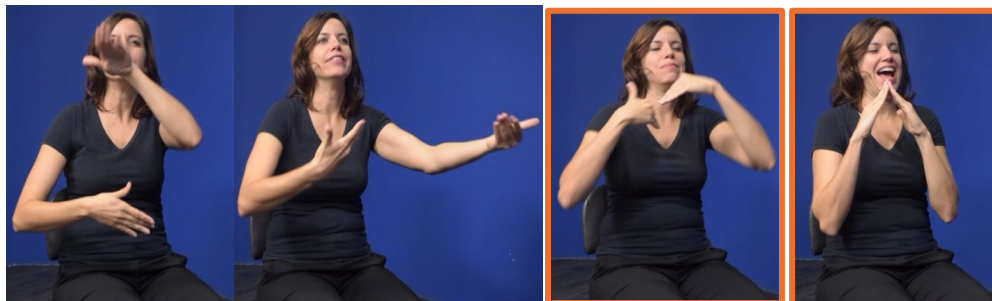
CASA-x

CASA-y



Em (77) e (78), há o uso do espaço de sinalização para expressar posse a partir da direcionalidade do verbo IR.

(77) Uso do espaço de sinalização



CHAMAR (várias)

IR (duas mãos)

CASA

‘Chamei as pessoas e foram para minha casa.’



Notamos que, no dado anterior, a participante sinaliza IR com duas mãos e com movimentação indo do espaço neutro até a frente do tronco (na altura do peito). Sobre esse sinal, ela o utiliza para expressar que chamou pessoas para ir à sua casa, de modo que as pessoas são associadas ao espaço neutro e, no final do movimento à frente do tronco, ela estabelece o apontamento que faz a relação com o possuidor, a pessoa que fala. O relacionado ao possuidor é o referente possuído sinalizado como CASA. Essa relação final é realizada mesmo sem a sinalizante ter feito o sinal de pronome.

Consideremos agora o dado em (78).

(78) Uso do espaço de sinalização



AMANHÃ

IR

CASA

‘Amanhã vou para sua casa.’



No dado (78), o participante faz o sinal IR com movimento iniciado na lateral superior de sua cabeça e finalizado no espaço neutro, fazendo referência à segunda pessoa. Nesse caso, o início do sinal IR é nesse local porque, antes, o sinalizante tinha feito o sinal AMANHÃ nesse mesmo local. Ainda nesse local, ele apenas muda a configuração de mão para a mão aberta e sinaliza assim até o espaço neutro. De outro lado, o sinal IR vai até o espaço neutro para indicar o possuidor, que é complementado pelo sinal CASA, expressando que o possuidor, a segunda pessoa, é o dono da casa.

Em (79), vemos a relação de posse sendo estabelecida a partir da direcionalidade, que indica a entidade possuída. Por meio da direcionalidade de SINAL, os sinalizantes fazem referência à primeira ou segunda pessoa. Em SINAL₂, a seguir, a direcionalidade indica a segunda pessoa, e em SINAL₁, a direcionalidade indica a primeira pessoa. Em SINAL_(neutro), o sinal é articulado sem direcionalidade e, por isso, sem indicar pessoa do discurso.

(79) Pronome possessivo oculto, sinal com referência e inalienável



a) SINAL₂

b) SINAL₂

c) SINAL₁

d) SINAL_(neutro)

Nos dados (79a) e (79b), os sinalizantes expressam SINAL com movimento para frente, no espaço neutro, o que indica a segunda pessoa, sem o uso explícito de pronome. A expressão facial, acompanhada de um leve movimento de cabeça para trás, já marca a interrogatividade da questão. No dado (79c), a participante realiza SINAL próximo ao tronco, fazendo referência à primeira pessoa; neste caso, o sinal remete à própria sinalizante. Em todos esses três exemplos, há a presença de movimento e apontamento que estabelece a referência à primeira pessoa e à

segunda pessoa. Já no dado (79d), a participante faz o sinal sem indicar qualquer referência de pessoa, pois apenas responde à pergunta da entrevistadora utilizando o SINAL em sua forma padrão. Esses dados têm relação com a posse do tipo inalienável, pois o sinal é possuído e funciona como marca de identificação dos sinalizantes.

Agora, apresentamos os dois dados a seguir, (80) e (81), para uma comparação da expressão dos sinalizantes ao executar SINAL.

(80) Pronome possessivo, sinal com referência à 1ª pessoa



POSS₁ (B)

SINAL

SINAL-pessoa

‘Meu sinal é este [sinal].’



(81) Pronome possessivo, sinal com referência à 2ª pessoa



POSS₂ (IX)

SINAL

‘Qual é o seu sinal?’

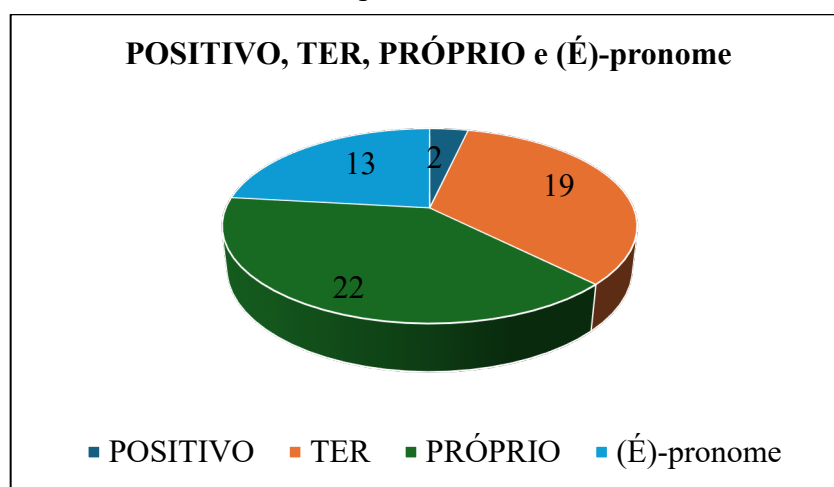


Em (80), a sinalização foi realizada com a configuração de mão em B fazendo referência à primeira pessoa. Com a mão fechada tocando no tronco, refere-se ao sinal como algo possuído. Por sua vez, em (81), a sinalização é realizada com a configuração de mão em IX fazendo referência à segunda pessoa, à qual associa-se o sinal de posse juntamente à expressão não manual (ENM) facial que indica ser essa uma sentença interrogativa.

4.5 Posse predicativa

Na pesquisa, observamos construções de posse predicativa a partir de verbos, em que os argumentos preenchem a relação entre possuidor e possuído. Nesse estabelecimento, identificamos os sinais POSITIVO, TER, PRÓPRIO e (É)-pronome. Os dados de posse predicativa totalizam 56 construções e estão distribuídos no gráfico a seguir, na Figura 36, sendo 13 dados construídos a partir do predicado (É)-pronome; 19 dados, do verbo TER; 2, do sinal POSITIVO; e 22, a partir do sinal PRÓPRIO.

Figura 36 – Gráfico sobre a distribuição dos dados de posse predicativa em relação aos predicados



Fonte: elaboração própria.

Escolhemos 9 construções de posse predicativa dos dados citados na dissertação do autor desta pesquisa (El Khouri, 2020). Percebemos a necessidade de esclarecer esses dados, pois, no momento da pesquisa de dissertação, eles trouxeram desafios. É relevante lembrar que, durante o estudo da dissertação, o foco estava na posse atributiva. No entanto, a análise atual não se restringe apenas a dados desse tipo de posse. A discussão tem por finalidade detalhar cada categoria de configuração de mão, considerando tanto a posse predicativa quanto a posse atributiva.

Nesse sentido, notamos que a posse predicativa pode aparecer em construções com verbos que expressam existência, relacionando possuidor e possuído. Porém, às vezes, o verbo pode ser ocultado nessas sentenças, ou às vezes pode ser ocultado o possuído ou o possuidor na relação de posse. Nas subseções seguintes, apresentamos 8 dados com o verbo TER, 10 dados com (É)-pronomes, 2 dados com POSITIVO e 4 dados com o sinal PRÓPRIO.

4.5.1 Sinal TER

(82) Predicativa POSS₁ – TER

IX₁

PAI

TER

CARRO

‘Meu pai tem carro.’

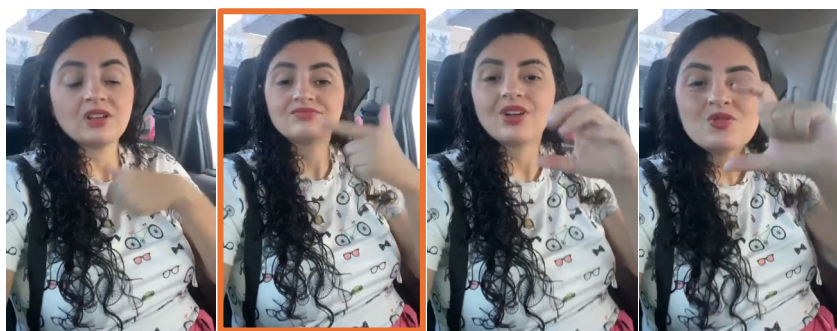


Essa é a representação de dois dados realizados cada um por pessoas diferentes. Sobre eles, podemos notar que os sinalizantes realizaram a mesma configuração de mão, em IX, apontando ao meio do peito. Isso significa que é sinalizado o pronome pessoal de primeira pessoa do singular juntamente ao sinal TER, que estabelece a existência da posse em relação

ao objeto possuído, nesse caso, referido pelo sinal CARRO. Dessa forma, evidenciamos que, entre os dados de possessivas predicativas, há sentenças com o sinal TER nas quais é realizada a configuração da mão em que o dedo indicador e o polegar estão abertos e há o toque no meio do peito.

Nos dados (83) e (84) a seguir, por sua vez, há sentenças produzidas por participantes surdos diferentes que sinalizam igualmente NÃO-TER. Porém, no dado (83), utiliza-se o sinal NÃO-TER antes do objeto não possuído, COCA; nesse dado, o sinal PEQUENO é uma característica que adjetiva COCA. Já no dado (84), produziu-se o sinal TER ao final da sentença, após o que seria (não) possuído.

(83) Predicativa POSS₁ – NÃO-TER



IX₁ NÃO-TER COCA PEQUENA (lata pequena)

‘Eu não tenho Coca-Cola em lata pequena.’



(84) Predicativa POSS₁ – NÃO-TER



IX₁ AMIG@ NÃO-TER

‘Eu não tenho amigo.’



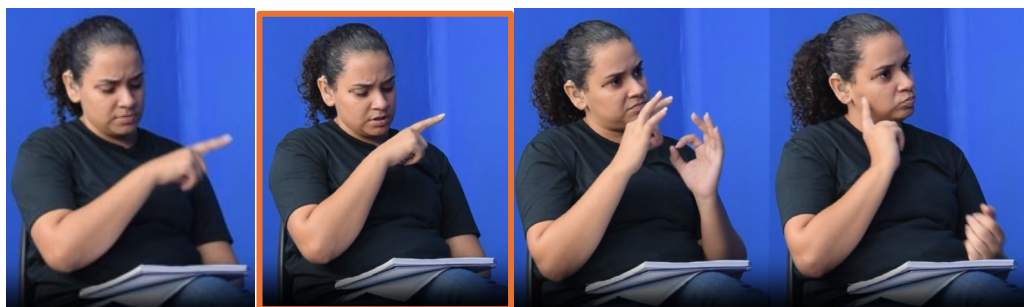
Os dados em (83) e (84) apresentam a noção de negação de existência/posse pelo sinal NÃO-TER, que é realizado pela mesma configuração de mão do sinal TER, porém articulado no espaço neutro e com movimento repetido de pronação-supinação do antebraço. Esses dados são considerados como construções possessivas negativas. De acordo com Zeshan e Perniss (2008), tais construções podem expressar construções existenciais positivas e construções existenciais negativas, como em: “há alguns peixes” *versus* “não há peixes”.

Conforme Chen Pichler *et al.* (2008), os predicados possessivos empregam o verbo HAVE na ASL em, por exemplo, PRO-1 HAVE CAR, cuja tradução em português seria “eu tenho um carro”. Já exemplos de construções possessivas negativas são realizados pela forma supletiva NONE na ASL, como em PRO-1 CAR NONE, cuja tradução em português seria “eu não tenho carro”.

Na língua de sinais da Croácia, a posse predicativa é expressa por meio do verbo IMATI (“ter”) e a forma negativa (também supletiva) é NEMATI (“não ter”). De acordo com os autores, essas duas línguas obedecem à ordem canônica sujeito-verbo-objeto (SVO) e a ordem de sinais mais comum para a estrutura possessiva é aquela em que o possuidor precede HAVE/IMATI, que, por sua vez, precede o possuído.

O dado a seguir foi produzido por um participante na entrevista para compor o *corpus*. Esta sentença é um questionamento feito a outro participante surdo e foi realizada pelo sinal IX₂ para se referir ao possuidor e pelo sinal TER para expressar a existência de posse, sendo FAMÍLIA SURDO o possuído.

(85) Predicativa POSS₂ – TER



IX₂

TER

FAMÍLIA

SURDO?

‘Você tem parente surdo?’



Notamos que, no dado anterior, a sinalizante produziu o sinal de FAMÍLIA (“parente”) como possuído, sendo SURDO uma adjetivação. Durante o questionário, no momento seguinte a essa pergunta, o participante surdo respondeu da seguinte forma em (86), com uso do sinal NÃO-TER, não articulando nem o possuidor, nem o possuído; ou seja, os argumentos foram ocultados.

(86) Predicativa – NÃO-TER



NÃO-TER

‘Não tenho.’



Em (87) a seguir, também há posse predicativa negativa, mas sem pronome possessivo na sentença, pois a estratégia utilizada é a de justaposição possessiva.

(87) Predicativa possessiva – NÃO-TER



CASA

SINAL-pessoa

PAI

MÃE



INTERNET

NÃO-TER

‘Na casa dos pais do [sinal] não tem *internet*’.

Observamos no dado anterior que a sentença foi formada por justaposição possessiva. Mediando a sentença, há o verbo NÃO-TER, que se relaciona com o elemento possuído INTERNET. O possuidor desse elemento é CASA, que, por sua vez, é posse de PAI e MÃE. Nesse caso, a INTERNET é um possuído inanimado e abstrato.

Em (88), o participante realiza o pronome POSS_{1pl} (IX) no local associado à primeira pessoa do plural, fazendo o movimento de giro no espaço neutro próximo ao peito para completar o sinal NÓS. Esse é o possuidor na relação com o sinal TER, que tem a relação de posse materializada pelo possuído DIREITO. Neste caso, ele quis dizer que todos têm o direito de votar. O sinal DIREITO denota um elemento possuído abstrato.

(88) Predicativa POSS_{1pl} – TERPOSS_{1pl} (IX) (nosso)

TER



DIREITO

VOTAR

‘Todos nós temos direito.’



De acordo com Zeshan e Perniss (2008), as nossas vidas são determinadas pela acumulação e gestão de bens e pertences, sejam eles entidades concretas ou entidades abstratas, de maneira que todas as línguas têm uma forma de expressar posse, isto é, de expressar uma relação entre os itens possuídos e os seus possuidores. Em (88), o possuído é uma entidade abstrata e parece seguir a mesma construção que ocorre quando o possuído é uma entidade concreta.

Em se tratando de (89), o sinal TER funciona como um verbo que estabelece a existência de posse. Neste caso, a entidade possuída é FILHO 2. Por se tratar de um termo de parentesco (“dois filhos”), consideramos esta uma construção predicativa inalienável.

(89) Predicativa possessiva – TER



JÁ

TER

FILHO

2

‘Já tenho dois filhos.’



Essa construção é uma extensão da construção possessiva mais básica e acrescenta uma especificação adicional à posse, em vez de apenas indicar possuidor e possuído. Seguindo o trabalho de Hengeveld (1992), iremos nos referir a essa como construção de quantificador/modificador predicativo. Essa construção ocorre em *kata kolok*, particularmente com numerais e outros quantificadores, conforme observado em (90) (Perniss; Zeshan, 2008).

(90)

FLAT₁

CHILD

TWO

‘Eu tenho dois filhos.’

(Perniss; Zeshan, 2008, p. 138)

Além desses casos, há situações em que a justaposição do elemento possuidor e do elemento possuído pode sugerir a elipse de um verbo existencial que atua como estabelecedor da construção possessiva, conforme ocorre no dado (91). Nesse sentido, há uma ambiguidade entre posse predicativa e posse atributiva.

(91) Ambiguidade sobre o tipo de posse (predicativa ou atributiva)



IX₁

FILHO

2

‘Eu tenho dois filhos/meus filhos são dois.’



Conforme apontam Zeshan e Perniss (2008), como na construção básica de justaposição, não há em dados como o anterior nenhum morfema dedicado a indicar a relação possessiva. Contudo, a construção como um todo tem claramente uma interpretação possessiva, apesar de, no que diz respeito à estrutura oracional, novamente parecer haver aqui ambiguidade no que diz respeito ao tipo de posse, se atributiva ou predicativa.

4.5.2 Sinal (É)-pronome

Durante a análise, consideramos certas estruturas da Libras como sentenças com o verbo (É)-pronome, por trazerem uma noção de estado. De acordo com Givón (2001) sobre a semântica dos verbos nas línguas, uma proposição pode significar um estado sem envolver nenhuma mudança ao longo do tempo. O estado pode ser temporário, permanente ou de duração intermediária.

Uma proposição também pode veicular um evento envolvendo mudança de um estado para outro ao longo do tempo. Essa mudança pode ser rápida e limitada, sendo assim interpretada como uma mudança de um estado inicial para um estado terminal. Ainda, a mudança de estado pode ser lenta e ilimitada, interpretada como um processo contínuo, sem focar nos limites temporais do evento. Além disso, alguns eventos são iniciados por um agente ativo. Tais eventos são chamados de ações.

O autor apresenta alguns exemplos, reproduzidos a seguir, que evidenciam as noções de estado, evento e ação.

(92)

a. Estado temporário:

She was angry

‘Ela estava com raiva.’

b. Estado permanente:

She was tall

‘Ela era alta.’

c. Evento limitado:

The ball dropped

‘A bola caiu.’

d. Evento ilimitado:

The ball rolled downhill

‘A bola rolou ladeira abaixo.’

e. Ação limitada:

She dropped the ball

‘Ela deixou cair a bola.’

f. Ação ilimitada:

She rolled the ball downhill

‘Ela rolou a bola ladeira abaixo.’

(Givón, 2001, p. 106, tradução nossa)

Em (93) e (94) a seguir, a construção de posse foi realizada com a configuração de mão em IX fazendo referência à primeira pessoa. Notamos que POSS₁ (IX) tem semelhança semântica com pronomes possessivos, mas consideramos esta como uma construção predicativa formada com (É)-pronome.

(93) Predicativa POSS_{1pl} – (É)-pronome



LIBRAS

SÓ

SURDO

NÃO



LIBRAS

POSS_{1pl} (IX) (nosso)

‘A Libras não é só dos surdos. A Libras é nossa.’



O participante que realizou o dado anterior quis dizer que a Libras não é somente dos surdos. Na segunda sentença, foi realizada a configuração de mão em IX que faz referência à primeira pessoa do plural, equivalente a “nosso”. Ele expressou primeiro o sinal do que é possuído, LIBRAS, associado posteriormente ao pronome POSS_{1pl} (IX), significando algo como “é nossa”. Nisso, consideramos presente a noção do verbo (É)-pronome relacionada ao uso do sinal POSS_{1pl} (IX). Por conta do contexto e da expressão facial, entendemos ser essa uma sentença predicativa.

Já em (94), notamos uma relação de posse predicativa de um dado coletado em campo. Na sua realização, havia duas de minhas alunas em sala de sala e havia dois *notebooks* sobre a mesa que eram delas e eram idênticos. Eu perguntei se os dois *notebooks* eram de uma só delas e se eram gêmeos, por serem *notebooks* iguais. Então, uma das alunas articulou a seguinte sentença.

(94) Predicativa POSS₁ e POSS₃ – (É)-pronome – assimilação

IX (DEM)

POSS₁ (IX)

IX (DEM)

POSS₃ (IX)

‘Este é meu. Este é dela.’

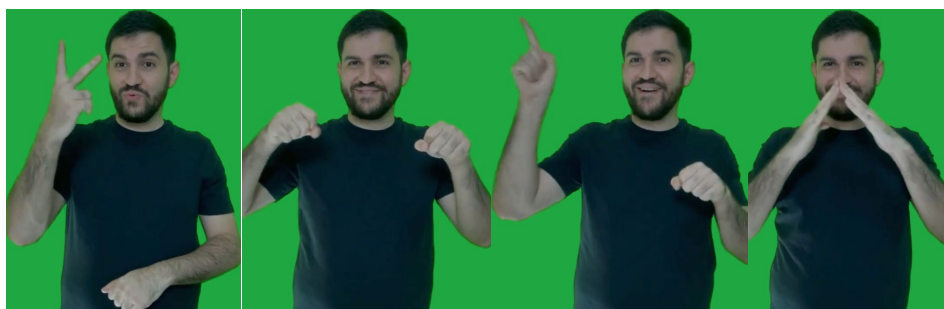


A sinalizante representada apontou para um dos *notebooks* com a configuração de mão em IX e, após isso, indicou quem era o possuidor, fazendo referência à primeira pessoa pelo pronome possessivo POSS₁ (IX), materializando algo equivalente a “é meu”; ou seja, há uma certa noção de estado nessa sentença. Em seguida, a sinalizante indicou o outro *notebook* e quem é o segundo possuidor, utilizando o pronome possessivo POSS₃ (IX), na terceira pessoa, para formar uma relação predicativa equivalente a “é dele”, em que há noção de estado. O dado também apresenta a assimilação da configuração de mão em IX por todos os sinais dessa sentença.

Em (95), há um dado coletado em campo no qual ocorre o uso de um pronome possessivo em uma formação predicativa, semelhante ao que ocorre em “é dele” e “é meu”, em que há certa noção de estado. Os elementos possuídos são MOTO AZUL e (MOTO) PRETO. Novamente, percebemos que, como na outra sentença discutida, o verbo (é) está implícito.

Ainda nessa sentença, o sinal IX (DEM) significa algo como “lá” (referindo-se ao local da casa citada pelo sinalizante). Apresentado como o possuidor do objeto referido pelo sinal MOTO AZUL, o participante de terceira pessoa foi realizado a partir da configuração de mão em P, na produção do pronome POSS₃ (P). O sinal MOTO PRETO associa-se à configuração de mão em IX, que faz referência à primeira pessoa e compõe uma relação de posse, sendo especificamente o pronome POSS₁ (IX).

(95) Possessiva predicativa POSS₃ e POSS₁ – (É)-pronome



DOIS

MOTO

IX (DEM)

CASA



MOTO

AZUL

POSS3 (P)

PRETO

POSS1 (IX)

‘Há duas motos em casa. A moto azul é dela e a preta é minha.’



Os dados (96), (97) e (98) a seguir também evidenciam a posse predicativa a partir da construção (É)-pronome.

(96) Predicativa POSS₁ – (É)-pronome



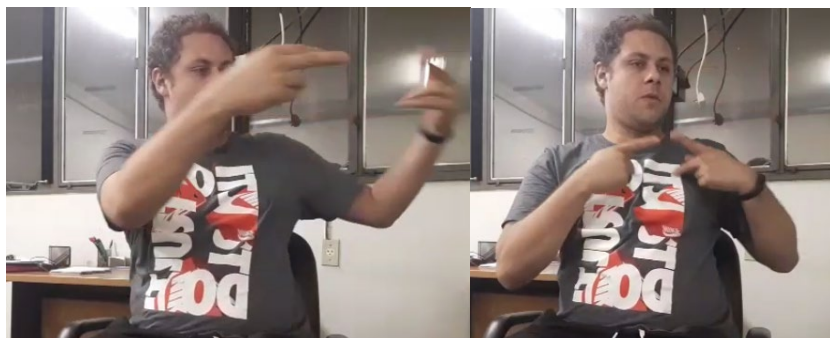
HORA

POSS₁ ++ (P)

‘O relógio é meu.’



(97) Predicativa POSS₁ – (É)-pronomes



COISAS

POSS₁ ++ (P)

‘As coisas são minhas.’



(98) Predicativa POSS₁ – (É)-pronomes



TUDO

POSS₁ ++(P)

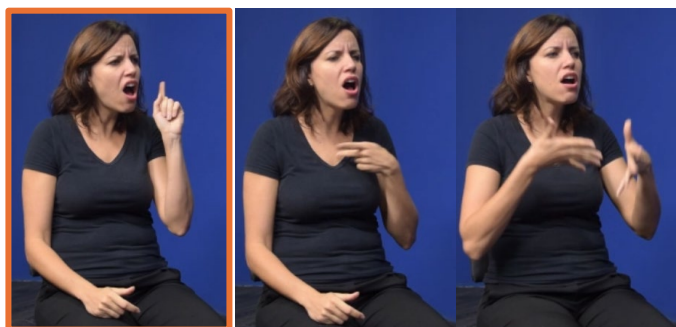
‘Tudo é meu.’



Os dados anteriores apresentam os elementos possuídos na posição preposta aos possuidores nas sentenças. O dado foi produzido em um contexto de entrevista, em que o entrevistador, na época, perguntou ao entrevistado o significado do sinal EGOÍSTA. Na construção, sugerimos que há uma construção de posse com intensidade. Nos três exemplos, é realizada a referência à primeira pessoa com a configuração de mão em P, acompanhada de repetição do movimento por duas vezes. Nesses casos, os pronomes POSS₁ (P) (relativos aos possuidores) aparecem em posição posposta na sentença. A diferença observada é que, em (96), apenas uma mão realiza o pronome POSS₁ (P), enquanto em (97) e (98) ocorre a realização com as duas mãos. Essa variação pode estar relacionada à assimilação, causando duplicação manual, influenciada pelos sinais referentes aos possuídos em precedência (COISAS e TUDO), ambos bimanuais.

Sobre o dado em (99), a participante surda explica a história de como ela descobriu a sua língua. O dado apresenta uma relação de posse predicativa inalienável e abstrata.

(99) Predicativa POSS₁ – (É)-pronome



É POSS₁₊₊₊ (P) LÍNGUA-DE-SINAIS

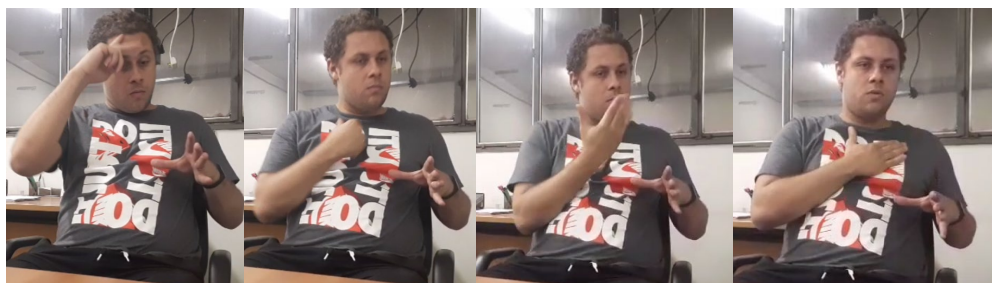
‘Isso é minha língua de sinais.’



No dado anterior, a sinalizante produziu a construção (é)¹³ seguida do pronome POSS₁ (P), na primeira pessoa, com repetição de movimento. Nesse caso, ela sinalizou o pronome juntamente à expressão facial, de maneira a trazer ênfase à parte traduzida como “é minha”. Nessa relação, LÍNGUA-DE-SINAIS é aquilo que se possui.

Os dados (100) e (101) também exibem posse predicativa com construção (É)-pronome, mas com a configuração de mão em B fazendo referência à primeira pessoa. Também há repetição de movimento. Construídas com o predicado (É)-pronome POSS₁, as sentenças trazem os possuidores pospostos aos sintagmas que denotam os possuídos.

(100) Predicativa POSS₁ – (É)-pronome



EGOÍSTA

POSS₁ (IX)

COMER

POSS₁ ++ (B)

‘Egoísta, é que eu como comida, a comida é só minha.’



(101) Predicativa POSS₁ – (É)-pronome



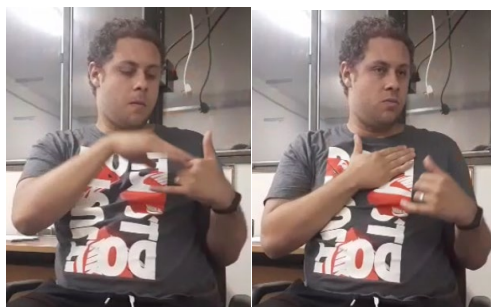
EGOÍSTA (celular)

IX-você

MEXER-celular

NÃO

¹³ Neste dado, a construção (é) pode ser um empréstimo linguístico da língua portuguesa para a Libras.



IX (md)

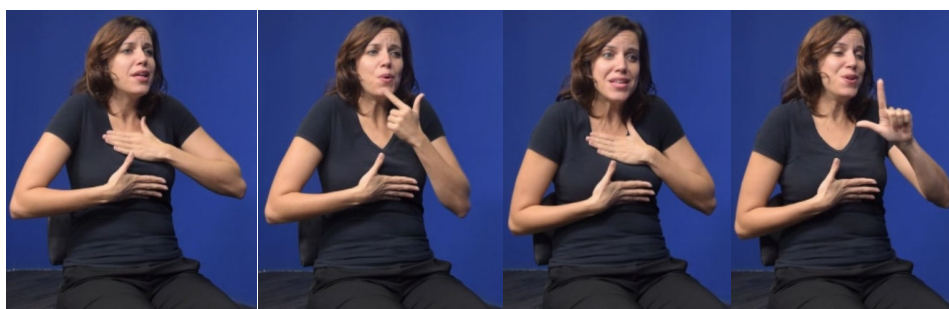
POSS₁ ++ (B)

‘Egoísta é que o celular é só meu, você não mexe nele, o celular é só meu.’



Em (102), a sinalizante articula duas sentenças predicativas a partir da construção com (É)-pronome e POSS₁ (B), com o pronome fazendo referência à primeira pessoa. Na primeira sentença, o possuído é LÍNGUA, enquanto, na segunda sentença, o possuído é L1 (primeira língua).

(102) Predicativa POSS₁ – (É)-pronome

POSS₁ ++ (B)

LÍNGUA

POSS₁ (B)

L1

‘[A língua de sinais] é minha língua, é minha primeira língua.’

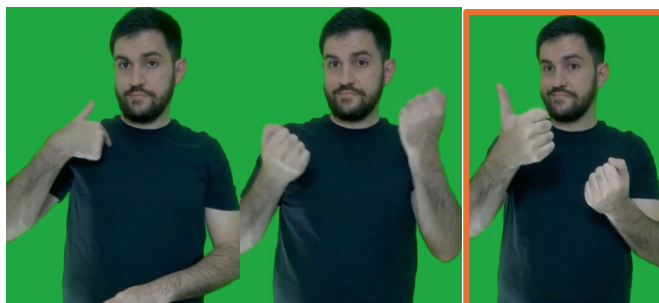


4.5.3 Sinal POSITIVO

O sinal POSITIVO atua como um verbo, de maneira semelhante a construções com TER. No caso de POSITIVO na Libras, parece haver uma marcação não manual associada: elevação de sobrancelhas e discreto aceno de cabeça.

Os dados do sinal POSITIVO enquanto parte de uma construção de posse foram pouco frequentes na pesquisa. Encontramos apenas 2 dados em que os participantes produzem o sinal POSITIVO relacionado à posse predicativa. Em (103), o participante surdo sinalizou a primeira pessoa mediante a configuração de mão em IX e, após isso, sinalizou POSITIVO, que, neste caso, apresenta leitura de posse, tendo CARRO como o elemento possuído.

(103) Predicativa POSS₁ – POSITIVO



IX₁

CARRO

POSITIVO

‘Eu tenho carro.’



Entendemos que essa sentença pode parecer ambígua, pois pode também significar “eu dirijo bem”, porém, no contexto da conversa, notamos que a pergunta feita ao sinalizante de (103) foi se ele tinha carro. Em resposta, ele sinalizou essa sentença. O contexto, portanto, retira a possível ambiguidade.

Semelhantemente, no dado em (104), obtido em observação de campo, há relação de posse predicativa a partir do sinal POSITIVO, que permite a predicação entre o argumento possuidor e o argumento possuído.

(104) Predicativa POSS₁ – POSITIVO

MÁQUINA-LAVAR

IX₁

POSITIVO

‘Eu tenho máquina de lavar.’



O argumento possuído MÁQUINA-LAVAR foi realizado no início da sentença e o argumento possuidor está na primeira pessoa, tendo sido realizado a partir do pronome pessoal IX. Ao fim da sentença, há a articulação do sinal POSITIVO. Esses dois últimos dados são parecidos, porém, há diferença nas organizações sintáticas dos argumentos. Embora tenham uma organização sintática distinta, ambas as sentenças realizam construção de posse a partir do predicado POSITIVO.

4.5.4 Sinal PRÓPRIO

Nos dados, o sinal PRÓPRIO é feito de modo bimanual e, para sua realização, a mão dominante é configurada em P e faz um deslocamento no plano horizontal, ao ir do sentido lateral ao medial, fazendo contato com a mão não dominante. A mão não dominante fica aberta, com a palma voltada para a medial e os dedos estendidos. O contato é realizado entre a região radial da mão dominante e a região da palma da mão não dominante. O sinal é articulado sem repetição.

O sinal PRÓPRIO não foi considerado um pronome possessivo, pois ele não substituiu um nome. Logo, na análise do *corpus*, notamos que, em todas as ocorrências de construção de posse com o sinal PRÓPRIO, tanto o referente possuidor quanto o referente possuído foram articulados nas sentenças.

No dado a seguir, é interessante que são apresentadas duas sentenças com o sinal de posse repetido. Parece confuso a princípio, porém, compreendemos quando entendemos que o significado é algo próximo a “Você cuida de si mesmo, e eu cuido de mim mesmo”. O sinalizante não produziu o sinal VIDA, pois, pelo contexto, esse já seria recuperado, dado que tinha sido utilizado em um momento antes, em que se falava sobre participantes do BBB.

(105) PRÓPRIO



IX-você

PRÓPRIO

POSS₂ ++ (P)

MESMO



POSS₁ ++ (B)

PRÓPRIO

POSS₁ (B)

MESMO

‘Você cuida de si mesmo, e eu cuido de mim mesmo.’

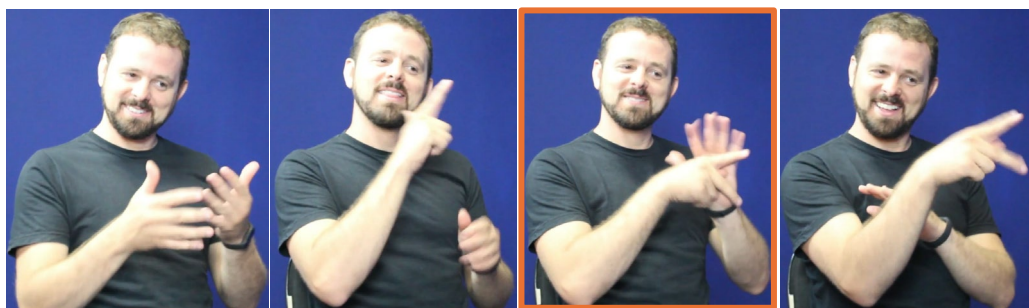


O sinalizante realiza o apontamento IX-você e, assim, aponta ao corpo do referente possuído, que é a segunda pessoa do discurso. Ademais, ele usa o pronome possessivo com configuração de mão em P, POSS₂ (P), referindo-se ao possuidor. Este último sinal tem seu movimento repetido duas vezes. Na segunda sentença, o sinalizante apresenta o contrário da ordem da primeira sentença, pois inicialmente realiza o pronome POSS₁ (B), fazendo referência à primeira pessoa a partir da configuração de mão em B, com movimento repetido duas vezes,

depois sinaliza PRÓPRIO e traz, dessa forma, um significado próximo a “meu próprio corpo”, sendo isso antes de repetir o sinal POSS₁ (B), porém, sem repetição do movimento.

Ao realizar o dado em (106), o participante surdo fez uma complementação ao que foi sinalizado por outra participante surda durante a gravação do material para o *corpus*. Observemos o dado com mais atenção.

(106) PRÓPRIO



LIBRAS

LÍNGUA

PRÓPRIO

POSS₂ ++ (P)

‘A Libras é a sua própria língua.’



Notamos que o participante surdo realiza o dado com o pronome POSS₂ (P), fazendo referência à segunda pessoa, e realiza o sinal relativo ao possuído, que é o sinal LIBRAS, e que apresenta o sinal PRÓPRIO com intensidade, porém, percebe-se que o sinal PRÓPRIO também está relacionado ao verbo (é), de forma oculta.

Em (107) a seguir, também observamos uma relação apoiada pelo verbo (é) associado ao sinal PRÓPRIO.

(107) PRÓPRIO



ESCOLA

PRÓPRIO

SURDO

‘A escola é própria do surdo.’



Percebemos que o participante utilizou expressão facial junto ao sinal PRÓPRIO em combinação com o verbo (é). O sinal ESCOLA denota o que é possuído, próprio dos surdos. Com isso, o sinal SURDO aparece como o possuidor, não sendo realizado nenhum pronome pessoal para expressar essa relação.

Notamos que, nos dados anteriores com o sinal PRÓPRIO, há sobrancelha levantada e a cabeça do sinalizante abaixa e levanta levemente, ainda sugerindo-se uma noção estativa propiciada por verbo de estado. O mesmo ocorre no dado a seguir.

(108) PRÓPRIO



A-R-T-E

DESENHAR

PRÓPRIO

CULTURA

POSS₃ (P) LETRAS-LIBRAS

‘A arte é a cultura própria do Letras: Libras.’



No dado anterior, como mencionado, há o uso da sobrancelha e da cabeça na realização do sinal PRÓPRIO. O sinal POSS₃ (P), com referência à terceira pessoa, é feito no local em que ocorre o sinal LETRAS-LIBRAS, ambos marcados no mesmo lugar. Sinaliza-se CULTURA como um adjetivo de A-R-T-E, sinal realizado por soletração, e o possuidor é sinalizado como LETRAS-LIBRAS.

(109) PRÓPRIO (adjetivo)

POSS₁ (IX)

CASA

PRÓPRIO

‘Minha casa própria.’¹⁴



¹⁴ A sentença pode ser considerada ambígua. Uma outra possibilidade de interpretação é “eu tenho uma casa própria”.

O dado (109) apresenta um possuidor indicado pelo sinal POSS₁ (IX), que faz referência à primeira pessoa, e o sinal CASA, que denota o possuído, ao qual está relacionada a expressão adjetival PRÓPRIO, realizada juntamente ao aumento da intensidade da afirmação causado pelo uso da expressão facial. É interessante identificar as leituras tiradas desta expressividade, como a intenção de afirmar que a casa tem somente um único dono e não é um empréstimo ou que não é casa de aluguel. Talvez com a intenção de veicular algum desses sentidos, ele expressou assim a sentença na interação espontânea.

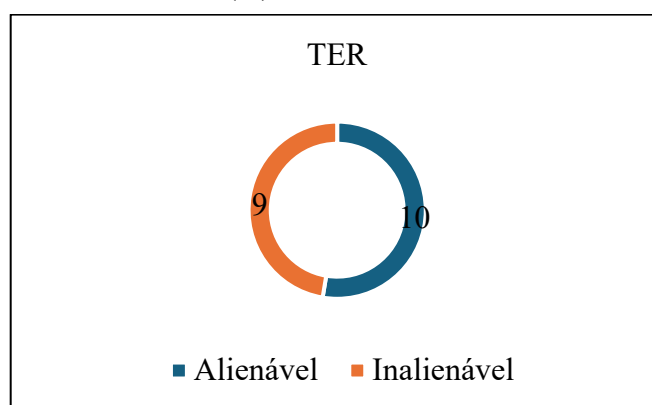
O acompanhamento comum de expressões sugere que o sinal PRÓPRIO, em alguns contextos, apresenta um significado semântico inerente enquanto unidade lexical, não necessariamente estrelado à possessividade. Além disso, observamos que, no último dado, o sinal não se apresenta como um verbo. Então, essa não seria uma posse predicativa a partir do uso de PRÓPRIO. Esse sinal apresenta-se como um adjetivo pelo qual o participante traz ênfase à posse do objeto CASA.

4.5.5 Alienabilidade

Quanto à posse predicativa, são totalizados 19 dados realizados a partir do verbo TER, 13 dados, a partir do predicado (É)-pronomine, 22 dados, a partir do sinal PRÓPRIO, e apenas 2 dados foram realizados a partir de POSITIVO.

O gráfico a seguir, na Figura 37, exhibe o quantitativo de dados de posse com o verbo TER em relação à (in)alienabilidade.

Figura 37 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com TER em relação à (in)alienabilidade

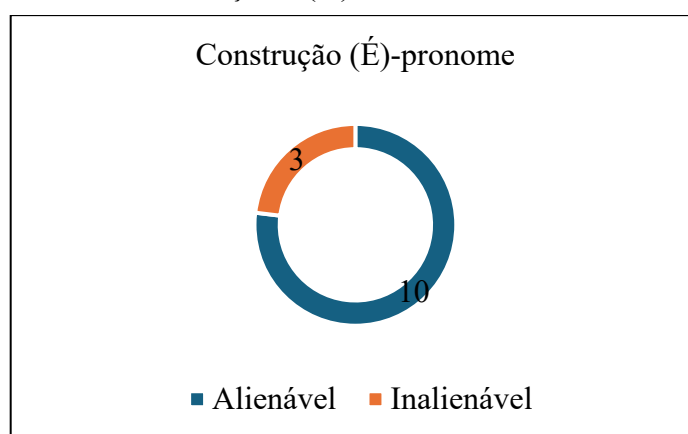


Fonte: elaboração própria.

No gráfico anterior, apresentamos a distribuição de construções com TER em relação à (in)alienabilidade, sendo 10 dados em leitura alienável e 9 dados em leitura inalienável. Os dados sugerem que não há marcação que diferencie posse alienável de posse inalienável.

O gráfico a seguir, na Figura 38, apresenta a distribuição dos dados com (É)-pronome também em relação à leitura de (in)alienabilidade.

Figura 38 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com construção (É)-pronome em relação à (in)alienabilidade



Fonte: elaboração própria.

Em relação à construção com (É)-pronome, identificamos 10 dados com relação de posse alienável e 3 dados com relação inalienável. Embora sejam poucos os dados, a posse predicativa com construção (É)-pronome parece não fazer distinção entre alienável e inalienável.

Por sua vez, o gráfico a seguir ilustra a alienabilidade em relação à posse predicativa com POSITIVO. Ressaltamos que foram identificados apenas 2 dados.

Figura 39 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com POSITIVO em relação à (in)alienabilidade

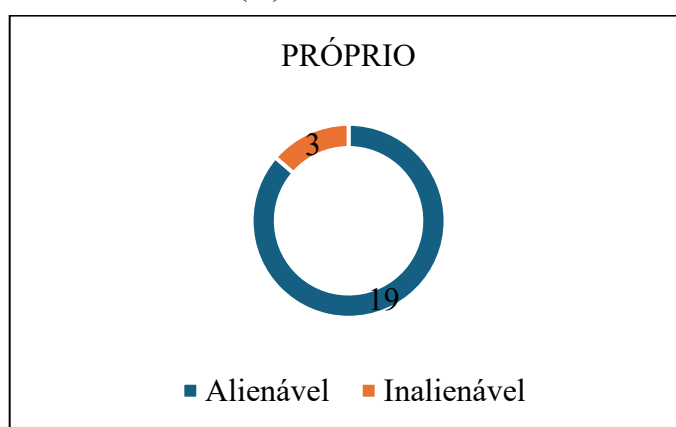


Fonte: elaboração própria.

Em relação à posse predicativa a partir do sinal POSITIVO, os únicos dois dados foram de posse alienável. Mais dados são necessários para uma generalização mais segura.

Já sobre o sinal PRÓPRIO, ele foi registrado na tabela de Excel considerando sua relação quanto à (in)alienabilidade. Com isso, pudemos contabilizar e distribuir esses dados de acordo com essa relação. O sinal PRÓPRIO apresenta-se em 22 dados no total e a distribuição desse quantitativo em relação à (in)alienabilidade é a seguinte.

Figura 40 – Gráfico sobre o quantitativo de sentenças com PRÓPRIO em relação à (in)alienabilidade



Fonte: elaboração própria.

Por fim, o gráfico anterior identifica que, nas sentenças com PRÓPRIO, há 19 dados em que ocorre a relação de posse alienável e apenas 3 dados em que ocorre a inalienável.

4.6 Sinal EX (passado nominal)

Identificamos dados que apresentam o sinal EX e em que consideramos haver uma relação de possessividade. Particularmente nesses casos, o significado veiculado é o de posse passada, que não existe mais na atualidade. Durante a análise, encontramos 4 dados com o sinal EX (passado nominal) e 2 dados com o mesmo sinal, mas nos quais ele não apresentava relação com a leitura de passado nominal. Estes casos, apresentaremos para fins de comparação.

O dado a seguir exibe uma sentença em que o sinalizante apresenta o pronome pessoal em uma relação com o sinal EX de passado nominal. O pronome possessivo utilizado é POSS₁ (B), com configuração de mão em B, que se realiza pela ação de tocar no tronco do possuidor, e depois dele é utilizado o sinal ALUNO, referindo-se ao possuído.

(110) Posse com passado nominal, EX



IX-ele

EX

POSS₁ (B)

ALUNO

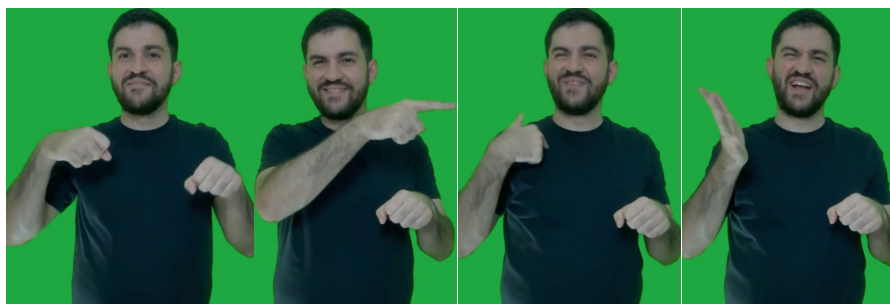
‘Ele já foi meu aluno/ele era meu aluno.’



Como podemos observar, essa sentença não apresenta a posse como algo que se mantém atualmente, mas como algo que já ocorreu. No tempo presente, o indivíduo referido não é mais aluno dele, do sinalizante.

Diante de alguns dados, notamos que o sinal EX pode formar uma relação possessiva cuja parte verbal seria traduzida como “era”; no entanto, há também sentenças em que EX se relaciona à noção de posse mesmo sem um pronome possessivo, como no dado a seguir.

(111) Posse passado nominal – EX



MOTO

IX-este

IX-eu

JÁ



EX

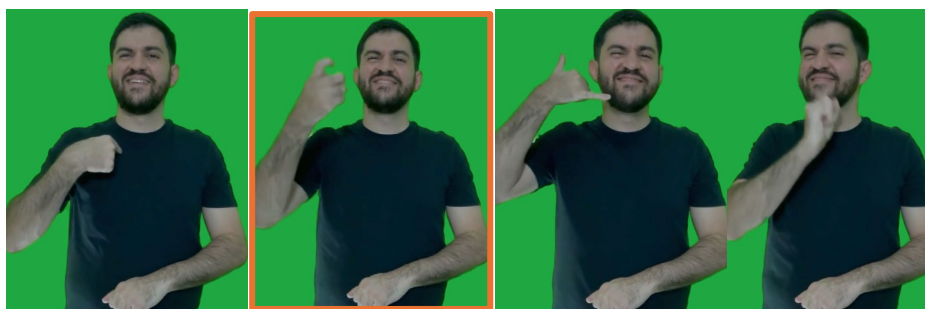
‘Eu tinha uma igual a essa moto.’



O dado anterior mostra que o sinalizante inicia a sentença ao expressar o objeto possuído, MOTO, indicando com a configuração IX a moto, que, na realização original, estava presente fisicamente. Ainda, o sinalizante faz o sinal EX, trazendo a leitura de passado nominal, a qual indica que a moto mencionada foi, no passado, uma propriedade, e também faz o apontamento condizente ao pronome pessoal com configuração de mão em IX referente à primeira pessoa, antes do uso de JÁ. Nessa sentença não há o pronome possessivo, pois ela já apresenta um sinal com apontamento como pronome pessoal, complementado por EX e JÁ, que deixam claro o significado próximo a “tinha” ou “usava”.

O dado (112) a seguir apresenta uma sentença em que o sinalizante articulou o pronome pessoal (configuração de mão em IX) fazendo referência à primeira pessoa e o sinal EX, que se associa ao possuído CELULAR. Na sentença, VELHO é um modificador de CELULAR.

(112) Posse passado nominal – EX



IX-eu

EX

CELULAR

VELHO

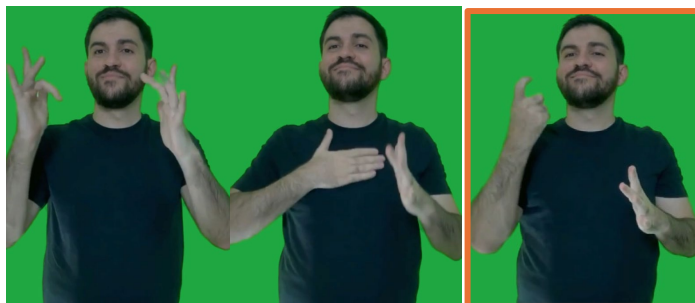
‘Meu celular antigo.’



O dado anterior mostra que o participante sinaliza CELULAR como o possuído e como algo que o dono já teve. Para essa interpretação no passado, é de relevância concluir com o sinal EX, que tem relação com a posse trazendo a ela o passado nominal.

Já em (113), o dado sugere que o sinal EX parece ser um empréstimo do prefixo “ex” da língua portuguesa, como em “ex-esposo”, “ex-marido”, “ex-jogador” e “ex-presidente”. O prefixo “ex” na língua portuguesa significa “fora de algo”, “saída”, “separação”, “afastamento”, “extração”, sendo outros exemplos “exfiltrar”, “expatriar” e “exterritorialidade”. Nesse sentido, a partir da datilologia, o sinal EX parece ter sido incorporado ao léxico da Libras e, atualmente, constrói a noção de passado nominal. Vejamos mais alguns exemplos.

(113) Posse passado nominal – EX



NAMORAD@

POSS₁ (B)

EX

‘Minha ex-namorada.’



O dado anterior mostra que o sinalizante expressa o referente possuído como NAMORAD@, realiza o pronome possessivo com configuração de mão em B tocando no seu peito e finaliza com o sinal EX. Este sinal traz a interpretação de que o relacionamento ocorreu em um momento passado.

Por sua vez, nos dados em (114) e (115), o sinal EX não apresenta uma relação de posse quando significa o passado do nominal. A partir do contexto, o sinal EX parece ter uma noção predicativa estativa, como tem o verbo “era”.

(114) Dado para comparação (em que EX não denota posse)



PORQUE

IX₁

EX

PASSADO

CRIANÇA



PEQUENO

IDADE

5

‘Porque eu era criança, tinha 5 anos de idade.’



O dado anterior evidencia que o sinal EX parece significar um estado em um tempo passado, e não uma relação de posse entre possuidor e possuído, ainda que, como nos outros exemplos discutidos, permaneça a noção de passado (passado nominal). Dessa maneira, trata-se de um dado que não expressa posse. Consideremos mais um caso.

(115) Dado para comparação (em que EX não denota posse)



IX-eu

EX

MORAR

CALDAS NOVAS

‘Eu morava em Caldas Novas.’



No dado anterior, o sinalizante articula o sinal de indicação (configuração de mão em IX) enquanto pronome pessoal, mas não faz referência ao elemento possuído; o sinal EX parece ser um marcador de tempo passado; e há o verbo MORAR, seguido do advérbio de lugar CALDAS NOVAS. Na sentença, observamos que o sinal EX pode ter um significado de posse além do de passado nominal, de maneira a estabelecer uma relação entre os elementos possuidor e possuído. Há também um significado estativo relativo ao passado, no mesmo sentido de “era”, ou um marcador de tempo passado, atuando como um advérbio temporal.

4.7 Omissão (apagamento) do agente

O apagamento do agente é um comportamento que identificamos nos dados, a partir do uso do pronome possessivo (configuração de mão em P) que, atrelado a um sintagma verbal, permite o apagamento do agente. A identificação dessa estrutura aconteceu durante a pesquisa descritiva sobre o sistema de posse atributiva na Libras (El Khouri, 2020, 2023). Durante a análise, vimos que, em alguns dos dados, o “pronome possessivo” que, prototipicamente, vincula uma entidade possuída a uma entidade possuidora promovia esse apagamento. Nessas situações, o “possessivo” não estabelecia posse. Mais precisamente, o sinal glosado POSS++ (P) não era um pronome possessivo.

Observamos que isso ocorre em dados que têm um efeito semântico de apagamento do agente, que é feito a partir da presença do pronome com configuração de mão em P

acompanhado de repetição e expressão facial específica (os cantos da boca do sinalizante ficam deprimidos). Esse sinal é articulado com o objetivo de promover o apagamento do agente de forma a construir a concepção de que o evento acontece por ele mesmo, ou ainda de descrever um estado que é inerente ao participante, sem um motivo causador evidente desse evento ou estado. Apresentamos dois dados para ilustrar esse sinal que promove o apagamento do agente.

Em (116), o dado apresenta o sinal POSS++ (P) em relação a HUMANO, “corpo humano”. O evento INFARTO é concebido como um evento que aconteceu sem uma causa aparente, ou que o justificasse. Essa concepção é obtida a partir do sinal POSS++ (P). O sinal é articulado de maneira a indicar o corpo do sinalizante, ou ainda a indicar o evento de INFARTAR, que é feito por um sinal ancorado ao corpo. Na primeira imagem representando POSS++ (P), o sinal tipicamente seria articulado com apenas uma mão, mas o sinalizante o articulou de maneira bimanual, talvez por assimilação do número de mãos (duplicação) do sinal HUMANO.

(116) Apagamento do agente



CÉLULA

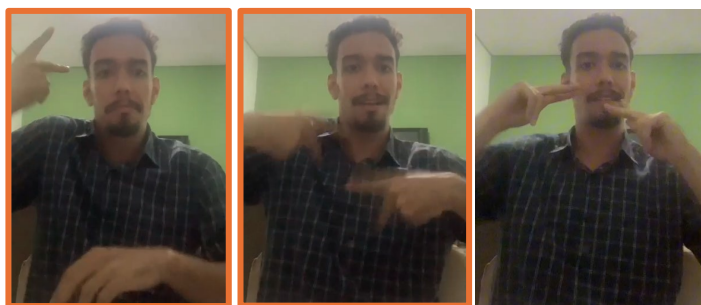
VEIA

TER



INFARTO

PALM-UP



POSS++ (P)

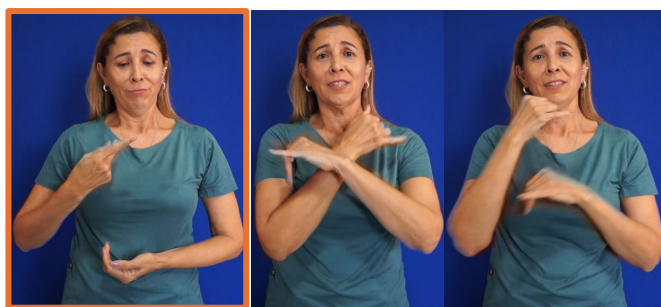
HUMANO

‘Pode ser que tenha havido infarto do coração, não sabem o motivo, aconteceu algo no corpo.’



Já no dado em (117) a seguir, a participante estava contando uma história que envolvia a si mesma e o seu irmão. Ela diz que foi teimosa no período da escola e que os professores o chamavam para ir à escola por causa dela. Ela não sabia o motivo de ter tanta energia e de ser tão levada. Na narrativa, ela sinalizou a seguinte sentença.

(117) Apagamento do agente



POSS++ (P)

ENERGIA



NÃO-SABER

RESPONDER

PALM-UP

‘Não consigo parar, estou tendo muita energia e não sei o porquê.’

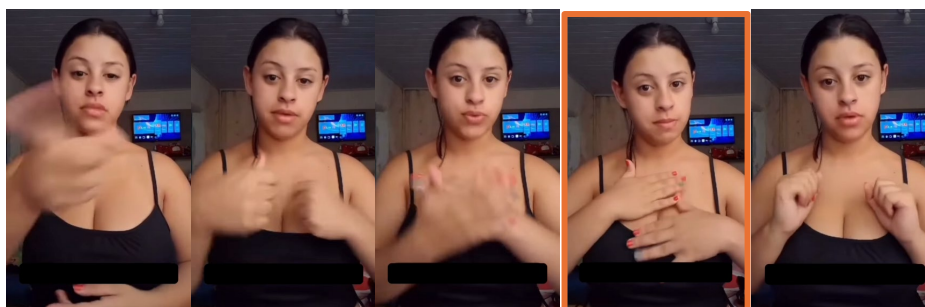


Nesse caso, o sinal POSS++ (P) é direcionado ao corpo da sinalizante porque o sinal ENERGIA também apresenta esse ponto de articulação, construindo a concepção de que o corpo tem muita energia e não há motivo aparente para isso. Observemos, por fim, que os cantos da boca da sinalizante estão deprimidos, o olhar é direcionado para o próprio corpo e a sobrancelha parece estar um pouco levantada.

4.8 Configuração de mão em B como pronome oblíquo

Na análise de dados, identificamos construções em que os participantes utilizam a configuração de mão em B fazendo referência à primeira pessoa, com ou sem repetição de movimento, a qual tem uma forma semelhante à forma do pronome possessivo, mas que se trata de um pronome oblíquo. Nesses dados, o sinal traz uma noção similar à noção de “para mim”, por ser um pronome oblíquo. A seguir, apresentamos três dados em que o pronome oblíquo de primeira pessoa tem a mesma forma que o pronome possessivo com configuração de mão em B.

(118) Pronome oblíquo



IX-todo

PODER

AJUDAR

POSS₁ ++ (B)
(para-mim)

PODER

‘Todos podem me ajudar, podem?’



Nesse primeiro dado da seção, a participante sinaliza uma oração simples, em que o predicado AJUDAR estabelece um dos argumentos que recebe a ação a partir do pronome POSS₁ (B), articulado de maneira repetida e bimanual. Ressaltamos que o sinal POSS₁ (B) é um pronome oblíquo de primeira pessoa e apontamos que a expressão facial sugere polidez. O dado em (119) a seguir apresenta uma construção semelhante.

(119) Pronome oblíquo



TODO

GOSTAR-NÃO

POSS₁ ++ (B) (para-mim)

‘Todos não gostam de mim.’



O participante anterior produz o verbo GOSTAR-NÃO e estabelece como um dos argumentos a primeira pessoa por meio do pronome oblíquo POSS₁ (B), que apresenta a mesma forma do pronome possessivo com a configuração de mão em B.

Já no dado em (120), o pronome oblíquo, que apresenta a mesma forma do pronome possessivo com a configuração de mão em B, é utilizado para passar a ideia de ponto de vista e opinião.

(120) Pronome oblíquo



POSS₁ ++ (B) MELHOR
(para-mim)

‘Para mim, é melhor’.



Novamente, o pronome oblíquo de primeira pessoa apresenta a mesma forma que o pronome possessivo com a configuração de mão em B. Nesse dado, especificamente, trata-se de uma expressão de ponto de vista ou de opinião, significando algo como “pra mim, é melhor”.

Portanto, os dados apresentados nesta seção até aqui evidenciam o uso do pronome oblíquo, que, embora tenha a mesma forma de possessivos, não possui relação com construções possessivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizou uma descrição da categoria de posse na Libras, iniciada em uma pesquisa sobre posse atributiva (El Khouri, 2020). A pesquisa anterior foi expandida por esta tese para contemplar tanto a posse atributiva quanto a predicativa, a partir da observação de um número maior de dados, incluindo dados do Corpus de Libras.

De acordo com Baldi e Nuti (2010), a posse é um domínio complexo presente em todas as línguas do mundo e envolve uma relação entre dois componentes linguísticos, o possuído e o possuidor. Nesse sentido, baseamo-nos na tipologia linguística enquanto abordagem de estudo da linguagem humana, com o objetivo de ter acesso a diferentes possibilidades de manifestação do sistema de posse em línguas orais e línguas de sinais, a fim de compreender melhor as formas e funções desse sistema e, assim, descrever a manifestação de posse na Libras a partir de dados da língua em uso.

A tipologia linguística é oportuna para a descrição de línguas ainda pouco descritas por apresentar tendências de manifestação nas línguas do mundo, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, de modo a valorizar as diferenças entre elas e ressaltar os fenômenos pouco frequentes. A descrição de línguas de sinais é extremamente importante para que a linguística possa revisitar os universais da linguagem, que têm sido estabelecidos para as línguas naturais a partir de estudos feitos apenas em línguas orais.

Os objetivos da pesquisa foram descrever as estratégias de posse disponíveis na Libras, identificar os sinais pronominais e os sinais lexicais que expressam posse na Libras, descrever padrões articulatórios e sintáticos e identificar construções que, prototipicamente, estão relacionadas à posse, mas codificam também outras propriedades. A análise envolveu (1) dados do Corpus de Libras, (2) dados recebidos por mensagens no aplicativo WhatsApp e disponíveis via Stories do Instagram, (3) dados do banco intitulado “Temáticas recorrentes nas piadas surdas”, (4) dados coletados em campo; e (5) um dado em vídeo no qual uma professora surda aborda narrativas de surdos.

Ao todo, os dados foram produzidos por 32 participantes surdos. Os sinalizantes autorizaram o uso dos dados e das imagens, que foram analisados pelo pesquisador surdo a partir do *software* ELAN e do programa Excel. Para a análise, mobilizamos dados quantitativos e qualitativos sobre a manifestação de posse atributiva e predicativa na Libras.

De acordo com a análise dos nossos dados, a posse atributiva na Libras acontece a partir (1) de pronomes possessivos com configurações de mão em IX, P e B, (2) da justaposição e (3)

do uso do espaço de sinalização. Essas estratégias estabelecem a relação entre um sintagma nominal possuidor e um sintagma nominal possuído.

Por sua vez, a posse predicativa acontece a partir (1) do sinal TER, (2) da construção (É)-pronome, (3) do sinal POSITIVO e (4) do sinal PRÓPRIO. Os sinais TER e POSITIVO predicam argumentos que funcionam como entidade possuidor e entidade possuída. A construção (É)-pronome e sinal PRÓPRIO parece predicar sobre o possuidor, e o pronome presente na construção parece funcionar como um modificador com características adjetivais. Identificamos formas pronominais não relacionados à posse, como o pronome possessivo com a configuração de mão em P que se atrela a um sintagma verbal e promove apagamento do agente e o pronome possessivo com a configuração de mão em B que funciona como pronome oblíquo.

Sobre pronomes possessivos, identificamos as formas com as configurações de mão em IX, P e B. Identificamos uma maior frequência de uso da configuração de mão em IX. Os dados envolvem construções alienáveis e inalienáveis. Sobre a (in)alienabilidade, parece não haver diferenças articulatórias, embora tenhamos percebido uma possível tendência de apagamento do pronome possessivo de primeira pessoa quando se refere a partes do corpo e a termos de parentesco (inalienáveis)

Há uma distribuição distinta entre a forma do pronome e as pessoas do discurso. Os pronomes com as configurações em IX e P apresentam distribuição mais ampla, porém, o pronome possessivo com configuração em P parece não abarcar a primeira pessoa plural. O pronome possessivo com configuração de mão em IX parece abarcar todas as pessoas do discurso, apesar de não termos encontrado dados referentes à segunda e terceira pessoa do plural. Nesse sentido, mais dados precisam ser analisados para uma generalização consistente. Ainda sobre a configuração de mão em relação às pessoas do discurso, o pronome com a configuração de mão em B é restrito à primeira pessoa do singular.

Sobre a articulação dos pronomes, apresentamos alguns padrões, como número de mãos, repetição e posição do pronome em relação ao referente possuído. Parece haver uma tendência pela monomanualidade e posição preposta. Os pronomes com as configurações de mão em IX, P e B não apresentaram repetições na maioria dos usos.

A posse por justaposição parece seguir a ordem núcleo-modificador, em que o referente possuidor é articulado após o referente possuído. Nesse sentido, identificamos a prevalência do posicionamento possuído-possuidor. A maioria dos dados por justaposição estabelece posse alienável, e não identificamos diferença articulatória considerando a (in)alienabilidade.

Identificamos alguns dados em que a relação de posse foi estabelecida a partir do uso do espaço de sinalização. A direcionalidade presente na realização do predicado IR e de SINAL sugere a identificação do elemento possuidor, de forma que se dispensa uma marcação mais explícita, por exemplo, por meio do uso de pronomes. Sugerimos também a necessidade de mais pesquisas para aprofundar essa relação entre direcionalidade, uso do espaço e posse.

Além disso, os sinais de indicação que se referem às partes do corpo humano parecem dispensar o uso de pronome possessivo de primeira pessoa. Vimos também uma tendência de apagamento de pronomes possessivos quando os elementos possuídos são denotados por termos de parentesco. Termos de parentesco denotam, prototipicamente, entidades possuídas inalienáveis.

Em relação à posse predicativa, identificamos três sinais que predicam seus argumentos como possuído e possuidor. Essas construções foram predicadas por TER, POSITIVO, PRÓPRIO e por (É)-pronome. O sinal PRÓPRIO mostrou-se ser um item lexical relacionado com a manifestação de posse em Libras, embora pareça haver uma semântica lexical remanescente. Esse sinal é geralmente articulado em posposição ao referente possuído e em preposição ao referente possuidor. Sobre a (in)alienabilidade, a maioria das construções com o sinal PRÓPRIO tem leitura alienável, e não identificamos diferença articulatória considerando a (in)alienabilidade. A maioria das construções de posse predicativa envolveu uma relação alienável e não identificamos diferença articulatória a partir da (in)alienabilidade. A construção (É)-pronome parece selecionar o argumento possuído a partir de uma noção de estado envolvendo o participante. Nesses casos de posse predicativa, a relação de posse com POSITIVO encontra-se apenas em 2 dados. São necessárias mais pesquisas para aprofundar o conhecimento sobre esse uso.

Por sua vez, o sinal EX parece trazer uma leitura de possessividade a partir do passado nominal; ou seja, traz uma relação de posse que existiu antes, mas que atualmente não existe. Contudo, percebemos que há uma semântica lexical inerente ao sinal EX, que parece ser um marcador de tempo passado e de uma noção de estado também em tempo passado.

Durante a análise de dados ainda na pesquisa prévia sobre posse atributiva (El Khouri, 2020), observamos o uso do pronome possessivo com a configuração em P atrelado a um sintagma verbal, mas em uma construção que apresentava uma semântica de posse diferente. O efeito semântico dessa construção é causado pelo apagamento do agente, de maneira que se informa que o evento ocorreu espontaneamente, sem ser causado por um agente. Além desse, outro efeito possível é que, em algumas situações, as ações do sintagma verbal sejam atribuídas ao participante (agente) como sendo ações características dele, inerentes aos seus

comportamentos. Nos dados, ainda observamos que o pronome possessivo com a configuração de mão em P é articulado em posposição ao sintagma verbal, de maneira repetida e com uma marcação não manual específica (depressão dos cantos da boca).

Identificamos também sendo sinalizada de maneira repetida a forma do pronome oblíquo de primeira pessoa que tem semelhança com a forma do pronome possessivo de primeira pessoa com a configuração de mão em B. Esse pronome oblíquo significa algo próximo a “para mim”. Durante a análise, identificamos essa forma utilizada como uma estratégia de polidez.

Ressaltamos que mais estudos precisam ser feitos, ampliando o *corpus* de análise a fim de realizarmos generalizações mais robustas. Essa necessidade fica mais evidente quando entendemos que o estudo da manifestação de posse na Libras contribui para compreendermos mais sobre sua forma e seu funcionamento, além de lançar reflexões sobre os universais da linguagem, tanto intramodais quanto intermodais. Por fim, outro ponto a ser considerado é que a descrição de posse na Libras pode contribuir para a produção de materiais voltados ao ensino de Libras como primeira língua no contexto de educação bilíngue, ao ensino de Libras como língua adicional na educação básica e, principalmente, à formação de professores no momento da consideração da estrutura e do funcionamento da Libras.

REFERÊNCIAS

- BAKKER, Dik. Language sampling. *In*: SONG, Jae Jung (ed.). **Linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 100-127.
- BALDI, Philip; NUTI, Andrea. Possession. *In*: BALDI, Philip; NUTI, Andrea (org.). *New perspectives on historical Latin syntax. Constituent syntax: quantification, numerals, possession, qnaphora*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 239-388.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BERENZ, Norine. **Person and dêixis in Brazilian Sign Language**. 1996. Dissertation (PhD in Linguistics) – University of California, 1996.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro. Reimpressão. 2010.
- CARNEIRO, Bruno Gonçalves. **A categoria 'número' em línguas de sinais**. 2020. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- CHEN PICHLER, Deborah; CHALBER, Katharina; HOCHGESANG, Julie; MILKOVIC, Marina; WILBUR, Ronnie B.; VULJE, Martina; PRIBANIC, Ljubica. Posse e existência em três línguas de sinais. *In*: QUADROS, Ronice Muller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de (org.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. p. 117-129.
- COMRIE, Bernard. **Language universals and linguistic typology**. Syntax and morphology. 2. ed. Chicago: Chicago University Press, 1989.
- CORMIER, Kearsy; FENLON, Jordan. Possession in the visual-gestural modality: How possession is expressed in British Sign Language. *In*: McGregor, W. B. (ed.), **The Expression of Possession**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.
- CORMIER, Kearsy. Pronouns. *In*: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. *Sign language: an international handbook*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012. p. 227-244.
- CROFT, William. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática do português contemporâneo**: edição de bolso. Organização Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- DANIEL, Michael. Linguistic typology and the study of language. *In*: SONG, Jae Jung. (ed.). **The Oxford handbook of linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 43-68.

DE VOS, Connie. **Kata Kolok Color Terms and the Emergence of Lexical Signs in Rural Signing Communities**. *Senses & Society*, v. 6, n.1, p. 68-76, 2011.

EL KHOURI, José Ishac Brandão. **Estratégias de expressão de posse em Libras**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Câmpus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2020.

EL KHOURI, José Ishac Brandão. O sistema de posse e o apagamento do agente na Libras. In: CARNEIRO, Bruno Gonçalves.; COURA, Felipe de Almeida; SOUSA, Aline Nunes de. (Orgs). **Língua Brasileira de Sinais: Linguística Aplicada, Educação e Descrição Linguística**. 1. ed. Campinas: São Paulo: Pontes Editores, 2023, p. 250 - 273.

EL KHOURI, José Ishac Brandão; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; CRUZ, Aline da. **Verbos de indicação na Libras: possíveis evidências de distanciamento**. *Porto Das Letras*, 3(1), 2017, p. 88–100.

FELIPE, Tanya Amara. **Libras em contexto**. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II**. Princípios de análise. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v. 2. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph H. (Ed.). **Universals of Language**. Standford: Standford University Press, 1963, p. 58-90.

HEINE, Bernd. Ways of explaining possession. In: BARON, Irène; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (org.). **Dimensions of possession**. Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 311-328.

HENDRIKS, Bernadet. I have therefore I exist: possession in Jordanian Sign Language. In: ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela (ed.). **Possessive and existential construction in sign languages**. Reino Unido: Ishara Press, 2008.

HENDRIKS, Hermina Berndina. **Jordanian Sign Language: aspects of grammar from a cross-linguistic perspective**. Janskerkhof: LOT, 2008.

HENGEVELD, Kees. **Non-verbal predication: theory, typology, diachrony**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

HERSLUND, Michael; BARON, Irène. Introduction: dimensions of possession. In: BARON, Irène.; HERSLUND, Michael; SORENSEN, Finn. (org.). **Dimensions of possession**. Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 1-25.

KROEGER, Paul. R. **Analyzing grammar: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. American Sign Language: the phonological base. *In*: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press, 1989.

LYONS, John. **Language, meaning, and context**. Suffolk, Great Britain: Fontana Paperbacks, 1981.

MEIER, Richard. P. Why different, why the same?: explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. *In*: MEIER, Richard. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, David. **Modality and structure in signed and spoken languages**. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 1-26.

MENDOZA, Eugenio Ravelo. Possession and existence in Venezuelan Sign Language (Lengua de Señas Venezolana). *In*: ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela (ed.). **Possessive and existential construction in sign languages**. Reino Unido: Ishara Press, 2008.

MORAVCSIK, Edith A. Explaining language universals. *In*: SONG, Jae Jung (ed.). **The Oxford handbook of linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 69-90.

NICHOLS, Johanna. Head-marking and dependent-marking grammar. **Language**, v. 62, n. 1, p. 56-119, mar. 1986.

NYST, Victoria. Pointing out possession and existence in Adamorobe Sign Language (AdaSL). *In*: ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela (ed.). **Possessive and existential construction in sign languages**. Reino Unido: Ishara Press, 2008.

PALFREYMAN, Nick; SAGARA, Keiko; ZESHAN, Ulrike. Methods in carrying out language typological research. *In*: ORFANIDOU, Eleni; WOLL, Bencie; MORGAN, Gary (ed.). **Research methods in sign language studies**. A practical guide. Chichester: Wiley Blackwell, 2015. p. 173-192.

PERNISS, Pamela; ZESHAN, Ulrike. **Possessive and existential constructions in Kata Kolok**. *In*: ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela (Orgs). Nijmegen: Ishara Press, 2008.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. **Sign Language**. An International Handbook. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012.

PFAU, Roland.; ZESHAN, Ulrike. Positive signs: how sign language typology benefits deaf communities and linguistic theory. **Linguistic Typology**, v. 20, n. 3, p. 547-559, 2016.

PICHLER, Debbie Chen; HOCHGESANG, Julie A. An overview of possessives and existentials in American Sign Language. *In*: ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela (ed.). **Possessive and existential construction in sign languages**. Reino Unido: Ishara Press, 2008.

PINTEREST. [s. d.]. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/216172850841134911/visual-search/?x=16&y=16&w=414&h=504&cropSource=6&surfaceType=flashlight>:. Acesso em: 30 dez. 2023.

QUADROS, Ronice Muller.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUER, Josep; FRIGOLA, Sílvia; BARBERÀ, Gemma; ALIAGA, Delfina; BORONAT, Juan Manuel; GIL, Joan M.; IGLESIAS, Pilar; MARTÍNEZ, Marina; RONDONI, Eva M. Structures of possession and existence in Catalan Sign Language. *In*: ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela (ed.). **Possessive and existential construction in sign languages**. Reino Unido: Ishara Press, 2008.

QUER, Josep; CECCHETTO, Carlo; DONATI, Caterina; GERACI, Carlo; KELEPIR, Meltem; PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. **A guide to sign language grammar writing**. Berlin, Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2017.

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SEILER, Hansjakob. The operational basis of possession: a dimensional approach revisited. *In*: BARON, Irène; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (org.). **Dimensions of possession**. Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 27-40.

STASSEN, Leon. **Predicative possession: Oxford studies in typology and linguistic theory**. Oxford: New York, 2009.

STOKOE, William. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. Studies in Linguistics: Occasional Papers, v. 8, 1960.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Corpus de Libras**. Florianópolis: UFSC, [s.d.]. Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

VELUPILLAI, Viveka. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

WHALEY, Lindsay J. **Introduction to typology**. The unity and diversity of language. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1997.

XAVIER, André Nogueira. **UMA OU DUAS? EIS A QUESTÃO!: UM ESTUDO DO PARÂMETRO NÚMERO DE MÃOS NA PRODUÇÃO DE SINAIS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**. Campinas: São Paulo, 2014.

ZESHAN, Ulrike. Indo-Pakistani Sign Language grammar: a typological outline. **Sign Language Studies**, Washington, v. 3, n. 2., p. 157-212, 2003.

ZESHAN, Ulrike. Raízes, folhas e ramos: a tipologia de línguas de sinais. *In*: QUADROS, Ronice Muller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de (org.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. p. 33-54.

ZESHAN, Ulrike; PERNISS, Pamela. **Possessive and existential constructions in sign languages**. Nijmegen: Ishara Press, 2008.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica

Por meio deste Termo, venho convidá-lo para participar de minha pesquisa, que tem como título: *A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica*. Este projeto tem por objetivo descrever a propriedade posse na Libras, a partir de dados da língua em uso, sob minha responsabilidade, pesquisador José Ishac Brandão El Khouri, docente do Curso de Letras Librase acadêmico do Doutorado em Linguística e Letras da Universidade Federal de Goiás.

Sua participação acontecerá na cessão de vídeos em libras, trocados em conversas via WhatsApp ou pelo story de Instagram, para análise da propriedade de posse na Libras e autorização para o uso de imagens. Ressalto que os vídeos atenderão apenas as demandas desta pesquisa e que não serão utilizados para outros fins. Caso esses procedimentos possam gerar algum tipo de constrangimento, você tem o direito de recusar a participar. A sua participação é voluntaria e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Após consentir a participação, se você vier a desistir de participar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas será preservado a confidencialidade e o sigilo dos dados dos participantes.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, ou solicitar assistência, em qualquer fase do estudo, poderá entrar em contato com o pesquisador José Ishac Brandão El Khouri na Coordenação do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Tocantins, no endereço Rua Três, Quadra 17, Lote 11, setor Jardim dos Ypês – CEP: 77500-000 – e-mail jose.brandao@uft.edu.br, ou pelo telefone (63) 99942-6860.

Caso queira mais informações sobre o Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins, entre em contato pelos seguintes contatos: (63) 32294023 (WhatsApp) ou cep_uft@uft.edu.br

Endereço: 109 Norte Av. NS-15, ALCNO-14. Plano Diretor Norte. CEP: 77001-090.

Palmas/TO - Av. Juscelino Kubitscheck - Palmas, TO, Brasil - Prédio Da Reitoria, Piso 2, Sala 16

Este documento é emitido em duas vias, as quais serão assinadas, por mim e por você participante, ficando uma via com cada um de nós. Esse termo também poderá ser respondido em vídeo na língua brasileira de sinais. Você receberá uma via original do seu consentimento com as assinaturas.

Eu, _____
_____, fui informado(a) sobre os procedimentos da pesquisa e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar do projeto, cedendo vídeos de WhatsApp / vídeos de story de Instagram por mim gravados e autorizo o uso de minha imagem.

Data: ____ / ____ / ____.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

De acordo com os vídeos capturados de interações espontâneas entre participantes surdos, no story de Instagram e principalmente via WhatsApp.

- () Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;
() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

A participação na pesquisa poderá causar riscos, como constrangimento, nervosismo, vergonha, desconforto e ter sentimentos mobilizados nas abordagens. Nesse sentido, tomamos algumas medidas de prevenção à esses riscos, como por exemplo garantir um ambiente acolhedor, escolhido pelo próprio participante, estar atento aos sinais “verbais” e não verbais de desconforto, liberdade em interromper a participação e não expor imagens que possibilitem

a identificação do participante, exceto quando autorizado sua utilização pelo participante. Destacamos, ainda, alguns possíveis benefícios, como repensar o uso da marcação de posse na Libras, o desenvolvimento de novas categorias de posse na Libras e a contribuição do ineditismo desta pesquisa para toda a comunidade surda.

Quanto ao material com as suas informações (vídeos/gravações) ficará guardado em local seguro sob a responsabilidade do pesquisador com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e que será destruído após a pesquisa.

É garantido a você o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação nessa pesquisa.

Os resultados deste trabalho serão apresentados e publicados em encontros ou revistas científicas, entretanto, será garantido o sigilo assegurando a privacidade e o anonimato dos/as participante/s.

José Ishac Brandão El Khouri (Pesquisador)

Termo de sessão de filmagens**Participante:**

Pesquisador Responsável:

Coordenador do projeto: José Ishac Brandão El Khouri

Título da pesquisa:**A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica******ATENÇÃO****

A sua privacidade é muito importante. Por causa disso, seus dados pessoais jamais serão veiculados nesta ou em outras pesquisas que utilizarem as suas filmagens, caso você assim determine. Ainda assim, é preciso ter clareza de que, ao consentir em participar desta pesquisa, sua imagem ficará acessível ao público acadêmico.

Dado(s) cedido (s):-----

Você deseja que seja criado um pseudônimo para ocultar a sua identidade pessoal quando os seus dados tornarem-se objeto de pesquisa?

Sim _____ Não _____

Como as filmagens arquivadas no banco de dados ficarão disponíveis ao público acadêmico, se você responder NÃO a quaisquer das questões abaixo, isso significa que você não participará do Corpus de Língua Brasileira de Sinais. Se você respondeu SIM a todas questões, seus dados passam a integrar o Corpus da Língua Brasileira de Sinais.

Você permite que as suas filmagens sejam arquivadas no projeto *A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica* para livre acesso de pesquisadores, mediante cadastro em nosso projeto?

Você permite que as suas filmagens sejam transcritas pelos pesquisadores cadastrados no projeto de *A categoria de posse na língua de sinais brasileira em uma perspectiva tipológica*, a partir da avaliação do CEP?

Você permite que fotos e trechos de suas filmagens sejam utilizados para apresentar os resultados de pesquisas em publicações científicas, em eventos acadêmicos, e em materiais didáticos relativos ao ensino de Libras e à educação de surdos, a partir da avaliação do CEP?

Podemos continuar utilizando as suas filmagens para as finalidades acima indicadas por 5 anos?

Suas imagens serão armazenadas por um período de 5 anos num drive de posse do pesquisador desse projeto.

Você nos autoriza a publicar suas filmagens e/ou suas produções textuais no formato digital e impresso?

Sim _____ Não _____

Nome do participante

Assinatura do participante

Data da Assinatura

José Ishac Brandão El Khouri
Nome do coordenador

Assinatura do responsável

Data da Assinatura